



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÕES
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

PAULO VITOR DOS SANTOS CRISPIM

**COLÉGIO AGRÍCOLA DOM AGOSTINHO IKAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL
RURAL DE PERNAMBUCO: UM ESTUDO DE MEMÓRIA INSTITUCIONAL POR
MEIO DA ORGANIZAÇÃO DE FOTOGRAFIAS**

RECIFE

2023

PAULO VITOR DOS SANTOS CRISPIM

**COLÉGIO AGRÍCOLA DOM AGOSTINHO IKAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL
RURAL DE PERNAMBUCO: UM ESTUDO DE MEMÓRIA INSTITUCIONAL POR
MEIO DA ORGANIZAÇÃO DE FOTOGRAFIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Ciência da Informação. Área de concentração: Informação, Memória e Tecnologia.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Assis Pinho

RECIFE

2023

Bibliotecária Lílian Lima de Siqueira Melo – CRB4/1425

C932c Crispim, Paulo Vitor dos Santos
Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas da Universidade Federal Rural de Pernambuco: Um estudo de memória institucional por meio da organização de fotografias / Paulo Vitor dos Santos Crispim. – Recife, 2023.
130f.: il.

Sob orientação de Fábio de Assis Pinho.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2023.

Inclui referências e anexos.

1. Fotografia - memória. 2. Memória Institucional. 3.CODAI-UFRPE. 4. Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas. I. Pinho, Fábio de Assis (Orientação). II. Título.

020 CDD (22. ed.)

UFPE (CAC 2023-94)

PAULO VITOR DOS SANTOS CRISPIM

**COLÉGIO AGRÍCOLA DOM AGOSTINHO IKAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL
RURAL DE PERNAMBUCO: UM ESTUDO DE MEMÓRIA INSTITUCIONAL POR
MEIO DA ORGANIZAÇÃO DE FOTOGRAFIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestra em Ciência da Informação.

Aprovada em: 24/02/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fabio Assis Pinho (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Murilo Artur Araújo da Silveira (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Eliezer Pires da Silva (Examinador Externo)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

A pessoa que me tornei;

Aos meus pais;

A minha irmã;

Ao meu orientador, Fábio Pinho;

A todos que durante esse percurso árduo que foi a construção dessa dissertação passaram por minha vida e hoje encontram-se em memória, a vocês...

Dedico!

Obrigado, Universo!

AGRADECIMENTOS

Pela onda que eu jamais pensei que um dia poderia surfar, agradeço à Deus por todo discernimento que obtive, por nunca ter me faltado fé, por sempre mostrar que estava ao meu lado, mesmo julgando que nem em todas vezes eu me encontrava na possibilidade de merecer tal acolhimento e conforto e por me guiar através de inspirações e caminhos que me fizeram concluir essa jornada.

À Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE), pelo financiamento da pesquisa durante os meses que conduziram esta dissertação.

Aos meus pais Paulo e Edine e minha irmã Manuely, que obtiveram uma importância mais que essencial nesse percurso, só nós sabemos o quanto foi difícil, muito obrigado por nunca soltarem as minhas mãos.

Ao meu queridíssimo orientador, Fábio Pinho, que demonstrou total parcialidade, confiança, autonomia, encorajamento e muita dedicação, a você sou eternamente grato.

A banca examinadora que não imagina o quanto contribuíram para esta pesquisa, Eliezer Pires e Murilo Artur.

A galega mais arretada que eu conheço, Sônia Riascos, por sempre direcionar pontuações e caminhos importantes, amo-te.

À Universidade Federal de Pernambuco por me proporcionar toda estrutura necessária para obtenção do grau de mestre.

Paulinha e Ana Katarina que na missão de amigas, estiveram sempre ao meu lado, apoiando, incentivando e ajudando de todas as formas possíveis.

Taiane, Dinha, Renata, Karol, Lane, Daffyne, Bruno, Walter, Bel, Glêmcia, Naty, Kadu, Nara, Amanda, Mirelly, Cynthia, Caio, Tia Jô, Tia Lili, Maria, Juninho, Thiago, Karen, Duh, Vtitinho, Kaio, Paty, Ariane, Jéssica, Robson, Tamara, Adalberto, Kézia, Midian, Patty, Jorge, Thiago, Neide, Angelica, Matheus, Felipe e demais amigos que estiveram ao meu lado durante todo esse percurso.

Aos meus familiares e primos que divido tantos momentos e aventuras, aos colegas e amigos que fiz durante todo percurso acadêmico, vocês foram excepcionais, em especial a Lilian, Roseane, Giane, Wheldson, Reinaldo, Matheus, Amanda, Jonatha, Paulo e Arlindo.

A quadrilha junina Zabumba, ao concurso de rei e rainha do carnaval do Recife e a escola de frevo por não deixar apagar a chama cultural que há em mim.

Agradeço aos meus queridos professores Nivalda, Gizely, Josidalva, Rosineide, Lilian, Sheila, Mônica, Fabiana, Zezinho, Inês, Cláudia, Hélio e tantos outros que conseguiram me mostrar o lado gentil e doce de lecionar e fazer acender dentro de mim a chama do amor pela educação.

A Jandira, Ingrid, Eli, Karine, Lídia, Cláudia Barbalho, Yone, Maria, Danni, Marinês, Cláudia, Angélica, Gerardo, Ana Zuleide, Paulo, Samuel, Sidney e os demais que fizeram parte do ponto inicial da minha carreira, que dentro de suas demonstrações individuais me fizeram amar a FDR e sua história, e por me ensinarem tão bem o ofício da minha profissão, cada um com sua particularidade.

Se não fosse nós, o que seria de nós? Não posso jamais deixar de agradecer a Mayara e a Paloma e dizer que desejo a vocês a luz mais linda desse universo, e que dentro do sonho de vocês tornem-se professoras de causar inveja, que consigam o sucesso e o prazer de um dia desfrutar férias à altura do quanto vocês merecem, nunca esqueçam o quanto sou grato a vocês por nossa jornada.

Ao Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas da Universidade Federal Rural de Pernambuco, por sempre me receber tão bem em todos os momentos e por me proporcionar memórias únicas, enquanto aluno, posteriormente enquanto funcionário e recentemente enquanto pesquisador.

A André, Luana, Michel, Eliete, Eduardo, Gizely, Diana, Gerlane, João, Vicente, Marquinhos, Dante e todos que passaram, que estão como funcionários e que um dia possa a vir ser do quadro desta instituição, vocês me orgulham demais e aprendi demais com todos vocês.

A Luciano nosso querido “meu rei” e Sônia, ambos encontram-se hoje em memória, a Adriana, Alexsandra, Mago, Cláudio, Amanda, Jailson, Roberto, Bruno, Edivandro, Eliane, Erília, Kal, Bia, Marília, Alexandre, Ismael, Fabiana, Mike, Galego, Miudinho, Carlinhos, Lúcia, muito obrigado.

A Patrícia Lins, que foi uma rosa que eu vi renascer feito fénix, depois que uma vasta lapada que a vida lhe deu, você me ensinou tanto, me apoiou tanto, não conseguiria nunca ser o que sou como bibliotecário se não fosse por você que Nossa Senhora continue te iluminando com seu manto sagrado e que você na sua jornada possa cada dia mais se sentir realizada, gratidão.

A todos alunos que me acolheram tão bem, que me homenagearam como melhor funcionário, que depositaram em mim elos de amizade, cumplicidade, e dividiram sonhos, intrigas, relacionamentos, dúvidas e tantos momentos únicos, não serei louco de citar nomes para não correr o risco de esquecer algum e me sentir péssimo depois, vocês tiveram o dom de me mostrar que nossa essência nunca deve ser esquecida ou posta de lado.

Minhas mães, amigas, confidentes, guerreiras que me acolheram sem igual e estavam em tantos momentos massa! Maria, Ceça e Dora, jamais esquecerei da importância de vocês.

A todos que com muita atenção, força de vontade e amor, colaboraram nas suas entrevistas para concepção desta pesquisa.

E para não dizer que eu não falei das flores e nem dos meus reais amores, agradeço à Stº Antônio, Stº João e Stº Pedro, nunca esquecerei da nossa missão. Afinal, não se dorme na Europa!

Tirar fotos é prender a respiração quando todas as faculdades convergem para a realidade fugaz. É organizar rigorosamente as formas visuais percebidas para expressar o seu significado. É pôr, numa mesma linha, cabeça, olho e coração. (CARTIER-BRESSON apud CHIODETTO, 2004, on-line).

RESUMO

Trata-se esse estudo de uma pesquisa sobre memória institucional por meio da organização de fotografias como elemento de difusão social da instituição que será conduzido, a partir de uma pesquisa empírica com abordagem qualitativa, de caráter documental e exploratório, no Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas (CODAI) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Objetiva-se analisar as fotografias do Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas da Universidade Federal Rural de Pernambuco como artefato de memória institucional. Em termos específicos, pretende-se: Identificar e selecionar fotografias do colégio de acordo com as características, social, política e estrutural, descrevendo as fotografias e suas características físicas e de conteúdo; além de identificar aspectos memorialísticos institucionais a partir da descrição das fotografias. Os principais resultados relacionam-se ao fato de que a pesquisa intensificará a teoria sobre fotografia como dispositivo de memória institucional dentro da área de Ciência da Informação, e empiricamente promoverá a difusão da memória de uma instituição de ensino com relevante atuação na formação profissional, destacando o seu papel social e as maneiras da sociedade conhecê-la, intensificando a sua importância na formação educacional da sociedade e toda sua trajetória na educação de Pernambuco e na cidade de São Lourenço da Mata.

Palavras-chave: fotografia; memória; memória institucional; CODAI-UFRPE; Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas.

ABSTRACT

This study is a research on institutional memory through the organization of photographs as an element of social diffusion of the institution that will be conducted, from an empirical research with a qualitative approach, of documental and exploratory nature, at Dom Agostinho Ikas Agricultural College (CODAI) of the Federal Rural University of Pernambuco (UFRPE). The objective is to analyze the photographs of the Dom Agostinho Ikas Agricultural College of the Federal Rural University of Pernambuco as an artifact of institutional memory. In specific terms, it is intended to: Identify and select photographs of the school according to its social, political and structural characteristics, describing the photographs and their physical characteristics and content; in addition to identifying institutional memorialistic aspects from the description of the photographs. The main results are related to the fact that the research will intensify the theory about photography as an institutional memory device within the area of Information Science, and empirically will promote the dissemination of the memory of an educational institution with relevant performance in professional training, highlighting its social role and ways for society to know it, intensifying its importance in the educational formation of society and its entire trajectory in education in Pernambuco and in the city of São Lourenço da Mata.

Keywords: photography; memory; institutional memory; CODAI-UFRPE; Dom Agostinho Ikas Agricultural College.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Câmera escura	47
Figura 2 -	Câmera Kodak- 1988	48
Figura 3 -	Câmera Brownie nº 1 com embalagem original, fabricada pela Eastman Kodak	49
Figura 4 -	Sala de Estudo do Aprendizado Agrícola de Pacas- 1937/ Fotografia Digitalizada	65
Figura 5 -	Diário da Manhã, 28 de março de 1938	71
Figura 6 -	Diário de Pernambuco, 14 de maio de 1942	71
Figura 7-	Diário de Pernambuco, 08 de julho de 1941	72
Figura 8 -	Diário de Pernambuco, 14 de setembro de 1941	72
Figura 9 -	Diário de Pernambuco, 14 de setembro de 1941	73
Figura 10 -	Reportagem em homenagem a Dom Agostinho Ikas, logo após sua morte no Diário de Pernambuco em 05 de dezembro de 1968	74
Figura 11 -	Dom Agostinho Ikas	74
Figura 12 -	Diário de Pernambuco, 04 de setembro de 1969	75
Figura 13 -	Diário de Pernambuco, 14 de outubro de 1969	75
Figura 14 -	Diário de Pernambuco, 11 de dezembro de 1969	76
Figura 15 -	Diário de Pernambuco, 15 de novembro de 1970	78
Figura 16 -	Diário de Pernambuco, 15 de novembro de 1970	78
Figura 17 -	Diário de Pernambuco, 22 de agosto de 1970	79
Figura 18 -	Diário de Pernambuco, 17 de março de 1971	79
Figura 19 -	Diário de Pernambuco, 24 de abril de 1971	80
Figura 20 -	Diário de Pernambuco, 08 de maio de 1971	80
Figura 21 -	Diário de Pernambuco, 27 de setembro de 1985	83
Figura 22 -	Arquivo da Instituição, primeiro certificado da FIA	83
Figura 23 -	Diário de Pernambuco, Data não identificada 1985	84
Figura 24 -	Diário de Pernambuco, 09 de outubro de 1987	84
Figura 25 -	Diário de Pernambuco, 05 de dezembro de 1981	86
Figura 26 -	Área de muribara no ano de 2018/ Professor Everson Luta pela expansão do pau-brasil - Diário de	86

Figura 27 - Pernambuco, 02 de maio de 1983	87
Já existiu curso noturno no CODAI - Diário de	87
Figura 28 - Pernambuco, 04 de fevereiro de 1983	89
Figura 29 - Andréa de Melo Soares Nunes	98
Figura 30 - Apresentação da Chapa	102
Figura 31 – Portão de entrada do CODAI-Centro	103
Figura 32 - Letreiro atual do prédio	113
Figura 33 - Mandala	

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 -	Organização relacionada aos processos sociais	37
Quadro 2 -	Particularidades entre Memória Institucional e Organizacional	37
Quadro 3-	Tipos de produtores de documentos	45
Quadro 4-	Diferença do documento entre tradição e inovação	52
Quadro 5-	Objetivos e Metas a serem alcançados	59
Quadro 6-	Categorias para classificação das fotografias	61
Quadro 7-	Metadados selecionados para descrição das fotografias	62
Quadro 8 -	Refeitório do colégio	63
Quadro 9 -	Discurso de Lima Cavalcanti, Governador de Pernambuco, no ato da Inauguração da escola	65
Quadro 10 -	Sala de Aula	68
Quadro 11 -	Sala de Aula	70
Quadro 12 -	Alba e Edson na saída para o almoço	77
Quadro 13 -	Lateral da Escola	81
Quadro 14 -	Quadra poliesportiva do colégio	82
Quadro 15 -	Muribara	85
Quadro 16 –	Quadra poliesportiva do CODAI, Feira de Informações em agropecuária e Conhecimentos Gerais	88
Quadro 17 -	Sala de Desenho	90
Quadro 18 -	FIA	92
Quadro 19 -	Biblioteca Professor Roldão de Siqueira Fontes	93
Quadro 20 -	Auditório do Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas	95
Quadro 21 -	Campus Senador Ermírio de Moraes- Tiúma	99
Quadro 22 -	Núcleo de apoio ao estudante NAE, do Colégio Agrícola Agostinho Ikas	104 106
Quadro 23 -	Parede externa	108
Quadro 24 -	Sala de Aula do CEGOE- UFRPE	108
Quadro 25 -	Sala de Aula do CEGOE- UFRPE	111

LISTA DE SIGLAS

CI	Ciência da Informação
CEGOE	Centro de Ensino de Graduação
CODAI	Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas
EAD	Educação a Distância
FIA	Feira de Informação Agropecuária e de Conhecimentos Gerais
NAE	Núcleo de Apoio ao Estudante
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
XML	Extensible Markup Language

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	DA INFORMAÇÃO A MEMÓRIA INSTITUCIONAL UM PERCURSO CRONOLÓGICO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	22
3	ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO: DO DOCUMENTO ÀS INTERFACES DA FOTOGRAFIA	41
4	PERCURSO METODOLÓGICO	58
5	POR TANTO AMOR, POR TANTA EMOÇÃO, ÉS A MINHA HISTÓRIA AQUI	64
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
	REFERÊNCIAS	118
	ANEXO A - CARTA DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO	126
	ANEXO B - LEI MUNICIPAL DE VENDA DO PRÉDIO DO CODAI CENTRO	127
	ANEXO C - ORGANOGRAMA DO CODAI	128

1 INTRODUÇÃO

O dicionário Michaelis tem dezessete colocações diferentes para o significado de memória, essa indagação é importante para entender os vários contextos em que a palavra memória, podem ser aplicados (MEMÓRIA, 2022, on-line). Contextos que nem sempre incluem registros, que nem sempre incluem palavras, mas, que sempre carregam histórias. Sejam essas, histórias presentes em uma imagem, em um objeto, em um documento, ou apenas na lembrança de alguém; tudo que contiver uma memória é um suporte, e tem alguma informação passível de compartilhamento.

O entendimento da importância da memória advém, principalmente, das consequências atribuídas ao esquecimento. A expressão “um povo sem memória é um povo sem história. E um povo sem história está fadado a cometer, no presente e no futuro, os mesmos erros do passado” da historiadora Emília Viotti Costa¹ traz a ideia de um tipo de memória mais específico, a memória social.

A ideia de contrapor memória ao esquecimento é interessante porque não se pode lembrar tudo que aconteceu ou foi ensinado ao longo da vida, a mente humana conserva somente o que é necessário para a existência futura. Observando por esse contexto, como definir a memória social? Como manter a memória de um povo, quando não se sabe quais os preceitos serão utilizados para estabelecer o que é necessário para existência futura? Para responder a estas perguntas apresentaremos algumas premissas a seguir.

Seria essa uma nova revolução do *mnemon*, na mitologia e na lenda os *mnemones* eram os servidores dos heróis que os acompanhavam sem cessar, para lembrar-lhes uma ordem divina cujo esquecimento proporcionaria a morte (LE GOFF, 1994). Trataria então de uma figura que seria capaz de nunca se esquecer de nada, ou simplesmente, uma nova ferramenta capaz de salvaguarda sem perda em longo prazo.

Essa ferramenta talvez nem seja uma ferramenta em si, visto que no contexto de uma elaboração cultural social, vários pontos são unidos em prol de uma única memória, um único objetivo, as junções dessas nuances sociais, agregam e permeiam o entendimento dessa elaboração no sentido mais amplo e verídico da coisa.

¹ COSTA, Emília Viotti da. Entrevista com Emília Viotti da Costa. In: MORAES, José Geraldo Vinci; REGO, José Márcio. **Conversas com Historiadores Brasileiros**. São Paulo: Edições 34, 2002.

Pollak (1992) instrui que a memória é algo construído no coletivo e ao passar do tempo é sucessivo a constantes variações e mudanças, contudo, ao percorrer da vida o indivíduo, com os mais diversificados acontecimentos vividos, a sua memória se habilita a uma mudança e em contrapartida agrega constantes construções.

Já parou para pensar que muitas vezes em uma simples conversa com amigos antigos do tempo de escola, cada um relembra um fato vivido naquela época, e aos poucos a sua mente de forma biológica trabalha e entra na conexão daquela memória? Isso ocorre de maneira esporádica e conjunta, e logo, todos estão fomentando uma história que foi vivida e lembrada por parcelas colaborativas de todos os presentes, isso é afirmado quando Felipe e Pinho (2018, p. 91) dizem que “memória é a faculdade que acondiciona informações de caráter ligadas ao individual e coletivo”.

Uma conversa atíca dentro de você essa função psíquica, capaz de reviver momentos que até poucos minutos se faziam presentes em um esquecimento, que por hora não tivera sido visitado, e quando essa visita vem com o auxílio de documentos que corroboram com essa demonstração, é como se houvesse acontecido uma explosão de sentimentos, elementos e informações vivenciadas.

Documento esse que de certa forma está associado, muitas vezes, à fotografia, suporte esse, compreendido como documento auxiliador. Isso porque a fotografia estimula a lembrança, e essa lembrança vem com o choque instantâneo de maneira momentânea, entender essa ligação é lembrar que segundo Rodrigues (2007, p. 69) a fotografia “é o ato de escrever com luz”. Compreender que esse documento, registra o congelamento daquele momento com a mais perfeita certeza de que realmente o ocorrido relatado foi vivenciado.

A memória é fundamental para a sociedade, visto que é através da memória que a cultura, a religião, o ensino, os ritos, os cultos entre outros fatores, só são vivenciados e rememorados com seu auxílio. Fazendo-se assim ponto primordial para a construção e fomentação da identidade. Para alimentar esse preceito, Chapouthier (2006, p. 9) afirma que memória “é a capacidade que certos seres vivos têm de armazenar no sistema nervoso, dados ou informações sobre o meio que os cerca, para modificar o próprio comportamento”.

Tratar esse elemento identidade é a demonstração de como se é perceptível reconhecer e distinguir o indivíduo do coletivo, é a elaboração e determinação de uma construção de personalidade, a memória está ligada aos hábitos, costumes e as

demais experiências vividas ao longo do tempo, isso porque não se produz memória, se revisita.

E esses elementos não se distanciam quando o assunto é instituição, ou melhor, a memória institucional, que diferentemente do ser vivo sua capacidade de construção lidar no armazenamento de documentos variados, visto que o documento reflete e demonstra à história da mesma, essa memória é um meio de comunicação com a sociedade, objetivando-se que as instituições estão presentes na construção da identidade de seus sujeitos, principalmente quando se trata de instituições de ensino.

A questão fundamental continua sendo a dos atributos da memória. Todos sabiam que uma memória não se molda necessariamente a uma ordem cronológica, que ela pode ser irruptiva, projetiva, confusa, contraditória [...]. As funções culturais das memórias ditas coletivas não correspondem senão a uma maneira possível, dentre outras, de estabelecer uma ordem dinâmica de traços mnêmicos. [...]. A memória não deixa de brincar com a identidade, embora mantenha um pacto com ela. Para quem quer que seja, o interesse conferido a lembrança só se torna princípio de satisfação na confusão das evocações nesse emaranhado que chama outras lembranças, ainda que a busca da verdade ou da autenticidade seja a sua finalidade aparente. (JEUDY, 1990, p. 19)

Dessa forma, Quadros e Brito (2008, p. 9) contribuem quando afirmam que:

Estudar o passado de uma instituição educativa no presente significa, portanto, identificar interrupções, descontinuidades e rupturas na vida institucional. É dar conta da instauração de certos discursos, quais suas condições de emergência, produção, formas de institucionalização e como se interconectam dentro de contextos históricos a partir do entrelaçamento de significações existentes na sociedade (as quais constroem espaço para a emergência de tais discursos), biografias e estrutura social.

Usando essa explicação anterior, o objeto a ser analisado e estudado será o conjunto de fotografias do Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas da Universidade Federal Rural de Pernambuco (CODAI – UFRPE) que é um órgão da UFRPE, voltado para educação profissional e de nível médio. Originou-se em 1936, no Aprendizado Agrícola de Pacas, no município pernambucano de Pacas, em Vitória de Santo Antão, sendo vinculado à Secretaria Estadual de Agricultura. Foi transferido posteriormente para o Engenho de São Bento, em 1938, local onde havia funcionado a Escola de Agronomia de Pernambuco, núcleo inicial da UFRPE. Já com posse do nome de Aprendizado Agrícola de São Bento, foi incorporada à Universidade em meados de

1957, sendo renomeado, onze anos depois, como Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas.

O nome foi dado em homenagem ao professor de zootecnia, Dom Agostinho Ikas, monge beneditino remanescente do grupo de religiosos alemães que, em 1912, fundou a Escola Superior de Agricultura em Pernambuco; era um homem atento às necessidades sociais do povo do vale de Tapacurá, mantendo-se ativo na escola até o seu falecimento que ocorreu no ano em que recebeu a homenagem.

Justificar essa pesquisa é antes de qualquer coisa, analisar a abordagem realizada dentro do livro: "**Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**" (MILLS, 2009), que trata de um relato autoral com objetivo de que cientistas iniciantes se tornem menos pessoal ao relatar as suas próprias experiências. Apostando assim relatos e procedimentos que amadureçam os cientistas sobre métodos e teorias em seu estudo.

Salienta que os pensadores acadêmicos, não separam seu trabalho de suas vidas, utilizam ambos para enriquecimento um do outro, isso ajuda a valorizarem suas menores experiências, pois fomenta como fonte do trabalho intelectual, essa confiança ambígua entre o trabalho e a vida, é uma maneira indispensável para originalidade no desenvolvimento de sua pesquisa.

Corroborar ainda, com a ideia da criação de um arquivo pessoal, arquivo esse, organizado por todas as suas ideias e experiências sociais, a fim de desempenhar um papel de amplitude imaginária, fazendo com que sua mente consiga enxergar e identificar nas entrelinhas o que pode ser uma extensão de uma grande pesquisa ou o que não se enquadra no contexto.

Relata ainda que é imprescindível o hábito de escrever ao menos uma vez por semana com a finalidade de possuir um hábito da escrita com pressuposto de um amadurecimento científico. Demonstra com eficácia e coesão os passos de uma elaboração de uma pesquisa empírica, demonstrando exemplificadamente através de uma pesquisa de sua autoria para a criação de um de seus livros.

Cita a importância de se analisar tudo que envolve o campo do tema o qual pretende se desenvolver sua pesquisa, mas afirma que é importante uma escrita elaborada para seu público. Com isso, diz que os cientistas permitam-se reflexões, mas não façam o isolamento dos seus pensamentos, utilizem essas reflexões para estimular a expansão dos seus raciocínios.

Partindo dessa entonação segundo o livro de Mills, que baseamos a justificativa pessoal desse trabalho, levando em consideração que a escola em análise o CODAI-UFRPE, foi onde o autor estudou e há um tempo também trabalhou, fazendo com que houvesse o ato de conectar a 'pesquisa' ao fato da 'vida' do autor, corroborando de maneira proativa para estruturação e construção dessa obra.

Por conseguinte, a justificativa desta pesquisa se baseou na necessidade de demonstrar como a disseminação da informação através da fotografia corrobora para a construção de uma memória institucional, dentro dos preceitos da organização da informação.

Desta maneira entendemos que a memória é um instrumento persuasivo da Ciência da Informação (CI), independente do suporte que será considerado, cada coisa existente carrega alguma informação, alguma história; a memória, tratada pelo viés da CI deve procurar as informações que contam tal história, transformando memórias individuais em informação a ser processada. Dessa perspectiva o trabalho vem com o intuito de demonstrar a importância do estudo na CI para concretizar pontos históricos da sociedade.

É fazendo essa consideração que a questão da pesquisa é apresentada: **como a organização documental de fotografias do Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas da Universidade Federal Rural de Pernambuco pode contribuir para a sua memória institucional?**

O principal pressuposto levantada é a que a memória institucional, enquadra-se como vestígios de uma história vivida e concretizada, partindo assim um embasamento da organização através das fotografias, verberam a escala pontual dessa história e através dessa unificação se estruturam os alicerces necessários para o entendimento social, político e ideológico do CODAI-UFRPE.

A pertinência e adequação desta pesquisa ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação e à linha de pesquisa Memória da Informação Científica e Tecnológica se explicam porque a fotografia, enquanto instrumento para Organização e Representação do Conhecimento, corrobora com a memória da informação científica e tecnológica à medida que dinamiza e reafirma sua originalidade como documento, visto que essa temática norteia as dimensões teórico-conceituais da área, alimentando os preceitos em que dentro da CI, o documento possui seus vários suportes e dentro dessa salvaguarda a memória se enquadra como alicerce proposital de sua logística.

Por fim, o objetivo geral desta pesquisa é analisar as fotografias do Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas da Universidade Federal Rural de Pernambuco como artefato de memória institucional. Para alcançá-lo, os objetivos específicos são:

- Identificar e selecionar fotografias do Colégio de acordo com as características social, política e estrutural descrevendo as fotografias e suas características físicas e de conteúdo;
- Identificar aspectos memorialísticos institucionais a partir das descrições das fotografias.

Dessa maneira a estruturação desta dissertação, encontra-se com a seguinte ordem: a segunda seção vem relatando a construção da memória institucional a partir do entendimento de informação e memória como um todo, a terceira seção se comporta na organização da informação dentro do aspecto memorialístico através da fotografia, em seguida na quarta seção encontra-se o percurso metodológico, na seção cinco está o resultado metodológico, logo em seguida as considerações gerais e, por fim, as referências.

2 DA INFORMAÇÃO A MEMÓRIA INSTITUCIONAL UM PERCURSO CRONOLÓGICO NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Para Souza (2015, p. 35) “Na relativamente extensa história da Ciência da Informação, há uma diversidade de perspectivas que procuram explicitar o conjunto de acontecimentos em torno de sua origem e evolução”. Dessa maneira conseguimos entender que essas perspectivas conversam entre si no espaço de demarcação em que são construídas. Dentre elas as Três que procuram explicar essa origem e evolução são: a Biblioteconomia de Jesse H. Shera (1903-1982), a Documentação de Paul Otlet (1868-1944) e a Recuperação da Informação de Vannevar Bush (1890-1974).

De certa maneira, observando a linha cronológica, é indagável dizer que a origem mais distante que se aplica ao campo disciplinar da CI, se encontra de certa forma na história da biblioteconomia, tendo em vista que esta se apresenta como uma área onde aflora inicialmente a bibliografia e, subsequentemente, a documentação.

A princípio é importante salientar que esta biblioteconomia defendida como origem da CI por Jesse H. Shera, está direcionada a vertente especializada norte-americana, que tem como aproximação, questões que se relacionam à Documentação.

Por outro campo visionário, observa-se na Europa a origem da C.I entrelaçada pelo viés do desenvolvimento e pelos estudos e práticas documentárias, sugeridas por Paul Otlet e Henry La Fontaine, enquanto nos EUA a ligação se dava às questões voltadas a tecnologia introdutória da Recuperação da Informação vista pela ótica de Vannevar Bush.

Seguindo esse raciocínio é plausível destacar que dentro da visão de Miksa (1992) a biblioteconomia vem com a compreensão de uma nova área que possui sua dedicação voltada ao estudo e ao desenvolvimento profissional focados em práticas de planejamento, tratamento, organização e liberação dos acervos para um público específico, preliminarmente definido. Porém, com o avanço da modernidade, assuntos novos invadem os alicerces da biblioteconomia, assuntos esses voltados aos setores sociais, que não necessariamente estavam presentes naquele espaço institucional, anteriormente citado, levando então a ampliação do conceito de acesso dos itens bibliográficos e documentais para acesso à informação.

Utilizando dessa perspectiva, foi analisado que em 1876 voltado a problemas com a informação, aconteceu a primeira conferência da American Library Association (ALA), bibliotecários e bibliógrafos entraram em confronto com as dificuldades enfrentadas no trabalho bibliográfico, mostraram-se naquele momento motivados a desenvolver um trabalho cooperativo, detalhando o domínio da análise de assuntos e artigos de periódicos e uma criação de índices coletivos, que eram considerados como atividades elaboradas no interior das bibliotecas. Porém a continuidade dessa atividade mostrou-se ineficaz com a função do sistema de classificação adotado, e dos catálogos que planejaram para organizar os documentos com mesmo conteúdo ou conteúdos próximos. (ORTEGA, 2004)

Com o tempo esses serviços foram sendo cada vez mais assumidos pelo próspero número de documentalistas que se disponibilizavam dedicar-se às análises aprofundadas desses conteúdos, visando um tratamento mais adequado para a organização dos mesmos.

É importante mostrar que esses avanços e partilhas fizeram efeitos, a uma área de estudo que Saracevic (1995) vem defender como espaço de diferenciação da biblioteconomia para a C.I, isto porque, dentro desse contexto a Ciência da Informação, mostra-se ou parece mostrar com uma apresentação de espaço, destinado ao aperfeiçoamento e atualizações de assuntos e práticas pontuais dos bibliotecários.

De modo geral é enxergado, como incógnitas desenvolvidos pelos próprios bibliotecários, quando em suas pesquisas e estudos, desenvolvem no campo informacional assuntos e pontuações que com o processo de modernização da biblioteconomia, estende sua esfera de atuação para outros setores.

Partindo dessa premissa, o termo informação, estende seu leque de estudo para a C.I, que de maneira científica, começa a definir dentro de muitas respostas já formuladas, um significado que busque atender a originalidade da área como um todo, iniciada então por uma explanação que vem de Buckland (1991), que, ao analisar os principais usos da palavra “informação” na pesquisa em Ciência da Informação, encontrou três principais: *informação-como-processo* (é o ato de informar) *informação-como-conhecimento* (aquilo que é percebido na “informação-como-processo” e processado de maneira intrínseco); *informação-como-coisa* (é usado para designar objetos).

Tendo em consideração que a informação se põe em um patamar tanto tangível quanto não tangível, Buckland apresenta uma nova forma de definição de informação, *processamento da informação*, que é uma nova maneira de enxergar as novas formas de informação como coisa.

Em uma diretriz aproximada Vreeken (2002), após averiguar outros autores que procuravam definir os conceitos de informação, propôs quatro usos básicos: Informação como coisa (considerada como entidade física), informação como processo (maneira intrínseco de se informar), informação como construção social (compartilhamento dos sistemas sociais), informação como probabilidade (analisar a probabilidade da mensagem enviada). Entre tantos que poderiam ser elencados.

Para melhor entender a aplicabilidade dessas discriminações informacionais, Smit (2012) detalhou os processos de informação, baseando-se numa concordância entre as posições dos autores: Capurro (2003) e Vega-Almeida, Fernández- Molina e Linares (2009), esses traçam uma evolução da informação baseada na concepção de paradigmas, havendo três momentos paradigmáticos, tais como: Paradigma físico; Paradigma cognitivo; Paradigma social.

A partir dessa base pesquisada, Smit (2012) corrobora com fases que entrelaçam melhor esse entendimento, essas fases são: *Informação e Conhecimento; Informação e Comunicação; Informação para todos, e, O consumidor da Informação.*

Começando pela percepção vista em *Informação e Conhecimento*, que é dada através da ótica que para se conseguir conhecimento é preciso elaborar apropriações informacionais distintas de cada indivíduo. O Autor Sfez (1996) afirma que a informação, por si só, não concede o conhecimento. Sfez ainda diz que para a informação ser processada e transformada em conhecimento, é necessário a existência de duas instâncias: a primeira é a linguística que dentro da sua percepção compreende entender os termos da linguagem utilizada. A segunda é a enciclopédica que permite compreender o que se fala. “ É nesta condição que ele (o indivíduo) pode compreender e interpretar a mensagem” (SFEZ, 1996, P. 6).

Dentro do eixo *Informação e Comunicação* é abordada as diferentes aproximações que norteiam a leitura da função de informação na sociedade e sobre a relação da informação e os indivíduos. A comunicação passa a se preocupar com a recepção, ou seja, não é apenas sobre a transferência de informação e sim com o receptor, nessa visão, não basta enviar informações para se comunicar: é necessário que a comunicação seja efetiva para o receptor no sentido amplo. Barreto (1994)

corroborar quando fala que a intenção semântica da transferência, qualifica o conceito com o significado da mensagem, tendo seu uso efetivo dentro de uma ação resultante.

Em *Informação para Todos* a percepção que se é apurada vem dentro do viés que o simples oferecimento da informação não assegura sua comunicação ou a contribuição para se gerar conhecimento. Isto porque, a informação por mais meios de distribuição que tenha, ainda não é uma ferramenta igualitária, pois ainda não se tem suficiência informacional atribuída para melhoria das condições de vida do cidadão.

Já em *O consumidor da Informação* a ideia vem do conjunto completo, onde a informação vem entrelaçada com uma visão finalista de um desejo de obter a informação, em um patamar de detectar e codificar a informação disponibilizada. Claro que esse processo tem nuances que merecem ser averiguadas, cabendo uma análise da informação disponibilizada, a fim de detectar oscilações que de certo modo possam comprometer, ou custear, o processo de recuperação da informação, já que este tem por sub consequência a geração do conhecimento.

Retrogradamente em uma linha do tempo, o conceito “informação” se clarificou a partir de Claude Shannon e Warren Weaver que em seus estudos sobre informação, chegaram a uma conceitualização denominada de a “Teoria Matemática da Informação (1975)”, buscaram se inspirar no aparecimento de uma diversidade de estudos sobre a mesma e seu objeto. Shannon e Weaver (1975, p. 33) afirmam que:

O problema fundamental das comunicações é reproduzir em um determinado ponto, tão exato quanto possível, uma mensagem originada em um outro ponto. Frequentemente as mensagens contêm significado, isto é, elas se referem ou são correlacionadas a algum sistema de entidades físicas ou conceituais. Estes aspectos semânticos da comunicação são irrelevantes ao problema de engenharia. A faceta significativa é aquela em que a mensagem real tenha sido selecionada entre um grupo de possíveis mensagens. O sistema deverá ser projetado de modo a operar com qualquer das possíveis seleções a serem efetuadas, e não unicamente com aquela que realmente foi escolhida, posto que isto é desconhecido quando concebemos ou projetamos o sistema.

Contribuem ainda com a premissa de que “Nesta teoria, a palavra informação é utilizada com um sentido especial, que de maneira alguma deveria ser confundido com o de seu uso generalizado. Especificamente a informação não deve por equívoco, ser compreendida como significado” (SHANNON; WAEVER, 1975, p. 9).

Isto porque a informação dentro da ótica dos autores deve ser entendida como medida de liberdade para a escolha, exemplificando que alguém quando está diante

do processo de selecionar uma mensagem, não vá se relacionando ao que na verdade é dito, mas, ao que poderá se dizer. Compreende a resolução da incerteza, a válvula que ainda está a se concretizar ao se obter a resposta a uma questão formulada, não levando em consideração os aspectos da semântica da comunicação que na compreensão dos autores são considerados irrelevantes.

Pellegrini (2009, p.13) defende que “[...] sua origem está na solução de problemas técnicos de transmissão de sinais uma vez que a abordagem dos sistemas ocorre pelo viés da engenharia.” Para rebater com essa afirmação, ressaltando que a informação é um fenômeno que vai além dos aspectos de quantificação, Zeman salienta que ela não pode ser abordada somente do ponto de vista voltada a organização, mas, principalmente sobre a ótica da sua própria organização, dando resultados voltados a ordens diversificadas, entre elas a cultura, moral, ética, social e demais modalidades.

Portanto, Zeman (1971, p. 156-157) contribui, dizendo que:

A nosso ver, informação não é um termo exclusivamente matemático, mas também filosófico, pois não está ligado apenas à quantidade, mas também à qualidade, que, aliás, tem conexão com ela. Portanto, não é apenas uma medida de organização, é também a organização em si, ligada ao princípio da ordem, isto é, ao organizado – considerado como resultado – e ao organizante – considerado como processo. A informação é, pois, a qualidade da realidade material de ser organizada (o que representa, igualmente, a qualidade de conservar este estado organizado) e sua capacidade de organizar, de classificar em sistema, de criar (o que constitui igualmente sua capacidade de desenvolver a organização). É, juntamente com o espaço, o tempo e o movimento, uma outra forma fundamental de existência da matéria— é a qualidade de evolução, a capacidade de atingir qualidades superiores.

Dentro dessa descrição, a informação vem com uma visão superior a codificação, e sim um conjunto de atributos corroborando nessa linha, Gleick (2011), apresenta a ideia de informação como algo abrangente, polissêmico, indefinido e indefinível.

Assim:

Podemos agora ver que a informação é aquilo que alimenta o funcionamento do nosso mundo: o sangue e o combustível, o princípio vital. Ela permeia a ciência de cima a baixo, transformando todos os ramos do conhecimento. A teoria da informação começou como uma ponte da matemática para a engenharia elétrica e daí para a computação. Não à toa, a ciência da computação também é conhecida pelo nome de informática. Hoje até a biologia se tornou uma ciência da informação, sujeita a mensagens, instruções e códigos. Os genes encapsulam informações e permitem procedimentos para que estas

sejam lidas a partir deles e inscritas neles. A vida se expande por meio do estabelecimento de redes. O próprio corpo é um processador de informações. A memória reside não apenas no cérebro, mas em cada célula. Não surpreende que a genética tenha florescido junto com a teoria da informação. O dna é a molécula de informação quintessencial, o mais avançado processador de mensagens no nível celular, um alfabeto e um código, bilhões de bits para formar um ser humano. (GLEICK, 2011, p. 17),

Observa-se que a perspectiva de Gleick, vem com um ar de embasamento no que denomina-se “Teoria da Informação” de Shannon e Weaver, reafirmando claramente uma concepção que se é percebido facilmente na natureza fenomênica da informação, definido como “produto” humano e social, citados pelo autor de maneira autêntica dentro os argumentos sobre a invenção da linguagem; dos números; do alfabeto; da escrita; da imprensa; dos aparelhos e suportes utilizados na comunicação e do armazenamento da informação.

É lúcido afirmar que essa ideia vem a calhar com o que Pacheco (1995, p. 21) fala, sobre a visão da memória está direcionada como artefato, no sentido de ser um produto de confecção humana, sem existência própria na natureza, é algo produzido para construção do conhecimento humano. Essa relação ganha forma na medida que:

Se a informação é um artefato ela foi criada num tempo, espaço e forma específica, que formam um dos contextos pelo qual deve ser interpretada o contexto de sua geração. Sendo artefato ela pode ser utilizada em um contexto destinado daquele para o qual e no qual foi produzida, sendo portanto passível de recontextualização.

Advogando dentro de uma posição parecida, que já houvera sido anunciada no verbete “informação” da consagrada *Enciclopédia Einaudi*², onde cita que

[...] o conceito de informação alarga-se hoje a dois sentidos recentemente surgidos e relativamente específicos. O primeiro é o sentido estritamente técnico ou tecnológico: informação como quantidade mensurável em bit (binary digit). É a informação métrica da teoria clássica da informação, a teoria combinatória e estatística da informação, baseada na lógica e na matemática da probabilidade.

² Fundada em 15 de Novembro de 1933 por Giulio Einaudi, filho do futuro presidente italiano Luigi Einaudi, a editora imediatamente começou a ser perseguida pelo estado fascista. Conhecida por ser engajada politicamente contou com diversos colaboradores que contribuíram para a história. Publicou em após a Segunda Guerra os *Quaderni del carcere* (Cadernos do cárcere) e as *Lettere dal carcere* (Cartas do cárcere) de Antonio Gramsci. Passou por um período de crise no anos 70 e 80, mesma época do projeto Einaudi-Gallimard, uma colaboração com a editora francesa Gallimard para distribuir no mercado italiano as célebres edições da *Bibliothèque de la Pléiade*. Em 1994 foi comprada pelo grupo Mondadori, ao qual ainda pertence. Em 1998 incorporou a editora Edizioni di Comunità.

Dessa maneira as palavras de Barreto (1994) é que a informação toma um viés destinado ao conhecimento, estando disposto de maneira ordenada, estando em estruturas mentais que são composições possíveis de compreender a informação. Descreve então que o “conhecer” origina-se de maneira individual o ato de “interpretar”, alinhando as ideias sobre uma ótica que existe através da apropriação do objeto informacional das estruturas mentais de cada sujeito.

Para melhor entender essa ligação biológica da informação no nosso corpo Edwards (1994, p. 13) compartilha que:

No corpo humano, as informações são transmitidas sob a forma de pulsos que caminham ao longo de fibras nervosas. O sistema nervoso humano dirige os movimentos através da transmissão de sinais que partem dos centros controladores e caminham através dos músculos, os quais se contratam e executam o movimento ordenado.

Isto é capaz, pois a neuroplasticidade³, que pode ser definida como a capacidade que o cérebro tem de se transformar diante de pressões (estímulos) do ambiente, fazem esse papel, tornando assim possível esse armazenamento, que diferente do que muitos possam imaginar ficam guardadas dentro do cérebro, as informações ficam nas áreas difusas do cérebro, envolvidas por redes complexas de neurônios, sendo modificadas constantemente para a salvaguarda dessa informação.

Assim, a relação entre “ informação” e “memória”, vem dentro de uma ligação que hoje, não se consegue fazer uma abordagem, desligando um tema do outro, tendo em vista que os dois são inseparáveis e remetem de forma direta a um espaço cognitivo da mente humana. Considera-se a utilidade conceitual como uma forma de agregar a essencialidade e a percepção de uma apropriação que tecem dentro da CI

Saracevic (1995) descreve a CI como uma área interdisciplinar por natureza; e por se tratar de uma ciência que tem um curto prazo de pesquisas e estudos, ela tende a buscar conhecimentos em teóricos de outras ciências, tornando resultados positivos para ambas áreas. O diálogo entre a Ciência da Informação e outras ciências ocorre porque a interdisciplinaridade, ou seja, o ponto de convergência entre elas é a informação, e usando desse mecanismo a memória é algo que começa a intercalar os

³ A neuroplasticidade (plasticidade cerebral ou plasticidade neural) é a notável capacidade que o cérebro tem de mudar ou de se adaptar por meio de alterações fisiológicas resultantes da interação com o ambiente. Esse é um processo dinâmico, que permite uma adaptação a diferentes experiências e que contribui para a aprendizagem ou o ‘re-aprender’. Informação retirada através do site www.institutopriorit.com.br pela médica Kamila Castro, acessado no dia 30 de junho de 2022.

alicerces da CI, e dentro dessa análise busca-se compreender onde começou a se pensar e enquadrar a CI dentro da sociedade.

Segundo Jacques Le Goff (1994, p. 23), “a memória, como propriedade de conservar informação, reenvia-nos em primeiro lugar para um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, que ele representa como passadas”. Dentro dessa vertente Le Goff, corrobora afirmando que existem vários problemas em relação às teorias sobre a memória, isto porque, há uma linha de cientistas que abordam os fenômenos da memória dentro da esfera das ciências humanas e sociais, pois muitas coisas ainda não sabem sobre percepções cognitivas.

Pierre Janet “considera que o ato mnemônico fundamental é o ‘comportamento narrativo’ que se caracteriza antes de mais nada pela sua função social, pois que é comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo” (JANET apud LE GOFF, 1994 p. 24)

Le Goff (1994) também afirma que estabelecer um conceito para memória está longe de ser uma tarefa simples, isso porque, assim como acontece com a informação, a memória também se encontra em diversos usos disciplinares, envolvidos em diversos campos do conhecimento.

Assim, atribuímos uma ideia de Paul Ricoeur (2007) onde ressalta que a memória é do passado, no entanto é no presente que ela é ressignificada através dos vestígios deixados pelos seres humanos ao longo do seu transcurso pela vida. Afirma que “memória é o presente do passado, o que é dito do tempo e de sua relação com a interioridade pode facilmente ser estendido à memória” (RICOEUR, 2007, p. 111).

Ricoeur afirma também que se é possível ter memória no mesmo momento em que se ressalta o esquecimento, usa como exemplo Santo agostinho que fala que é a memória que retém o esquecimento, pois não seria possível lembrar do esquecimento, não seria capaz de ouvir e remeter e reconhecer a sua realidade e em que instância se encontra sua origem e significado.

Dessa forma, Crippa (2010, p. 81) opina que a memória permite a liberação de algo pertencente ao passado, nivelando-se com os dados do presente, agindo assim uma preservação de determinadas informações, que são essenciais tanto para as experiências individuais quanto para o gerenciamento do conhecimento sobre a natureza científica, filosófica e técnica. Com isso, Kessel (2004, p. 3) corrobora afirmando que

As memórias individuais alimentam-se da memória coletiva e histórica e incluem elementos mais amplos do que a maioria construída pelo indivíduo e seu grupo. Um dos elementos mais importantes, que afirmam o caráter social da memória, é a linguagem. As trocas entre os membros de um grupo se fazem por meio de linguagem. As trocas entre os membros de um grupo se fazem por meio de linguagem. Lembrar e narrar se constituem da linguagem. Como afirma Eclea Bosi a linguagem é instrumento socializador da memória, pois reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural vivências tão diversas como o sonho, as lembranças e as experiências recentes.

A maior verdade sobre a memória é que não se pode lembrar tudo que aconteceu e/ou foi ensinado ao longo da vida, a mente humana retém apenas o que para aquela jornada e momento é necessário para a existência futura. Shikida (2005, p. 44) adentra essa afirmativa quando diz que

A memória é resguardado o lugar do lembrar, construir, desconstruir e compor. Trabalho de elaboração, reflexão, localização. Lembrar não é reviver, é antes de tudo, refazer caminhos e trajetórias. É organizar e ordenar o tempo, bem como situar o passado em uma cronologia que é única. Desta forma, os impactos da memória individual e coletiva para a historicidade humana devem ser vistos dentro de uma sucessiva interação entre o homem, o tempo, o espaço, cultura e sociedade, com todas as implicações que possibilitem novas escolhas e permitam o repensar e o fazer histórico, tendo em vista o presente e o futuro sem o rompimento com o passado.

É através da memória e sua fragmentação que é possível concretizar um contexto histórico e entender a origem de determinadas crenças, comunidades, línguas, ideologias, rituais, modas e demais estruturas que hoje formulam a vida humana. Esses procedimentos remetem a institucionalização e a concepção de uma cultura específica. Diehl (2002, p. 116) corrobora quando diz que:

A memória possui contextualidade e é possível ser atualizada historicamente [...] é uma representação produzida através da experiência. Constitui-se de um saber, formando tradições, caminhos – como canais de comunicação entre dimensões temporais, ao invés de rastros e restos como no caso da lembrança. [...] A memória pode constituir-se de elementos individuais e coletivos, fazendo parte da perspectiva de futuro, de utopias, de consciências do passado e de sofrimento. Ela possui a capacidade de instrumentalizar canais de comunicação para consciência histórica e cultura, uma vez que pode abranger a totalidade do passado, num determinado corte temporal.

Segundo Almeida (2006, p. 2), a memória pode ser considerada como uma atribuição que favorece os seres humanos, visto que ela permite a utilização de experiências antigas na formulação de problemas atuais, remete lembranças sobre experiências pessoais, possibilitando formular e antecipar novos eventos.

Podemos utilizar essa menção de Almeida, no intuito de descrever a nossa própria organização comunitária, onde se identifica pessoas que são eleitas em prol de um favorecimento coletivo, e quando não são atingidos os pontos necessários para o convívio conjunto, de um acordo geral que são as votações, elas são trocadas e um novo processo se inicia, isto acontece justamente, pois o ato de lembrar os erros e as experiências ruins refletem nas atitudes do presente com a visão de um futuro.

De acordo com Halbwachs (1990, p. 51), “cada memória individual é um ponto de vista sobre memória coletiva”, o que é muito interessante, porque, se considerarmos que os indivíduos têm influência na construção social da sua realidade, a memória coletiva também incluem os conjuntos de formulações vivenciadas através da memória individual.

De acordo com Cretton (2009, p. 20):

A construção da memória social está sempre marcada por recortes, disputas de sentidos e de interpretações. É um campo caracterizado como transdisciplinar e polissêmico. A memória, em si, é um campo de disputa de sentidos. Os critérios de seleção e a construção dos discursos de memória estão sempre comprometidos ideologicamente com determinados interesses.

Entender a polissemia do termo memória e a tendenciosidade que pode ser empregada na sua construção explica ainda mais a importância de contrapor suas variadas nuances e entender a lacuna do seu esquecimento, logo porque, para lembrarmos de algo se faz necessário esquecer.

É compreensível que essas construções sociais não se cônjugue de maneira coesa, mas esse não é o problema, até porque se pararmos para analisar um determinado evento, através das lentes de pessoas distintas, cada uma passará sua versão, não serão as mesmas visões, porque cada uma vai contar o que dentro de sua perspectiva era interessante ao outro saber, porém em conjunto conseguem contar a essência daquele evento e assim conseguimos entender como construir uma memória social.

Corroborando com essa fala, o psicólogo francês Paul Fraisse (1967), conhecido por desenvolver a cronopsicologia, um estudo da precisão com que as pessoas percebem o tempo para determinada situação, certifica que nossas atividades biológicas, seguem um ritmo próprio, e estão ligadas às condições socioculturais de cada um, ele explica que as informações vindas de variadas formas

levam três segundos para se tornar passado, ou seja, nós enxergamos a nossa própria vida através de registros da memória.

Lévy (1993, p. 78) defende que:

[...] da mesma forma que o raciocínio espontâneo não tem muito a ver com uma “razão” hipotética fixada em sua essência, nossa memória não se parece em nada com um equipamento de armazenamento e recuperação fiel das informações. E, antes de mais nada, de acordo com a psicologia cognitiva contemporânea, não há apenas uma, mas diversas memórias, funcionalmente distintas [...] A memória de curto prazo, ou memória de trabalho, mobiliza a atenção [...] A memória de longo prazo [...] é armazenada em uma única e imensa rede associativa, cujos elementos difeririam somente quanto a seu conteúdo informacional e quanto à força e número das associações que os conectam.

É através de uma investigação de relações entre a memória e a instituição que se conecta um conceito, esbarrando em vários outros elementos primordiais nessa constituição. O mágico dessa análise é o caminhar atípico de segmentos, um processo de interação e intersecção com outras disciplinas, estabelecendo assim uma ligação positiva e coesa para construção e contribuição da ciência em si.

Para conseguir entender essa ligação da memória dentro do contexto institucional, é necessário de maneira introdutória, vim entender o que é uma instituição. É preciso compreender que a memória passa por determinadas variações de discursos existentes na sociedade, e que as instituições surgem na sociedade com versões voltadas ao esquecimento e a lembrança, sendo assim, é importante observar a racionalização dos indivíduos, a fim de uma formação institucional na sociedade.

Dentro dessa premissa vale ressaltar que assim como Foucault, descreve as relações sobre o saber e o poder, as instituições são tratadas aqui como formas fundamentais de saber-poder, baseando o sentido empregado por Michel Foucault (1984, p.141), “Não podemos nos contentar em dizer que o poder tem necessidade de tal ou tal descoberta, desta ou daquela forma de saber, mas que exercer o poder cria objetos de saber, os faz emergir, acumula informações e utiliza”.

Sendo assim, vale ressaltar que o significado de instituição que se torna mais plausível para ser utilizada nessa pesquisa, vem de Costa (1997, p. 5) que corrobora indagando que:

Uma instituição pode ser analisada em sua gênese, quando se constitui historicamente, para trazer à luz a articulação de seus discursos, de suas técnicas, como relações de saber que se dão em práticas sociais, a fim de que daí se extraiam as matrizes que tornaram possível sua emergência. Entendemos que o comportamento e a

prática é que fazem as instituições e definem o caminho do processo de institucionalização.

É por meio desse entendimento que se é possível chegar a uma construção de conceito da memória institucional, isto porque, os elementos conceituais que atuam no processo institucional das relações sociais, vêm compreender as relações entre memória e instituição, e sendo assim são necessárias articulações com a noção de sociedade.

Para melhor esclarecer, a instituição, traz dentro de sua prática, muitas vezes sem sequer perceber utensílios de um controle social, que buscam estabelecer regras e padrões, que ajudam na construção e funcionamento do exercício de suas funções reprodutoras. Trata-se portanto de uma reprodução de ritual que deve ser repetido, pelo hábito constante e por auxílio da memória. (COSTA, 1997)

Viver em sociedade, dentro da esfera global é exercer diferentes relações de poder. Arendt (2011) diz que poder “ não se atribui à pessoa individualmente, mas a um grupo.” E vale ressaltar que Poder difere de Violência, visto que a ideia de poder advém da liberdade de ação de uns sobre os outros, e violência se dá sobre os corpos dos outros.

Dessa forma as relações saber-poder se encontram em um determinado processo de institucionalização, onde sua base e todo seu histórico permanecem entrelaçados nas veias da história. É dessa forma que entende-se que existe um leque imenso sobre o processo de instituições, mas que também é essencial entender que se tem variados tipos de instituições. Neste sentido, Thiesen (2013, p. 285-286) diz que:

A memória institucional, [...] remete-nos a experiências híbridas, que incluem e excluem no social. Na perspectiva do tempo, seria o retorno reelaborado de tudo aquilo que contabilizamos na história como conquistas, legados, acontecimentos, mas também vicissitudes, servidões, escuridão

Entender experiências híbridas, é saber que existem situações que transpõem o universo no qual estamos inseridos, principalmente ao se tratar da sociedade como um todo, entretanto, no mesmo momento, quase nunca estarão inseridas no contexto social, como é proposto. Isso acontece porque, vários fatores influenciam nesse processo, tais como: políticos, sociais e culturais. Tendo como exemplo: uma situação onde nos faz enxergar a informação sobre o efeito da lembrança dentro de uma perspectiva memorialística, descobrindo-se então o valor que a instituição carrega

em sua identidade (BARBOSA, 2010). Sendo assim, Thiesen (2013, p. 268) corrobora afirmando que:

Toda instituição só existe em processo e é da sua natureza comportar uma face instituída e outra instituinte. Ambas as faces são, na realidade, memórias e saberes, que interagem nas relações sociais, institucionais e interinstitucionais. O mecanismo é similar. A instituição é um corpo em processo e, como tal, necessita que suas células trabalhem solidárias para que o seu funcionamento seja padronizado (passível de se repetir) e criativo (que possa contemplar a diferença).

O interessante disso tudo é que dentro da história existem variados saberes e demonstrações que levam anos e anos, séculos e mais séculos para acordar, florescer e até mesmo se entender como algo que vai além da sua época e passam décadas, para se emergir, isto porque, tem pesquisas que se encontram numa esfera de multiplicidades raras, e por vezes permanecem no silêncio, mas assim como Orlandi (1993), afirmou, trago aqui em questão, o silêncio não significa o nada, dentro de sua não conclusão, existe presença, presença esta que também pode significar ausência. Havendo possibilidades de criação, atualização, refutação. E além de carregar em seu tempo memória em movimento, que desviam em seus lares desvios do instituído.

A ideia de falar sobre o tempo é crucial para a amarração de uma instituição, pois dentro do entendimento como um todo, a memória é basicamente o tempo, a variação e movimento desse tempo, tempo que traz dentro das suas entrelinhas históricas a presença do esquecimento, contudo conservam os registros aos momentos que se passam. Whitrow (1993, p.17) traz a ideia do tempo como experiência essencial da humanidade visto que “ nossa experiência direta do tempo é sempre do presente, e nossa ideia surge da reflexão sobre essa experiência”.

Isto porque, dentro da própria memória há o esquecimento, Ribeiro (2003, p. 1), relata que

A lembrança e o esquecimento são componentes da memória, um não existe sem o outro, no processo de atualização do passado, quando evocado. É a memória que nos dá a sensação de pertencimento e existência, daí a importância dos lugares de memória para as sociedades humanas e para os indivíduos.

Alguns estudos apontam que a mente humana é um setor complexo tanto na sua estrutura quanto no seu comportamento e que se faz necessário esquecer para não sobrecarregar, ou seja, o esquecimento não é visto como um problema e sim como parte da organização e estruturação da memória. Izquierdo (2004) relata que:

Esquecemos, talvez, em parte porque os mecanismos que formam e evocam memórias são saturáveis. Não podemos fazê-los funcionar constantemente de maneira simultânea para todas as memórias possíveis, as existentes e as que adquirimos a cada minuto. Isso obriga naturalmente a perder memórias preexistentes, por falta de uso, para dar lugar a outras novas. (IZQUIERDO, 2004, p. 21)

Se pararmos para analisar o ato de esquecer é mais protuberante do que ato de lembrar, já que as pessoas que são capazes de esquecer apresentam problemas em outras esferas cognitivas, a saber, a capacidade de interpretação de uma leitura, um raciocínio matemático, entre outros. (MOURÃO JÚNIOR; FARIA, 2015)

Por mais que estudar memória seja algo tão corriqueiro, antigo e com várias conquistas já realizadas, o revisitar esse estudo se torna necessário e importante dentro de qualquer ciência, quando se analisa o contexto histórico de determinados estudos, aqui por exemplo, buscamos analisar a memória institucional, e um dos fatores de se estudar e querer sempre mais enfatizar essa necessidade e anseio de pesquisa voltada a essa área, é, justamente a consequência do esquecimento da história. Essa missão é segundo Gagnebin (2006, p. 47) uma “tarefa altamente política: lutar contra o esquecimento e a denegação é também lutar contra a repetição do horror (que, infelizmente, se reproduz constantemente)”

Compreender a memória como ligação do tempo, e subentender que esse tempo é criador de fatores que advém da realidade, podemos afirmar que a memória dentro do seu aspecto de lembrar e esquecer é base fundamental do alicerce do conhecimento, e assim contribui para a construção de uma identidade. Ruenda, Freitas e Valls (2011, p. 82) afirmam que:

as instituições sendo parte integrante dos meios sociais e políticos da sociedade têm papel importante na construção da memória social, são fontes produtoras de informações, [...] entendendo-se que a questão da identidade que se apresenta pela preservação da memória institucional é o fator primordial para justificar sua valorização.

Consideramos válido, aqui afirmar, que a obra de Halbwachs (1990), possui uma importância gradativa para se analisar questões de identidade. conceituando que ele concentra sua análise na memória, refletindo sobre como ela é compartilhada em sua coletividade, utilizando os elementos do tempo e do espaço, mostrando funções de identidade culturais.

Pollak (1992) compreende identidade como uma imagem de si, explica que essa imagem é fruto do processo de construção do tempo, ou seja, a imagem que a pessoa demonstra para o outro e de como o outro enxerga essa imagem, isso faz

acreditar no poder da representação, de como uma figura é representada e essa representação é percebida.

Embora a identidade tenha um histórico de ser vista como algo fixo e imutável, ela não é homogênea. Como aponta Hall (2006, p. 13): “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas”.

Hall (2006) também fala que a identidade parece evocar uma origem que mora no passado, fomentando a utilização do recurso da história para alimentar o que nos tornamos, não na ideia de quem somos, é uma invenção da tradição com a própria tradição.

Mas é válido aqui ressaltar, que compreender essa identidade é uma forma de entender a estruturação da memória institucional, mas que dentro de sua concepção não se pode entrar em colapso ou ser comparada com memória organizacional, visto que memória organizacional é tratado como aspecto de eficiência, é interessante deixar claro que a memória institucional abrange a organizacional, mas não se prende nem se limita a ela. Costa (1997, p. 50) diz que:

[...] é muito comum confundir-se organização com instituição. Há uma perspectiva economicista e outra jurídicista, que tendem a tratar uma como sinônimo da outra. A perspectiva economicista, herdeira do utilitarismo inglês, vê a organização como instituição. Talvez se deva tal confusão ao fato de que toda instituição tem suas formas de organização, sem as quais não poderia exercer sua prática, que é coletiva e social. A prática é primeira e se impõe no processo de institucionalização.

Costa (1997) corrobora ainda quando fala sobre a visão jurídicista, onde comenta que tem a definir instituição como produto, um elemento de reprodução das relações sociais, exemplificando as normas jurídicas, que regem o funcionamento de uma determinada sociedade, porém é válido afirmar que as instituições ultrapassam essa visão restrita.

Motta e Bresser-Pereira (2004, p. 21) afirmam que, “[...] uma organização ou burocracia é um sistema social racional [...]”, formal, impessoal, de administração profissional, com normas claras e caráter hierárquico, em que os indivíduos se relacionam socialmente visando atingir objetivos comuns.

Para melhor identificar essa diferenciação vejamos abaixo o quadro que demonstra, segundo Etzioni (1967), a base da organização relacionada aos processos sociais.

Quadro 1 - Organização relacionada aos processos sociais

Organizações especialistas	Alto nível de especialização do capital humano, em que predomina autoridade e técnica.
Organizações não especialistas	Produção de bens, controle de metas e objetivos específicos.
Organizações de serviços	Atividades temporárias definidas por tarefas específicas, vínculos contratuais.

Fonte: Etzione (1967).

Tendo base nas classificações propostas por Etzinone (1967), podemos compreender que as instituições se classificam como organizações normativas e especialistas, uma vez que seu foco está no fator humano, em produtos e serviços com rumo no fator social, baseando-se em valores e missão que, por sua vez, têm a empatia da sociedade. Por outro lado, as organizações são utilitárias e não especialistas na sua abrangência, preocupadas com questões de produtividade, lucro e relacionamentos.

Nessa perspectiva, para as discussões propostas, compreende-se que instituições são grupos que dentro da sua originalidade seguem atributos voltados ao favorecimento do indivíduo tanto no seu eu social quanto ao seu eu coletivo, baseando-se em valores e pontuações identitárias, em outro viés, as organizações são grupos que visam a prática e o econômico, com objetivos que na maioria das vezes são preestabelecidos e que sempre focam na eficiência e eficácia. O quadro abaixo demonstra, segundo Santos e Valentim (2021) Particularidades, similaridades e individualidades entre memória institucional e memória organizacional.

Quadro 2- Particularidades entre Memória Institucional e Organizacional

Memória Organizacional	Memória Institucional
Foco prático e econômico com objetivos pré-estabelecidos voltados à eficiência e eficácia.	Pautada pela legitimidade em favor do sujeito como ser social e coletivo, com foco em valores sociais, como moral, ética e crenças.
Processo cíclico e mutável, apto a	Processo cíclico e mutável, apto a

lembrar e esquecer.	lembrar e esquecer.
Construída por meio de singularidades.	Construída por meio de singularidades.
É o modo de fazer as coisas ou solucionar problemas com base em informação, conhecimento e práticas dos sujeitos organizacionais.	É um bem social e tem dificuldades em ser prática, realista e objetiva, pois é construída por meio de múltiplas memórias: individuais, coletivas e sociais.
Informação como insumo na produção de novas informações e conhecimentos que serão utilizadas organizacionalmente.	Reflexo da trajetória social e histórica que acontece interna e externamente à instituição, mas que advém da sociedade. As redes se articulam, propagam, compartilham e potencializam alianças que podem romper fronteiras temporais, sociais e econômicas.
Está a serviço da organização, são processos que estão acontecendo, tem foco em ações concretas e é objetiva e pragmática, vinculada ao processo de gerenciamento ao longo do tempo.	A imagem pessoal e do outro é que a formam, pois as instituições em si não possuem memória, são os sujeitos que constroem sua memória. Eles a validam coletivamente como bem social, pois as experiências, ações e conquistas em benefício da construção da sociedade é que a institucionalizam e perpetuam.
Subsidia a eficiência e eficácia organizacional, relação está indireta, mas que busca agilidade, empreendedorismo, constância e qualidade no cumprimento das metas.	Reconhecida pelo potencial de agregar valores aos relacionamentos e à reputação institucional.

Transita entre a capacidade de realizar e os resultados alcançados, relaciona-se diretamente com rendimento, condições de existência das organizações e produtividade.	Está no todo instituído ao valor social do grupo, o que dificulta sua transformação em memória pragmática.
Ligada a questões práticas.	Objeto intencional e fenômeno coletivo.
Não é construída, ela está lá, está na capacidade do sujeito lembrar suas experiências e construir conhecimento com base nelas, sendo assim, cabe ao indivíduo estruturar e organizar os processos de memória para que elas sejam socializadas e sirvam como subsídio à competitividade	É construída no presente, porém seu conceito está em constante mutação, atendendo a anseios e expectativas sociais e institucionais.

Fonte: Santos e Valentim (2021).

Dessa forma, a memória institucional vem nas suas veias a ideia de construção social, por meio do seu processo construtivo, e logo, seu produto é social e do grupo, que, segundo Moreno, Lopes e Di Chiara (2011, p.4), “As instituições quando expõem a sua memória têm a oportunidade de resgatar sua imagem perante a comunidade [...]”, ou seja, toda vez que uma idealização de memória institucional é estabelecida, vem à tona toda a construção de valores, e todo crescimento da instituição, é um gás a mais por valores de pertencimento à instituição como um todo.

Para essa construção, elementos primordiais são utilizados para compor essa memória, dentro deles está a fotografia que para Quadros e Brito (2008, p. 10) relatam que:

A importância das memórias, e das fotografias também, reside não só no fato de se construírem como documento, mas, sobretudo, por possibilitarem formas de construir novas compreensões do tempo e novos lugares das pessoas no espaço histórico desde que se entenda que aquilo que é rememorado não é o reflexo do real, mas uma prática produtora de significado, ancorada no presente.

Através dessa análise percebemos, toda a construção reflexiva da memória institucional por meio de documentos e depoimentos que corroboram com a

concepção social de uma determinada sociedade, a seguir detalharemos o importante valor do documento e como a fotografia está inserida como artefato documentário.

3 ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO: DO DOCUMENTO ÀS INTERFACES DA FOTOGRAFIA

Antes mesmo de ser formulada a escrita, o homem já possuía o hábito de registrar sua presença no mundo, por meio de sinais e demonstrações deixados em pedras ao longo dos anos. Sinais esses, geométricos, assimétricos, representando animais e figuras humanas, tais imagens encontradas em sua maioria nas cavernas. Mas é interessante observar que essas pictografias, foram sim essenciais para o desenvolvimento da escrita, Jean (2008, p. 12) observa que

A escrita propriamente dita só passou a existir a partir do momento em que foi elaborado um conjunto organizado de signos ou símbolos, por meio dos quais seus usuários puderam materializar e fixar claramente tudo o que pensavam, sentiam ou sabiam explicar.

Esse fato está ligado a necessidade do registro memorável, vem mais no intuito de marcar no espaço-tempo, um ponto de orientação aos novos povos, é como se a comunicação precisasse ser registrada para que pudéssemos entender o significado de memória através dos traços da história.

Isso porque, com o surgimento da escrita, a história passou a ser mais linear, Lévy (1993, p. 94-95) atribui que “os calendários, as datas, os anais, os arquivos, ao instaurarem referências fixas, permitem o nascimento da História, se não como disciplina, ao menos como gênero literário.” E continua: “A história é um efeito da escrita”.

Com o aparecimento da escrita, os acontecimentos poderiam ser registrados em um determinado suporte, deixando então de mão à memória humana com a função exclusiva de reter e preservar informações. Tornando assim, um ponto de apoio ao aprendizado que era baseado unicamente na oralidade, tornando o saber disponível, podendo ser consultado e guardado, quando necessário comparado e deixando de ser apenas útil no dia-a-dia e tornando base para construções futuras. Martins (2013, p. 169) explica que:

A função comunicativa primária da palavra é o controle do comportamento do outro. Orientando-se para o exterior, ela visa, no ponto de partida, à influência sobre outras pessoas, dirigindo-lhes a ação. Entretanto, é exatamente no exercício dessa função que a palavra se transforma. Da mesma maneira que os demais processos, a linguagem aparece primeiramente como processo interpessoal para, na sequência, instalar-se como manifestação intrapessoal, intrapsíquica.

Para Platão (428-348 a.C.), a invenção da escrita seria responsável pela oclusão da memória biológica, provocando o esquecimento. Isso porque, ao se mostrar o que se desejava guardar, já não era preciso reter na memória e, assim, os fatos seriam esquecidos, pois de certa forma a memória subentendia que aquilo estava registrado (MONTEIRO; CARELLI; PICKLER, 2008).

Com a invenção da imprensa a quantidade de informação registrada tomava forma de maneira assustadora para a época, sabemos que a imprensa surgiu na China, muito antes que Gutenberg movesse sua primeira prensa. Entretanto, é importante apontar que o alfabeto ocidental, possuía poucas letras, mas uma possibilidade infinita de combinações, e foi decisivo para o crescimento desta tecnologia na Europa. Essas condições podem ser descritas como: crescimento, desde o século XII, de universidades, o que demandava a necessidade de se copiar grande quantidade de textos; a criação das primeiras teorias científicas modernas (FREIRE, 2006).

Considerada como um dos símbolos do Renascimento, a imprensa de caráter móvel favoreceu a quebra da estrutura social rígida, que determinava as leis da época, contribuindo para o surgimento de uma classe média intelectual (BACELAR, 1999).

Mas nem tudo foi concretizado como positivo, Bacelar (1999, p. 3) comenta que:

A produção e distribuição de uma variedade explosiva de textos tornou-se rapidamente impossível de conter. Cópias impressas das teses de Lutero foram rapidamente divulgadas e distribuídas, desencadeando as discussões que viriam a iniciar a oposição à idéia do papel da Igreja como único guardião da verdade espiritual [...]. A revolução científica que viria a questionar as verdades à guarda da Igreja foi igualmente uma consequência direta da tecnologia da impressão. O princípio científico da repetibilidade, garantido pela verificação imparcial de resultados experimentais, estabeleceu-se como paradigma, graças à rápida e ampla disseminação, pela imprensa, de reflexões e descobertas científicas.

Tendo em vista que não apenas as pessoas da elite possuíam esse acesso aos materiais divulgados pela imprensa, as pessoas tinham à sua disposição pela primeira vez acesso a assuntos de variados tipos, até panfletos e materiais ligados a religião eram de acesso a todos, com isso a quantidade de informação registrada tomava forma de maneira assustadora para a época, com isso houve várias tentativas infrutíferas de um catálogo bibliográfico totalmente universal. Com intuito de organizar toda a produção informacional de forma global.

Os advogados Paul Otlet e Henri La Fontaine, acreditavam dar uma solução a este problema, com a promessa de construir algo que cessasse essa problemática. A Classificação Decimal Universal, chegou com a finalidade de tratar documentos que não exclusivamente os livros ou artigos de periódicos, demonstrando a preocupação de novos tipos de suporte da informação.

Para Otlet (1934), o documento era livro, revista, jornal, peça de arquivo, estampa, fotografia, medalha, música, filme, disco e toda parte documentária que precede ou sucede a emissão radiológica. Guerra e Pinheiro (2009, p. 3) relatam que:

O pensamento de Paul Otlet (1934) abre perspectiva pioneira ao inserir a fotografia no universo da documentação, da Ciência da Informação, estendendo a definição de documento de forma a contemplar as representações imagéticas. O caráter informativo é conferido pelos usos científicos, percebido desde o seu advento em meados do século XIX, mas seu perfil documental é pouco explorado, até que Otlet inclui as representações gráficas e, em destaque, a fotografia, no seu extenso rol que define o documento.

Dada a relevância das informações trazidas por Otlet, na construção do entendimento e disseminação da documentação, fazem surgir questionamentos que são importantes para o entendimento desse estudo na ciência da informação, através de conceitos aplicados aos estudos já realizados sobre tal tema.

Muito se explana sobre documento, mas dentro dessa premissa o que vem a ser documento? Seguindo uma visão científica o documento pode ter diferentes significados e funções, variando de acordo com o contexto em que se está inserido, e principalmente de onde esteja sendo estudado, assim como memória, documento passa a ser objeto de estudo de mais de uma área.

Tradicionalmente, o termo está ligado a um registro em determinado suporte, entretanto, Bellotto (2004) abre novos horizontes para essa concepção, pois segundo ele o documento pode ser considerado por toda manifestação produzida pelo homem, em função de registrar uma atividade, uma ação jurídica, científica, artística, cultural, religiosa, ou até mesmo informacional, não se prendendo a que meio será transmitido.

Lopes Yepes (2008) indica que para que conseguirmos entender e estabelecer algo como documento, é preciso considerarmos uns aspectos intrínsecos, tais como o suporte e que tipo de informação aquele suporte possui, e ainda para que fim aquela informação pretende se transmitir. Valendo assim, o seu valor como documento é dado através da percepção da finalidade, ou seja, para que foi criado e como será divulgado.

Lund (2009) evidencia que a noção de documento é composta de três aspectos complementares: o físico, o social e o mental. Sobre o documento o autor destaca que tais pontos de vista, mesmo que complementares, não precisam ser vistos simultaneamente, já que a indagação principal não seriam as dimensões em si, mas como elas interagem umas com as outras.

Em uma diretriz conjunta, Francke (2005) traz a idealização de documento como um elemento estruturado dentro da biblioteconomia e da ciência da informação, melhor dizendo ela tem uma visão de documento como visão secundária nessas áreas, mas reafirma que essa ideia pode sim está sendo mudada, já que o documento atende a uma função social, concluindo então que a noção de documento estaria diretamente relacionada a um contexto.

Em outra linha de pensamento completamente distinta, Couzinet (2009) parte da ideia do documento como objeto concreto, ou seja, “o modo no qual a informação ou conteúdo, ganha forma no plano comunicacional” (COUZINET, p.10, 2009). A autora, mesmo considerando as perspectivas objetiva e social, tende a se aproximar mais da objetiva, pois destaca o papel do sujeito na atribuição da noção de documento.

Isso se dá, pois acredita na dimensão da finalidade/intencionalidade na criação/atribuição do que é documento. Ligando aos conceitos atribuídos por visão de Meyriat (1981), que trata do documento por intenção e atribuição. Para ele, o documento pode ser definido como um objeto que suporta a informação, que serve para comunicar (sendo que a comunicação pode ser repetida) e que é durável.

Para entender melhor as origens da fotografia como fomentação da documentação, é necessário entender toda origem da fotografia desde as suas premissas, visto que até chegar a sua forma digital, passaram muitas etapas e acontecimentos.

Entende-se então que documento é muito mais do que um portador de informação, ou um simples suporte de informação, está ligado ao seu conteúdo e de como será interpretado seu conteúdo. Dessa perspectiva ressaltamos que os elementos pertencentes ao documento estão ligados a determinadas nuances entre elas a imagem.

Hessen (1973), abordado de toda essa significação que é o documento em seu estudos dentro da ciência da informação, com uma visão tanto de abordagem

subjetiva quanto objetiva, relata três tipos de produtores de documentos, a saber segue quadro 3 a seguir:

Quadro 3- Tipos de produtores de documentos

Produtor de primeira natureza	É aquele que, numa abordagem objetivista, busca imprimir um conhecimento de forma direta num suporte qualquer, por intermédio da escrita ou do registro. Nesse caso, o objeto cumpre uma função qualquer, não necessariamente como documento.
Produtor de segunda natureza	Atribui significado para fins utilitários, cumprindo uma função informativa específica para o indivíduo, valores jurídicos, administrativos, estéticos, etc. Numa abordagem subjetivista. Aqui, o objeto cumpre necessariamente uma função documental para o sujeito.
Produtor de terceira natureza	É aquele que considera, igualmente numa abordagem subjetivista, o produto do processo de significação atribuído pelos produtores de primeira e de segunda natureza e, de modo particular, confere significação para fins socioculturais e/ou informativo-documentais. Nesse caso, o documento assume nitidamente uma função social.

Fonte: Hessen (1973).

Esse relato é interessante, pois a fotografia começa a ganhar uma categoria como documento, visto que documento é a acumulação de informação, informação essa que em determinado momento e em momento específico é comunicada, isso porque dentro de sua materialidade se configura como processo de objetivação para o conhecimento, e de alguma forma se comunica na mesma intensidade que está disponível para ser acessada.

Essas origens começam desde a pré-história, onde o homem se comunica por meios das imagens deixadas nas cavernas, quando os desenhos riscados na parede relataram fatos e elementos vinculados à sua percepção do ambiente. É interessante observar que muitas dessas imagens guardavam o sentido de valorização de um culto (ZUTIM, 2009).

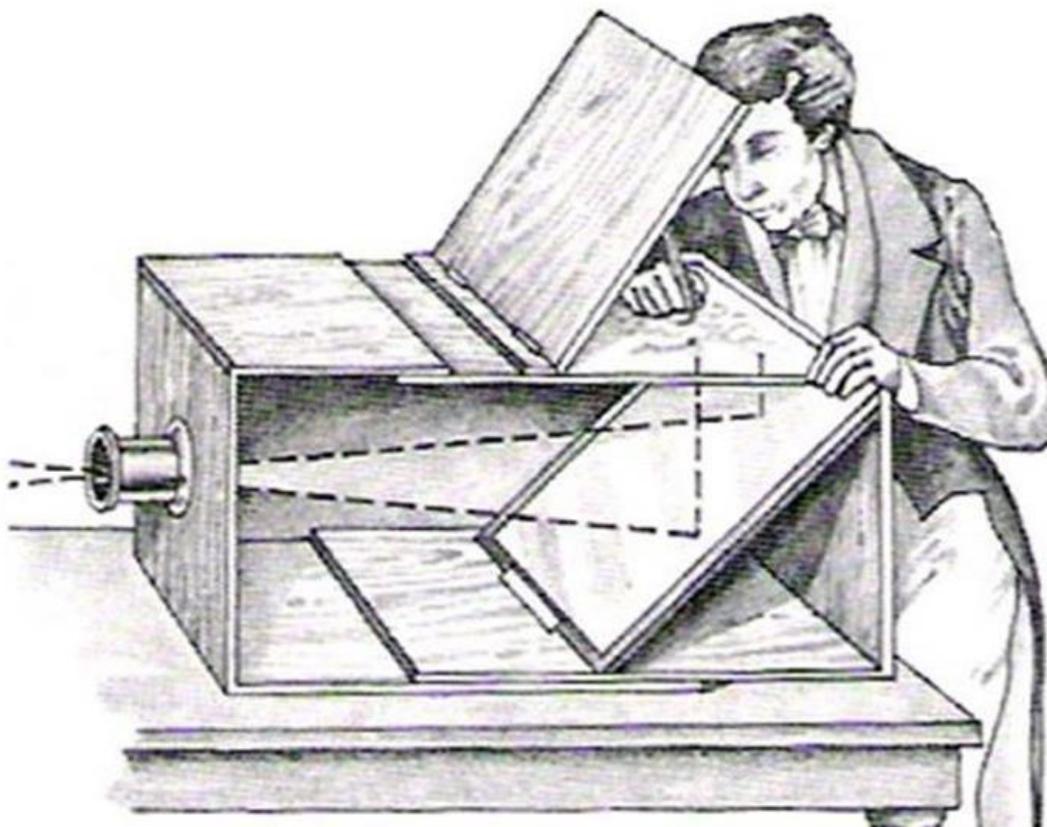
Essas manifestações artísticas, com práticas comunicacionais tem respingos na preservação do tempo até hoje, mesmo que não tenham um padrão, pois cada pessoa tem sua maneira, forma e cultura de enxergar as percepções do mundo. A prática de registro em imagem é tido como notório na sociedade contemporânea, onde a imagem acaba assumindo um valor de transmissão e comunicação com seus pares, a exemplo, hoje utilizamos as redes sociais, como divulgação dessas imagens.

Com a chegada da revolução industrial, várias técnicas foram formuladas e a fotografia foi inserida na sociedade, a necessidade pulsante de modernização, respinga no avanço tecnológico que por sua vez leva um acompanhamento fotográfico, tendo cada vez mais avanços em suas técnicas, acompanhando o processo de modernização, Monteiro (1997, p. 2) traz a ideia que:

A literatura referente à história da fotografia também tem se apoiado na ideia de maturação cultural para justificar a multiplicidade de sua descoberta. Ela teria sido inevitável na Europa na primeira metade do século XIX porque tanto os ingredientes cognitivos como os sociais necessários para o seu desenvolvimento estariam presentes. De um lado, as propriedades das substâncias químicas fotossensíveis, difundidas desde o século XVIII, e a câmera escura, aperfeiçoada desde o Renascimento, e, de outro, uma demanda por novas técnicas de representação da realidade social, que então se formava como resultado de uma série de transformações políticas, econômicas e sociais geradas a partir da Revolução Francesa e continuadas com a Revolução Industrial.

Se configura então, a câmera escura, totalmente fechada, com as paredes internas pretas, e apenas uma pequena brecha em uma das paredes capaz de permitir a passagem da luz vinda de fora, para assim projetar no seu interior uma imagem invertida da cena exterior, foi uma peça fundamental durante o processo de criação da fotografia. a exemplificar a figura 1.

Figura 1- Câmera escura



Fonte: Jones (2005)⁴.

Mas foi só no ano de 1837, que Louis Jacques Mandé Daguerre (1787-1851), depois de muitas pesquisas e com o auxílio dos experimentos feitos por Niépce, criou o daguerreótipo. Mesmo tendo como base estudos anteriores, registra o artefato com seu nome, pois diz que as mudanças de estudo foram drásticas ao ponto de não utilizar nada do que anteriormente foi estudado. (SOUZA, 2021)

Só que com o daguerreótipo a produção acontecia de forma única, daí a imagem era “formada diretamente sobre placa de cobre, revestida com prata e, em seguida, polida e sensibilizada por vapores de iodo. Depois de exposta na câmera escura, a imagem é revelada por vapores de mercúrio e fixada por uma solução salina” Wanderley (2019)⁵

⁴ JONES, P. **História da fotografia**. Medium, 2005. Disponível em: <https://medium.com/@patricia.jones/hist%C3%B3ria-da-fotografia-27ec9048738>. Acesso em: 28 abr. 2023.

⁵ WANDERLEY, A. C. T. **Os 180 anos do invento do daguerreotipo: Pequeno histórico e sua chegada no Brasil**. 2019. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=16443>. Acesso em: 28 de jul. 2022.

Entre os anos de 1834-1836, Talbot inventa o calótipo/talbótipo, processo que utilizava papel sensibilizado com nitrato de prata, substituído logo depois por iodeto de prata, e ácido gálico. Com essa combinação ele conseguiu uma imagem negativa que, quando colocada em contato com outro papel sensibilizado e exposta ao sol, reproduzia a imagem, gerando o positivo.

Talbot registra seu invento em 1841 e revoluciona a fotografia, levando em consideração que nos outros processos, a exemplo o daguerreótipo, a imagem era produzida diretamente no positivo, o que limitava o processo, com o calótipo era possível conseguir várias reproduções de uma mesma imagem, embora com uma qualidade bem menor. Segundo Maya (2008, p.112):

[...] a diferença básica entre as duas invenções residia, portanto, na possibilidade de o daguerreótipo obter uma imagem única. Esse fato, que tornou o aparelho de Daguerre bem aceito no início, também causou seu declínio, aproximadamente uma década e meia depois da sua invenção. O calótipo passou pelo processo inverso: rejeitado, no princípio, por oferecer inúmeras cópias do mesmo negativo, ele se tornou, mais tarde, a base da fotografia moderna.

George Eastman com o apoio financeiro de Henry Strong, cria em 1881 a Eastman Dry Plate Company, que passa a se chamar, em 1892, Eastman Kodak Company, em Rochester, Estados Unidos. Em 1888, o criador do filme em rolo lança a primeira câmera, com o slogan “Você aperta o botão, nós fazemos o resto”, o processo torna-se mais simples e acessível.

Figura 2- Câmera Kodak- 1888



Fonte: George Eastman Museum (2022, on-line).

A jogada da kodak de expansão é certa, pois abre o leque de consumo da fotografia a sociedade em geral, é válido ressaltar que esse procedimento só foi

colocado em ação pois Eastman, com sua inquietação e estudos, conseguiu atribuir um processo mais rápido na formulação de uso da câmara, de acordo com Aquino (2016, p.54-55) “o empresário amplia o foco de sua empresa para um público leigo ávido por consumir a fotografia, buscando torná-la um produto presente no cotidiano”. Isso possibilita as variadas populações estarem presentes ao alcance da fotografia, corroborando então com seus registros. Com câmeras cada vez mais acessíveis, fáceis de carregar e mais baratas, a Kodak lança:

[...] em 1895, o valor da câmara chega a cinco dólares com a série Pocket Kodak, pequena e fácil e carregar no bolso e, em 1900, a empresa lança um de seus maiores sucessos, a câmara Brownie, ao custo de um dólar mais quinze centavos por filme. Ao diminuir o preço com esses novos equipamentos, a Kodak cumpre seu objetivo de popularizar cada vez mais a fotografia, demarcando um mercado que não pode ser compreendido sem as implicações de uma produção industrial em larga escala.

Figura 3- Câmera Brownie nº 1 com embalagem original, fabricada pela Eastman Kodak



Fonte: Science Museum Group ([2023], on-line).

A chegada da fotografia possibilitou que informações antes inacessíveis tanto por aspectos geográficos como por aspectos sociais, fossem disseminadas para a sociedade como um todo. Para Souza (2008, p.5), isso “modificou o mundo, causou grande impacto na forma de produção e circulação cultural, alterando por completo o ambiente visual e os meios de intercâmbio de informação da maioria dos habitantes do planeta”

A fotografia é um processo completamente derivado da técnica, entendendo-se aqui por técnica aquilo que Simondon (1969, p. 12) define como “gesto humano fixado e cristalizado em estruturas que funcionam”. Isto porque a técnica é disposta como uma ação de industrialização ou padronização. Porque a fotografia só acontece quando se tem parâmetros pré estabelecidos que ela exista.

Utilizando a fotografia como exemplo, é relacionada como processo de transformação do “objeto social” num “objeto da memória de valor cultural”, ou seja, num documento. Com isso, a transformação dos objetos do cotidiano em documentos é intencional, temporária e circunstancial. Seguindo essa lógica, o documento seria “[...] uma representação, um signo, isto é, uma abstração temporária e circunstancial do objeto natural ou acidental, constituído de essência (forma ou forma/conteúdo intelectual), selecionado do universo social para testemunhar uma ação cultural” (DODEBEI, 1997, p. 175).

O documento para Briet (2016), é mais do que um registro ou a prova de um fato, definição que ultrapassa os limites de uma concepção tradicional. É base de conhecimento registrado, é signo, e quando se fala em signo pode-se entender sobre o campo da semiótica, que é um estudo da construção do significado, isso está interligado a representação, leitura, interpretação, detalhamento e origem do documento.

Rendón Rojas (2005) verbaliza que, ainda que todo objeto contenha informação, nem todo objeto é um documento para a Ciência da Informação, sendo preciso entender que ele deve ser criado intencionalmente para isso ou que um profissional da informação o tenha incluído no sistema de informação documental.

Frohmann (2004), nos fortalece quando corrobora que o documento é a “materialidade da informação” e que os objetos constituem-se documentos, desde que sejam informativos. Diz ainda que a noção de informatividade se refere aos fatores que devem ser considerados para compreender como os documentos se tornam informativos.

Isso porque, a informatividade dentro do texto está ligada a como a informação é processada através dos dados apresentados, o grau dessa informatividade é postulado através do conhecimento de quem tem acesso aquele documento e sua determinada compreensão plausível da área em questão. Frohmann (2012, p. 246) contribui afirmando que :

[...] a informatividade dos documentos, quando reconhecida como algo dependente de práticas, é também dependente do que lhes dá forma e que os configuram. Este artigo sugere que as direções promissoras a seguir, para se buscar os fatores de configuração são a materialidade dos documentos estudados, suas histórias, as instituições nas quais eles estão inseridos e a disciplina social que dá forma às práticas com os mesmos.

Na visão de Nascimento e Guimarães (2004, p.36), os documentos textuais são compostos por suporte, meio, conteúdo e forma. O termo “suporte” diz respeito a um “objeto material, flexível ou não, móvel ou imóvel, capaz de registrar os meios ou formas de expressão do homem”, estando ali presentes paredes de uma caverna, pergaminho, papel, disquete, computador, fita cassete, disco de vinil, fita de vídeo, CD-ROM e outros. O termo “meio” diz respeito à linguagem (escrita alfabética, numérica, gráfica) utilizada para “fixar o pensamento ou a mensagem ao suporte”. O “conteúdo” refere-se à expressão das ideias exteriorizadas pelo homem, compreendendo mensagem, notícia ou informação. E, finalmente, o componente “forma”, que equivalem às “características do documento determinadas pelas regras de representação do conteúdo”.

Pinto Molina, García Marco e Agustín Lacruz (2002), pleiteiam que o documento executa funções diferentes, atuando como ferramenta de comunicação e meio de expressão, proporcionando informação sobre a realidade, é um instrumento de controle, uma ferramenta cognitiva que ajuda a pensar de forma mais eficaz. Afirmam ainda que serve, como memória externa, permitindo a construção de uma memória socialmente compartilhada, que constitui um instrumento para a construção da cultura.

Buscando metodizar as possibilidades sincrônicas e diacrônicas do documento à luz dos seus aspectos históricos, construiu-se um quadro comparativo que sintetiza sua natureza polissêmica e de pressuposto predominante quando pensado, sobretudo, como uma categoria pertencente ao quadro teórico da CI. Para tanto, tomou-se como referência a sua disposição frente à tensão entre tradição e inovação.

Quadro 4- Diferença do documento entre tradição e inovação

TRADIÇÃO						
Universo disciplinar auxiliar	Relação Interdisciplinar/ teorias	Enfoque teórico - informação/ documento	Enfoque na relação sujeito/objeto	Natureza Objeto/ Registro	Categorias de Dodebei - fase objeto/documento	Produtor do documento
História	História Positivista	Objetivo	Objetivista	Artificial + Escrito	Unicidade Virtualidade	Primeira natureza
Diplomática	Arquivística História Direito	Objetivo	Objetivista	Artificial + Escrito	Unicidade Virtualidade	Primeira natureza
Documentação (primeiro momento)	Arquivística Biblioteconomia Museologia	Objetivo Social	Objetivista	Artificial + diferentes signos	Virtualidade Significação	Primeira, segunda e terceira natureza

INOVAÇÃO						
Universo disciplinar auxiliar	Relação Interdisciplinar/ teorias	Enfoque teórico – informação/ documento	Enfoque na relação sujeito/objeto	Natureza Objeto/ Registro	Categorias de Dodebei - fase objeto/documento	Produtor do documento
História	Movimento dos <i>Annales</i>	Objetivo Subjetivo	Subjetivista	Artificial / Natural + diferentes signos	Virtualidade Significação	Primeira e segunda natureza
Documentação (segundo momento)	Arquivística Biblioteconomia Museologia	Objetivo Subjetivo Social	Subjetivista	Artificial / Natural + diferentes signos	Virtualidade Significação	Primeira, segunda e terceira natureza

Fonte: Rabello (2009, p. 313).

Esse quadro mostra as diferenças apresentadas no documento, nas categorias de tradição e inovação, mostrando de forma sintetizada e clara a diferença em seu percurso ideológico-metodológico. Encontrando seu sentido amplo, dentro do que foi sub apresentado anteriormente.

A Briet (2016) cita que o documento tem o intuito de representar, reconstruir ou provar um fenômeno físico ou intelectual, a exemplo, demonstra a fotografia, que por sinal também está ligado à memória.

Kossoy (2009, p. 21) relata que a fotografia funciona em nossas mentes como uma espécie de passado preservado. Segundo ele:

Quaisquer que sejam os conteúdos das imagens devemos considerá-las como fontes históricas de abrangência multidisciplinar. Fontes de informação decisivas para seu respectivo emprego nas diferentes vertentes da investigação histórica, além, obviamente, da própria história da fotografia. As imagens fotográficas, entretanto, não se esgotam em si mesmas, pelo contrário, elas são apenas o ponto de partida, a pista para tentarmos desvendar o passado. Elas nos mostram um fragmento selecionado [...] num dado momento de sua existência/ocorrência

Por meio da fotografia percebemos um caráter de imortalidade, já observado por Roland Barthes (2015) e Susan Sontag (2004). Isso significa que, enquanto eterna, a imagem pode vir a se constituir em memória; passa a adquirir estatuto de documento, representando os ocorridos dos indivíduos e dos grupos. Com a imagem se tem a eternização plástica dessa experiência, aquilo que se constituirá como um importante objeto de análise para a abertura de um tempo passado que, segundo as análises de Benjamin (2012), paira adormecido no presente.

Segundo Manini (2011, p.78) “a memória é algo a que chegamos após um processo de abandono da presença e/ou da existência de alguém, de alguma coisa ou de algum fato”. Para Barthes (2015) em toda fotografia existe “o retorno do morto”, ou seja, aquele momento ou coisa que já não existe mais, pois ficou no passado no instante em que foi registrado. Ainda segundo o autor, “a morte é o eidos da foto”

Maimone (2018),corrobora quando fala que deve-se pensar a fotografia como objeto documental, uma vez que ela é apta à apropriação e à geração de novos conhecimentos, possuindo características físicas e também encadeamentos contextuais, pertencentes a temáticas e a contextos sócio-históricos. Logo, tanto a organização de acervos fotográficos, como o seu acesso e sua recuperação tornam-se essenciais para suprir as necessidades dos usuários (MAIMONE, 2018; MANINI, 2011).

Dando partida a seu valor documental Marcondes, Mendonça e Malheiros (2005, p. 2) relata que “ a imagem fotográfica atesta apenas aquilo que é mostrado, ou seja, não permite conotações por trata-se de uma mensagem sem código... logo, o seu valor documental e a importância de sua presença nos arquivos é atualmente inquestionável”. Dessa forma, podemos entender que cada documento possui fatores que demarcam sua passagem no contexto informacional, e a fotografia representada como documento não é diferente.

Seguindo esse raciocínio, Medeiros e Café (2008, p. 5) relatam que:

[...] a organização da informação é, portanto, um processo que envolve a descrição física e de conteúdo dos objetos informacionais. O produto desse processo descritivo é a representação da informação, entendida como um conjunto de elementos descritivos que representam os atributos de um objeto informacional específico.

A Organização da Informação compreende, da mesma forma, a organização de um conjunto de objetos informacionais para organizá-los sistematicamente em coleções, neste caso, temos a organização da informação em bibliotecas, museus, arquivos, tanto tradicionais quanto eletrônicos. Por esse viés que a organização da informação vem junto com a fotografia, corroborar para a concepção da memória institucional.

Entendemos que a comunicação sofreu várias modificações ao longo dos anos, e até mesmo dos séculos, porém, ela continua sendo um fator primordial para a função social, não levando em conta como ela se estabelece e sim seu resultado final. É a revolução industrial que faz crescer o interesse pela comunicação e seus problemas e como vimos, a fotografia também pega impulso na mesma época, de certa maneira, aumenta o consumo por informação e dessa maneira, é necessário um mercado voltado a informações mais diretas.

Manuel (2003, p. 398) elucida que dentro das interpretações da Biblioteconomia e da Documentação, o conceito de representação se apresenta como um apontador de aplicação e preservação de estruturas, tendo como resultado uma redução de uma realidade superficial, ou desnecessária, dentro de um contexto específico.

Com esse aspecto conseguimos trazer um conceito de organização da informação através de um viés de Shera e Egan (1961), onde permite que dentro de um processo a informação tende a ser um conjunto de objetos informacionais e não

somente a literatura, visto dessa perspectiva a organização da informação e comparada com a informação secundária descrita por Alvarenga (2006).

Alvarenga (2006, p. 5). Entende representação secundária como uma prática essencial nos sistemas de informações documentais, na qual os conceitos

constantes dos registros primários são sucintamente identificados em seus elementos constitutivos fundamentais, escolhendo-se os pontos de acesso fundamentais que garantem a representação desse conhecimento (documento) para fins de futura recuperação. Neste caso, os conceitos constantes dos documentos, assim como suas superfícies de emergência, constituem-se em insumos para a representação secundária e devem ser identificados, requerendo-se que o profissional da informação, no processo de organização do conhecimento [para nós organização da informação], proceda à identificação dos elementos de descrição e temáticas que poderão vir a ser buscados pelos usuários potenciais do sistema de informação.

Tomando posse dessa premissa o que vem a ser conceito? Para essa indagação, Abbagnano (2007, p. 164) corrobora dizendo que é

Em geral, todo processo que torne possível a descrição, a classificação e a previsão dos objetos cognoscíveis. Assim entendido, esse termo tem significado generalíssimo e pode incluir qualquer espécie de sinal ou procedimento semântico, seja qual for o objeto a que se refere, abstrato ou concreto, próximo ou distante, universal ou individual etc. [...] o alegado caráter de universalidade subjetiva ou validade intersubjetiva do conceito na realidade é simplesmente a sua comunicabilidade de signo linguístico: a função primeira e fundamental do conceito é a mesma da linguagem, isto é, a comunicação[...]

Tomando conhecimento dessa definição, apoia a ideia de que o conhecimento é uma expressão da linguagem, e dessa maneira entendemos que é a forma que o ser humano tem de se comunicar. Corroborando com essa premissa, Dahlberg (1978), advoga que os conceitos são as expressões que o homem consegue criar para caracterizar os objetos e a junção dessas expressões recheia o conceito dos objetos, entendessemos então que possui os conceitos tanto individuais quanto gerais.

Entende-se por conceito individual, a expressão de objetos individuais, a exemplo: os fenômenos, os processos, os acontecimentos, os atributos entre outros, estando ligados aos moldes de tempo e espaço, já no conceito geral os objetos estão fora do tempo e espaço. (DAHLBERG, 1978)

Segundo Hjørland (2008, p.2) “Quando usamos linguagem e termos, realizamos algum tipo de ato, com a intenção de fazer alguma coisa. Os diferentes

significados dos termos que usamos são ferramentas mais ou menos eficientes para ajudar a realizar aquilo que queremos fazer”.

Isso porque, segundo o autor, definir um conceito só através de seu uso não é suficiente, dessa forma, para Hjørland, citando a filosofia pragmática de Charles Sanders Peirce, o significado de um termo não é determinado apenas pelo seu passado, mas também pelo seu futuro.

Levando essa discussão referente a conceito para o campo da fotografia Machado (2000), ao baseia-se nas ideias de Vilém Flusser, procura compreender a fotografia como imagem-conceito através de teorias científicas, ou seja, buscando a sua materialização dentro dos conceitos da ciência.

O entendimento da fotografia vai além de técnica de representação artística, o seu percurso memorialístico e seu estudo no âmbito dos estudos socioculturais, afirmam os preceitos deste documento em questão como artefato de estudo e representação para identidade de uma sociedade.

A representação da fotografia envolve processos cognitivos que envolve variáveis atributos, dentre eles, a emoção, a razão e a linguagem, que de forma pioneira encontra-se presente no registro da memória de um suporte documental, atribuídas através das etapas de percepção, identificação, interpretação, reflexão e codificação. (ALVARENGA, 2003).

Lima (1988), ajuda a compreender que os profissionais de informação, conheçam os elementos necessários para uma leitura efetiva de imagens, com foco na escrita padronizada e na linguagem fotográfica, para fins documentários, e dessa forma consigam desenvolver sistemas, técnicas, bases de dados e demais utensílios que consigam alcançar os usuários daquilo que procuram enquanto resultado científico, resultando o ciclo informacional, que começa com sua comunicação produção e disseminação da informação.

Afinal, quando falamos de fotografia no aspecto informacional como documento, ou fenômeno memorialístico, é importante entender que ela necessita está presente no seu âmbito social, para que consiga ser interpretada e contextualizada com seu objetivo informacional, se não, será feito um livro de língua desconhecida, informação que não e tem proveito até uma necessária tradução.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

É uma pesquisa de natureza empírica, com abordagem qualitativa, de caráter documental e exploratória, que para Gil (2010 p. 27) "tem como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses." Desta maneira, essa metodologia permite:

um olhar de perto e de dentro, mas a partir dos arranjos dos próprios atores sociais, ou seja, das formas por meio das quais eles se avêm para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas – religiosidade, trabalho, lazer, cultura, participação política ou associativa etc. Esta estratégia supõe um investimento em ambos os pólos da relação: de um lado, sobre os atores sociais, o grupo e a prática que estão sendo estudados e, de outro, a paisagem em que essa prática se desenvolve, entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise (MAGNANI, 2002, p. 18).

Identificada como estudo de caso⁶, visto que é uma estratégia de pesquisa científica que analisa um fenômeno atual em seu contexto real e as variáveis que o influenciam. Identificado então como um estudo intensivo e sistemático sobre uma instituição, comunidade ou indivíduo que permite examinar fenômenos com diversos níveis de complexidade.

O estudo de caso terá como lócus da pesquisa o CODAI da UFRPE cuja documentação fotográfica será selecionada a partir de uma amostragem do tipo intencional e não aleatória, partindo dos critérios: a) ser documento fotográfico de produção ou recebimento da instituição; b) existir em suporte físico ou digital; e, c) registrar imagens e personagens em eventos culturais, sociais, políticos e acadêmicos da instituição.

A presente pesquisa vem com uma abordagem baseada em elementos bibliográficos e documentais, e se encontra inserida nas dimensões teórico-conceituais da Organização da Informação. Logo, se fez necessário responder o seguinte questionamento:

Como a organização documental de fotografias do Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas da Universidade Federal Rural de Pernambuco pode contribuir para a sua memória institucional?

⁶ O que é Estudo de Caso, pelo professor Me. Pedro Menezes, disponível no site: <https://www.significados.com.br/estudo-de-caso/#:~:text=Estudo%20de%20caso%20%C3%A9%20uma,que%20permite%20examinar%20fen%C3%B4menos%20complexos.>

Para alcançar tal resposta, tratou em âmbito geral, a primeira instância o levantamento do material a ser trabalhado, visto que não se tem uma catalogação e nem uma organização estrutural das fotografias. De maneira coesa e para atingir os objetivos dessa pesquisa, traçamos as metas a seguir:

- Selecionar as fotos físicas e digitais;
- Demonstrar o condicionamento necessário para a organização do devido acervo;
- Sugerir sua catalogação e seu armazenamento de forma temática e padronizada;
- Propor que junto com a catalogação, fazer um memorial iconográfico.

A pesquisa seguiu uma sequência de atividades que colaboraram para atingir os objetivos a qual se pretende, a saber: levantamento bibliográfico, pesquisa de campo para seleção de material que possibilitará a execução da pesquisa, análise e tratamento dos dados coletados e elaboração das narrativas. Os objetivos específicos serão alcançados da seguinte maneira:

Quadro 5- Objetivos e Metas a serem alcançados

Objetivo Específico	Metas
<p>Identificar e selecionar fotografias do Colégio de acordo com as características social, política e estrutural, descrevendo as fotografias e suas características físicas e de conteúdo.</p>	<p>a) Identificar os locais onde estão as fotografias pertencentes à instituição. Visto que não se tem um acervo organizado, a primeira instância buscamos os locais dentro da própria instituição onde tinham fotografias da mesma, tais como: Biblioteca, Direção de Ensino, Direção Administrativa, Agroindústria, EAD, e quando não houve preenchimento de tal década, utilizamos então reportagens e fotografias publicadas em matérias de jornais.</p> <p>b) Seleção das fotografias. Nesta etapa foram selecionadas fotografias relacionadas a eventos importantes no período de uma década, Essa escolha se deu por conta do grande volume de fotografias e visando que cada década teria uma demonstração diferente a ser mostrada, atribuída então a 3 categorias pré selecionadas. Tais como: Social, Política e Estrutural.</p> <p>c) A descrição das fotografias segundo a norma Sepiades. As fotografias foram descritas de acordo com a Sepiades, pois dentro de sua estruturação permite a inclusão de metadados, e tem função de descrição de multinível (árvore hierárquica). Tendo armazenamento de registros em formato XML (Extensible Markup Language), facilitando a exportação dos registros.</p>

<p>Identificar aspectos memorialísticos institucionais a partir das descrições das fotografias.</p>	<p>a) Seleção de grupos colaborativos para a descrição das fotografias.</p> <p>Após a escolha e descrição das fotografias, foram selecionadas pessoas para a descrição de tais fotografias, por se tratar de uma escola que está a quase um século em atuação, foi preciso descrever as fotografias com matérias de jornais que correspondessem a data e ao evento escolhido em questão. Já as pessoas selecionadas o critério de escolha se deu através das categorias escolhidas, tais como:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Social: Ex-Alunos e Alunos; ● Político: Ex-Diretores e Diretor, ex-professores e professores; ● Estrutural: Ex-funcionários, funcionários atuais e comunidade no todo. <p>b) Aplicação de entrevista semiestruturada</p> <p>A entrevista semiestruturada será aplicada de maneira direta, com perguntas que revisitam aquele momento vivido. A saber:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Qual a primeira lembrança que vem a sua memória ao vê essa fotografia? 2. O que essa(s) pessoas/ espaço/ evento te faz(em) lembrar? 3. Como você descreveria esse momento de acordo com o que vivenciou?
---	--

Fonte: O autor (2023).

Desta perspectiva, foram selecionada 1 fotografia por década para cada categoria, nem todas as décadas conseguiu contribuir com as três categorias, mas a pesquisa seguiu baseada na estruturação por se entender que mesmo não achando material de uma década a outra tinha e era válido para a construção dessa memória, foram utilizadas fotografias e reportagens de jornais como referência para a análise, estruturando de forma o corpus desta pesquisa. Tais fotos selecionadas revelaram

diferentes valores documentais retratando aspectos essenciais de toda trajetória da instituição.

Em sua práxis estruturam-se de acordo com as categorias que visam demonstrar o seu espaço físico, através da estrutural, o seu teor político, através das visitas e inaugurações correlatas e da sua função social, através dos eventos, visitas de campo, viagens e demais festividades. A seguir, encontram-se os significados de cada categoria:

Quadro 6- Categorias para classificação das fotografias

CATEGORIA	SIGNIFICADO
SOCIAL	Todas as unidades de significação que estejam trajadas a eventos socioinstitucionais, tais como festas, formaturas, feiras, viagens, aula de campo, lazer, socialização de funcionários, discentes, docentes e formações diversas.
POLÍTICO	Visitas Governamentais à instituição, inaugurações, reuniões políticas, visitas do reitor, votações de chapa, grêmio estudantil.
ESTRUTURAL	Reúne tudo que está interligado ao funcionamento da instituição, representações de questões físicas, de segurança, de limpeza, de espaço, de acessibilidade entre outros aspectos.

Fonte: O autor (2023).

A coleta dos dados foi realizada por meio de levantamento documental, onde se fez uma análise das fotografias coletadas, a fim de evidenciar o teor social, político e de estrutura da instituição. Posteriormente, foram identificadas pessoas que puderam realizar narrativas a partir da vivência registrada nas fotografias, na ausência

dessas pessoas esse completo narrativo foi feito através das reportagens jornalísticas datadas na mesma época da fotografia escolhida.

Logo em seguida foram indexadas nos metadados atribuídos através do Software da SEPIADES para organizar sua descrição, a seguir quadro demonstrativo dos metadados que serão utilizados:

Quadro 7- Metadados selecionados para descrição das fotografias

IMAGEM
DATA
LOCAL
TIPO DO ARQUIVO
SITUAÇÃO DO ARQUIVO
DIMENSÕES
FORMATO DO ARQUIVO
CÓDIGO DE REFERÊNCIA
DESCRIÇÃO 1
DESCRIÇÃO 2

Fonte: O autor baseado em SEPIADES (2016).

5 POR TANTO AMOR, POR TANTA EMOÇÃO, ÉS A MINHA HISTÓRIA AQUI

Quadro 8 - Refeitório do colégio



24 de outubro de 1936

Refeitório do colégio

Arquivo de Jornal

Digitalizado

306x220

Digital

Social 01

E, á luz dessa verificação, plenamente attingível por quantos exercitem uma observação, mesmo a menos arguta, sobre as multidões, escreviamos que só a educação tecnico-profissional, como indispensável complemento ao ensino das primeiras letras, pode valorizar economicamente o individuo, libertando-lhe a pessoa dos prejuizos derivados daquelle estado psychologico a que alludimos.

Não advogávamos, allás, nenhum ponto de vista original. Esse entendimento é já uma conquista de muitos espiritos esclarecidos que presidem aos destinos do paiz e á formação da mentalidade collectiva. E não são raras, nem escassas, as objectivações praticas desse modo de ver.

O "Aprendizado Agricola" de Pacas, a ser inaugurado em junho proximo em terras do municipio de Victoria, organizado e assistido pela iniciativa intelligente da Secretaria da Agricultura estadual, é uma das realizações dessa natureza, e que houvemos por bem citar aqui em face da recente visita que lhe fez o sr. governador do Estado acompanhado de numerosa comitiva, quando de sua viagem de inspecção ás obras empreendidas pela Secretaria referida, naquelle e no municipio de Rio Branco.

O notavel estabelecimento, cujas installações são verdadeiramente admiráveis, destina-se á criação dum novo typo de trabalhador rural, valorizado, capaz e efficiente.

Jornal da manhã, 7 de março de 1936.

O **Aprendizado Agricola de Pacas**, a ser inaugurado hoje em terras do municipio de Victoria, e seu tracto local do entendimento esclarecido que vem imprimindo em Pernambuco um sentido ruralista á educação.

O notavel estabelecimento, cujas installações são verdadeiramente admiráveis, destina-se á criação dum novo typo de trabalhador rural, valorizado, capaz, efficiente.

O pouco rendimento em trabalho do operario do campo: a situação de inferioridade social em que se debatem as condições de vida, rudimentares e penosas, com que se vê a braços, são todos resultados, em sua maior parte, da sua escassa capacidade profissional e do desconhecimento absoluto das noções imprescindíveis á estabilização regular do individuo na sociedade.

A orientação profissional, e tambem a economica e a sanitaria, proporcionadas praticamente, descontinuar-lhe-ão possibilidades mais amplas e mais valiosas para o trabalho e para a produção, habilitando o obreiro a fazer face á gíria com vantagem, e habituando-o á gestão racional do seu salario, ás medidas sanitarias e ás noções alimentares possiveis de pô-lo a salvo da depressão económica e da miseria economica e em condições de lograr um maior rendimento do seu esforço, concorrendo ao mesmo tempo para a obra civilizadora do Estado.

Em face desse empenho de diffusão da mentalidade ruralista, o agricultor nordestino, que sabe, por experiencia propria, da incapacidade e da ineptencia generalizadas entre os trabalhadores do campo, poderá, bem melhor do que nós, ajeitar do extraordinario alcance de obra tão intelligente, tão superiormente inspirada no elevado interesse do bem publico, e de tal modo associadora da solução gradual, porém ineluctavel, desse arduo problema social que tem seus termos postos nas penosas e deficientes condições de vida do trabalhador rural deste Nordeste, e cujo alcance não envolve, tão somente, o beneficio da comunidade ruralista, pois que, como o remarca o sociologo Paul Vogt, estructura, tambem, uma poderosa base para a solução de muitos problemas sociais urbanos.

Jornal da Manhã, 24 de outubro de 1936.

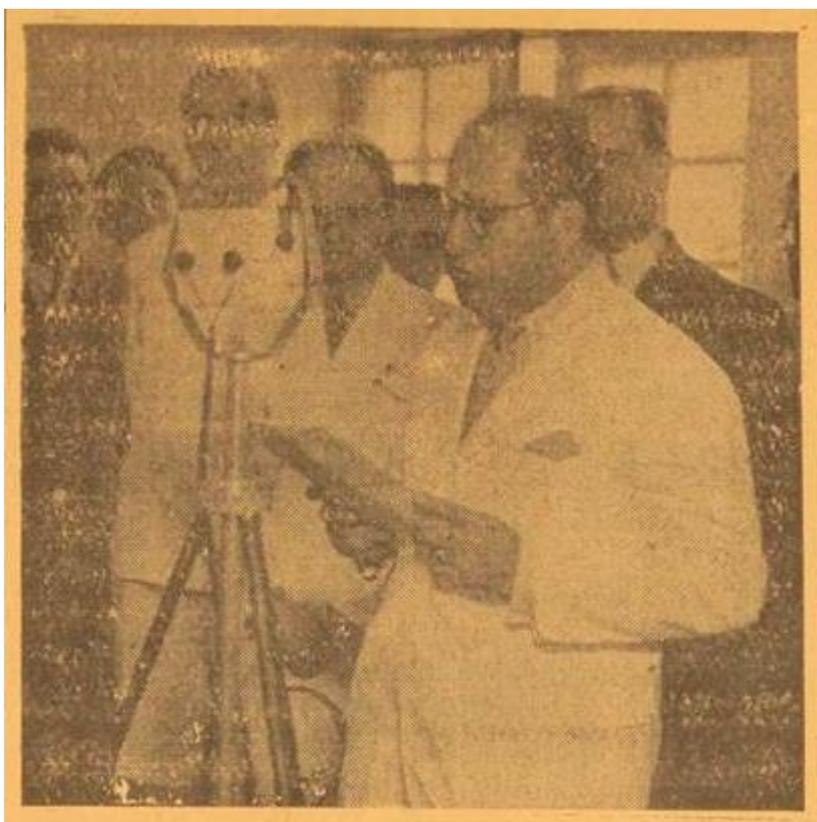
Fonte: O autor (2023).

Figura 4 - Sala de Estudo do Aprendizado Agrícola de Pacas- 1937/ Fotografia Digitalizada



Fonte: dados de pesquisa no acervo da instituição (2022).

Quadro 9 - Discurso de Lima Cavalcanti, Governador de Pernambuco, no ato da Inauguração da escola



24 de outubro de 1936
Escola Agrícola de Pacas, Governador Lima Cavalcanti
Arquivo de Jornal
Digitalizado
411x411
Digital
Política 1
<p>O Governo de Pernambuco tem hoje a grata satisfação de inaugurar o Aprendizado Agrícola de Pacas. Quero, desde logo, congratular-me com Pernambuco pela presença, neste Estado, do illustre titular da pasta do Trabalho.</p> <p>Pela sua intelligencia, pela sua cultura, pela sua educação politica o sr. Agamenon Magalhães attingiu um singular relevo na vida publica brasileira.</p> <p>De Pernambuco, onde conta com o mais alto e merecido prestigio pessoal e politico, projectou-se para os quadros da politica e da administração nacional. Parlamentar dos mais brilhantes, revelou-se, na pasta do Trabalho, um administrador consciante, honesto e fecundo.</p> <p>A sua obra no Ministério do Trabalho é uma affirmação das qualidades que exaltam a sua personalidade de homem publico.</p> <p>Dá-nos uma grande honra o sr. ministro Agamenon Magalhães, vindo assistir á inauguração do Aprendizado Agrícola de Pacas.</p> <p>Dispondo de instalações as mais perfectas que se podem imaginar para esse genero de estabelecimento de ensino, o Aprendizado terá uma finalidade da maior repercussão para o ensino profissional e para a actividade agricola do Estado. Pela sua propria organização, difere este Aprendizado de outros institutos de nome identico existentes no país. Terá uma base e um fim rigorosamente agricolas. Realizará, no sentido do pensamento de Alberto Torres, uma reacção contra o centripetismo das populações rurais.</p> <p>Ero geral os aprendizados agricolas que funcionam no país desunam-se, principalmente, a receber crianças desvalidas, orphãos ou, somente, filhos de pequenos lavradores ou trabalhadores rurais.</p> <p>O Aprendizado Agrícola de Pacas tem uma finalidade muito mais segura e racional: visa seleccionar a vocação profissional no sentido de agricultura, attendendo-se, antes de tudo, á inclinação da criança. Este Aprendizado será um centro de educação profissional de mais elevado padrão e seus alumnos surgirão de todas as classes indistinctamente, seleccionadas, apenas, pela vocação e tendencias para a vida agricola.</p> <p>E o Governo, inaugurando-o, está certo de que daqui sairão amanhã os novos apóstolos da agricultura, com ascetismo e preparação profissional, ligados á terra pela convivencia e pelo trabalho, para realizarem a riqueza economica do Estado, em bases scientificas e duradouras.</p> <p>Em vez de um discurso desejo aproveitar a solemnidade dessa inauguração e a presença do exmo. sr. ministro do Trabalho, dr. Agamenon Magalhães, para fazer um miúdo</p> <p style="text-align: right;">(Continúa na 29.ª pagina)</p>
Discurso de Lima Cavalcanti, Governador de Pernambuco, no ato da Inauguração da escola.

Inaugurado ontem o Aprendizado Agrícola de Pacas

Discursaram na solennidade o secretario da Agricultura, o governador do Estado e o ministro do Trabalho



FLAGRANTES DA INAUGURAÇÃO DO APRENDIZADO DE PACAS — A' esquerda, o governador do Estado quando falava durante a solennidade e, á direita, o secretario da Agricultura inaugurando o melhoramento. Vê-se ainda o sr. Agamemnon Magalhães, ministro do Trabalho

Diário de Pernambuco, 24 de outubro de 1936.

Fonte: o autor (2023).

Quadro 10 - Sala de Aula



24 de Outubro de 1936

Sala de Aula

Arquivo de jornal

Digitalizada

311x237

Digital

Estrutural 1

Como se sabe o "Aprendizado Agrícola" é um estabelecimento organizado em moldes práticos e de cunho inteiramente moderno, com o objectivo de proporcionar instrução técnica elemental aos filhos dos agricultores e cujos métodos deverão concorrer para uma nova orientação na pratica dos serviços e plantações agrícolas.

Inaugurando o "Aprendizado Agrícola de Pacas", o governador Lima Cavalcanti pronunciará um discurso allusivo ao acto.

— A Secretaria de Agricultura que está convidando para assistir a festividade da inauguração, autoridades e pessoas interessadas, mandará pôr á disposição dos mesmos, um trem especial que partirá da Estação Central, ás 7.30 da manhã, com destino a Victoria.

Jornal da Manhã, 21 de outubro de 1936

APRENDIZADO AGRICOLA DE PACAS

555



Alunos do "Aprendizado" em estudos, no salão da Bibliotheca

Sua inauguração, amanhã, pelo governador Lima Cavalcanti com a presença do sr. Agamemnon Magalhães, ministro do Trabalho

do Agrícola de Pacas».

O novo estabelecimento que é mais uma das realizações efficientes da Secretaria de Agricultura; a cuja frente se encontra o illustre dr. Lauro Montenegro, obedece a uma organização inteiramente moderna, com o objectivo de proporcionar instrução tecnica e mentar aos filhos de agricultores.

A orientação e o ensino a ser ministrado no «Aprendizado Agrícola de Pacas», virão concorrer, graudente, para dar uma nova modalidade aos serviços de plantações agrícolas.

O «Aprendizado Agrícola de Pacas» está instalado confortavelmente em predios modernos, com escola, dormitório, enfermaria, bibliotheca, sendo que o local é o mais apropriado a um estabelecimento de tal natureza, apresentando aspectos realmente notaveis: a Horta, o Pomer, e os Campos de Cultura.

Com o «Aprendizado Agrícola de Pacas» vê-se que Pernambuco dá mais um grande passo no sentido de trazer os nossos serviços agrícolas em dia com os processos mais adelantados de fomento da produção, impulsionando o desenvolvimento economico do Estado. O estabelecimento a ser inaugurado amanhã não tem confronto com as escolas congeneres existentes no sul do paiz.

Inaugurando oficialmente o «Aprendizado Agrícola de Pacas», o governador Lima Cavalcanti pronunciará um discurso allusivo ao acto.

Quadro 11 - Sala de Aula



1945

Aprendizado Agrícola de São Bento

Fotografias extraviadas

Digitalizado

400x263

Digital

Estrutural 2

Fonte: O autor (2023).

Figura 5 - Diário da Manhã, 28 de março de 1938

ARTIGO 1.º — Fica transferido o actual Aprendizado Agrícola de Pacas para a propriedade São Bento, no município de São Lourenço, com o nome de Aprendizado Agrícola de São Bento, sob a administração da directoria da Produção Vegetal:

ARTIGO 2.º — De igual modo, fica transferido para Pacas o Reformatório de Menores, com o nome de Instituto Profissional de Pacas, sob a administração da Secretaria do Interior.

(aa) Agamemnon Magalhães, Apolonio Salles, Arthur de Moura".

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (2022).

Figura 6 - Diário de Pernambuco, 14 de Maio de 1942

**APRENDIZADO
AGRICOLA DE
SÃO BENTO**

**Aberto o crédito de
100 contos para a
conclusão das obras**

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (2022).

As Categorias política e social não houve material para essa década, nem na instituição nem nas reportagens de jornais pesquisadas, porém existem algumas reportagens que demonstram a escola em alguns acontecimentos, a saber:

Figura 7 - Diário de Pernambuco, 08 de Julho de 1941

D. ADALICE OLIVEIRA BEIRÓ UCHÔA

7.º DIA

 Os funcionarios do **Aprendizado Agrícola de São Bento**, convidam os parentes e amigos de D. ADALICE OLIVEIRA BEIRO' UCHÔA, para comparecerem a missa de setimo dia a realizar-se na proxima quinta-feira (10), na Capela do Engenho São Bento, em Tapera, mandadas celebrar pelos referidos funcionarios, pelo descanso eterno de sua alma. Penhorados agradecem.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (2022).

Figura 8 - Diário de Pernambuco, 14 de setembro de 1941

**Atos do
Govêrno Estadual**

Designações para a Recebedoria — Medico para o **Aprendizado Agrícola de São Bento — O pagamento, amanhã, no Tesouro do Estado — I.P.S.E. — Os infratores do Regulamento do Trafego — Motoristas convidados a comparecer à Delegacia de Trânsito**

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (2022).

Figura 9 - Diário de Pernambuco, 05 de dezembro de 1942

APRENDIZADOS AGRICOLAS
Secundário e ensino agrícola superior, continua merecendo aplausos a atividade dos APRENDIZADOS AGRICOLAS, mantidos pela SECRETARIA DE AGRICULTURA.
Possuímos presentemente 3 desses estabelecimentos: o grande APRENDIZADO AGRÍCOLA DE SÃO BENTO, em São-Lourenço e o APRENDIZADO AGRÍCOLA DE SANTA ROSA, em Garanhuns.
O primeiro conta com 300 alunos e o último com 70. Ambos funcionam com internatos e são dirigidos por agrônomos de reconhecida competência.
O fim desses APRENDIZADOS é a formação de capatazes ou mestres de campo com a prática suficiente de irrigação, enxertia, avicultura, apicultura, melhoramentos de plantas úteis, oficinas e máquinas agrícolas. Aproveitam-se de preferência, nesses APRENDIZADOS, os filhos de agricultores pobres os quais depois de convenientemente preparados, tornam-se úteis colaboradores do agrônomo, no desenvolvimento agrícola do território pernambucano.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (2022).

Existe uma lacuna enorme, tanto de reportagens de jornal, quanto de material escolar sobre a década de 50.

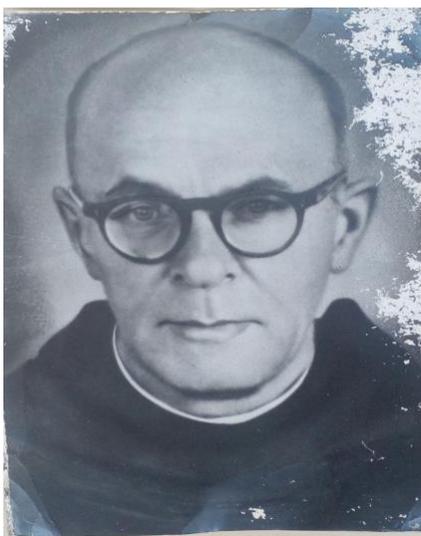
Década de 60 será representada por matérias de jornais que entrelaçam pontos de mudanças e de acontecimentos na escola.

Figura 10 - Reportagem em homenagem a Dom Agostinho Ikas, logo após sua morte no Diário de Pernambuco em 05 de dezembro de 1968



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (2022).

Figura 11 - Dom Agostinho Ikas⁷



Fonte: dados de pesquisa no acervo da instituição (2022).

⁷Sem datação, suponha-se que foi uma foto da época de 40. Dimensão 17,5x23,8. Foto Conservada.

Figura 12 - Diário de Pernambuco, 04 de setembro de 1969

No "Campus" de São Lourenço da Mata
 Semana de 10. a 7 de setembro 1. — Pa-
 lestras referentes à Data Magna em clas-
 se, pelo Professor de História. 2. —
 Trabalhos escritos sobre a Independência
 do Brasil, em tôdas as classes, pelos
 professôres de Português. 3. — Cânticos
 Patrióticos, em classe, sob a regência do
 Professor de Educação Artística. 4. —
 Palestras de Civismo, em classe, pelo Ca-
 pitão João Lins, Professor de Educação
 Física. 5. — Encerramento: Sessão Cí-
 vica, no palco-auditório do Colégio Agri-
 cola de São Lourenço da Mata, tendo
 como parte principal uma conferência a-
 lusiva à Independência do Brasil. Con-
 ferencista Dr. Haroldo Scharlly.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (2022).

Figura 13 - Diário de Pernambuco, 14 de outubro de 1969

HOMENAGEM AO REITOR

Enquanto isso, ampla programação foi elaborada pelo Centro Social Hilton Cabral de Sousa, órgão de representação dos estudantes do Colégio Agrícola de São Lourenço da Mata, para homenagear o professor Artur Lopes Pereira, reitor da Universidade Rural. As solenidades serão realizadas naquele educandário, amanhã, da seguinte maneira: apresentação da banda marcial Izaias Vieira, jogo de futebol de salão, reunião de recepção ao reitor, almoço oferecido pela diretoria do Colégio aos educandos e seus homenageados, seguindo-se tarde dançante.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (2022).

Figura 14 - Diário de Pernambuco, 11 de dezembro de 1969

Reitor da Universidade Rural pede implantação de campus em Petrolina

Após almoçar na residência do reitor Murilo Guimarães, da Universidade Federal de Pernambuco, o sr. Jarbas Passarinho visitou a Universidade Rural, tendo se reunido com o reitor Adieron Erasmo de Azevedo e demais dirigentes daquela instituição, dos quais recebeu os seguintes pleitos:

a) Instalação do campus avançado de Petrolina, através do Projeto Rondon; b) Assistência técnica a Comissões de Desenvolvimento, como por exemplo, a CODEAM, com sede em Garanhuns, e com a zona de ação que abrange vinte e oito municípios do Estado de Pernambuco; c) Instalação de Escritórios Regionais, em municípios selecionados dentro do espírito do Programa Estratégico de Desenvolvimento do Governo Federal, como polos de desenvolvimento sócio-econômico do Estado, órgãos esses definidos em princípios como dependências universitárias a que se cometem tarefas de pesquisa no equacionamento de problemas regionais, assistência dentro das possibilidades da Universidade aos poderes públicos e às instituições privadas, e, principalmente, de se transformarem paulatinamente em verdadeiros "campus" avançados; d) Elaboração do projeto e implantação do organismo nos moldes do CRUTAC.

OBJETIVOS

Constam ainda das reivindicações:

"Quanto ao que necessitamos para a concretização de nossos objetivos, podemos citar: a) ajuste imediato do Orçamento para 1970. Solicitados em proposta orçamentária, NCr\$ 22.310.100,00, tendo sido concedido no orçamento, NCr\$ 6.345.800,00; ajuste a ser solicitado, NCr\$ 3.654.200,00; montante imprescindível; NCr\$ 10.000.000,00; b) tempo integral para pessoal docente. Encaminhamos o Projeto de Tempo Integral e Dedicção Exclusiva, ao sr. presidente da CONCRETIDE, através do ofício n.º 56, de 5/2/69. c) Substituição do campus de São Lourenço da Mata: O Ministério do Interior, através da SUDENE, tendo em vista as últimas inundações ocorridas em várias cidades de Pernambuco, inclusive em cerca de 2/3 da cidade do Recife, procurando evitar futuras catástrofes como a que ocorreu em 1966, projetou barragens no rio Tapacurá, afluente do Capibaribe. Em decorrência do represamento das águas, por essas barragens, será inundada uma área estimada em 70 por cento do "campus" onde estão localizados o Colégio Agrícola de São Lourenço da Mata e a Fazenda Agropastoril desta Universidade. Ante o exposto, senhor ministro, solicitamos a sua valiosa colaboração, no sentido de, junto aos órgãos competentes, conseguir recursos necessários à transferência do "campus" de São Lourenço da Mata para outro local, a fim de não sofrerem solução de continuidade os seus trabalhos, não só no que diz respeito ao ensino e à pesquisa como também, ao próprio desenvolvimento da agropecuária em nossa região".

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (2022).

Quadro 12 – Alba e Edson na saída para o almoço



1975

Ao lado do Colégio

Digitalizado

Conservada/ Digital

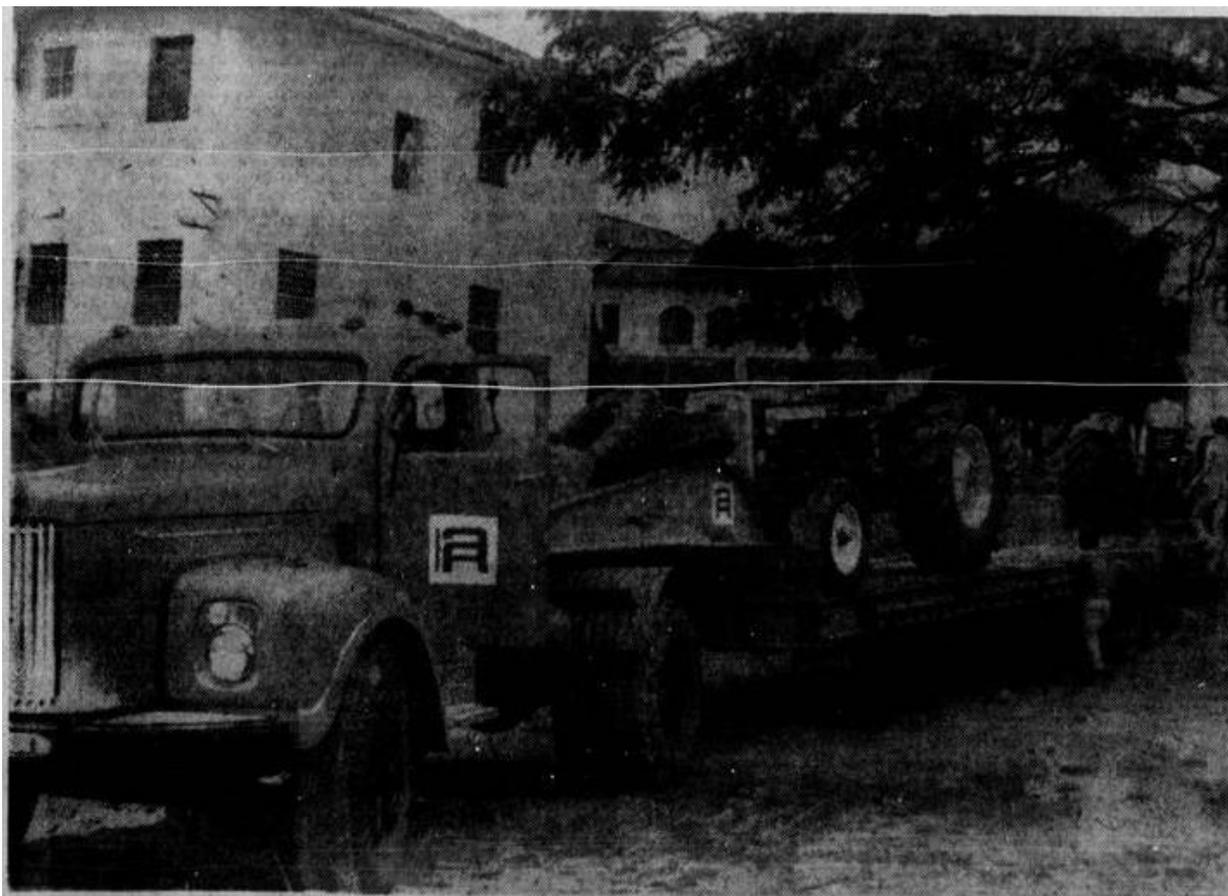
720x1058

Página oficial do Facebook da Instituição

Social 5

Fonte: O autor (2023).

Figura 15 - Diário de Pernambuco, 15 de novembro de 1970



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (2022).

Figura 16 - Diário de Pernambuco, 15 de novembro de 1970

Face ao Convênio firmado entre o GERAN, a Universidade Federal Rural de Pernambuco e o Departamento Nacional de Mão de Obras, será inaugurado, no dia 21, no Colégio Agrícola de São Lourenço da Mata, em Tapera, neste Estado, um novo curso de formação de tratoristas. Vários tratores já foram adquiridos, sendo os primeiros fornecidos através a firma A. REZENDE & CIA. LTDA, que entregou, esta semana, duas unidades do tipo VALMET Sincromático-80-ID, inclusive um outro que foi doado pela própria fábrica. Estão à frente da execução do convênio DNMO/UFRP/GERAN, o sr. Isaias Vieira da Silva, do Colégio Agrícola de São Lourenço da Mata, e o professor Edson Barros Correia, atuando como coordenador do curso

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (2022).

Figura 17 - Diário de Pernambuco, 22 de agosto de 1970

Colégio Agrícola poderá ser extinto com barragem Tapacurá

O Colégio Agrícola de São Lourenço da Mata, poderá ser extinto com a construção da barragem Tapacurá, uma vez que, até agora, nada foi resolvido sobre a sua transferência ou mesmo fechamento. Os trabalhos na barragem serão iniciados dentro de pouco tempo, e as águas inundarão toda a região onde localiza-se o estabelecimento.

Aquêle educandário vem prestando inúmeros benefícios à cidade, com a preparação de mão de obra especializada, e há planos de continuação nos trabalhos. Além disso, existem na propriedade do colégio cerca de 150 famílias, que fazem o total de . . . 1.000 habitantes, sem falar no número de estudantes que é de 352, sendo 258, em regime de internato.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (2022).

Figura 18 - Diário de Pernambuco, 17 de março de 1971

— AVISO —

ALIENAÇÃO DE VEÍCULOS E OUTROS BENS INSERVÍVEIS

Torno público, para conhecimento dos interessados, que a Universidade Federal Rural de Pernambuco, venderá em Leilão público, no próximo dia 19 (dezenove) do mês corrente, às 9,00 (nove) horas, no Pátio da Universidade, Dois Irmãos, nesta cidade, os seguintes Bens Inservíveis:

- 8 (oito) veículos de diversos tipos e marcas
- 6 (seis) tratores de diversos tipos e marcas
- 1 (uma) central telefônica marca ERICSON
- 1 (um) conjunto de 32 unidades Relógios eletrônicos IBM.
- 1 (uma) lavanderia completa, marca MEC-ESTRELA
- Máquinas de escrever
- Relógios de parede
- Duplicador a álcool DITTO
- Bancada para sapateiros
- Máquina de desengrosso DEUTZ
- Sacatas de ferro e bórria de chumbo e outros Bens Inservíveis.

OBS : Os Bens acima poderão ser vistos no endereço acima, excetuando-se dos itens 26 a 45, que estão no COLÉGIO AGRÍCOLA DE SÃO LOURENÇO DA MATA em TAPEIRA

Recife, 16 de março de 1971

GERALDO GUERRA E SILVA
Chefe da Sec. de Patrim.

Visto:

Major Pedro Jofilsan
Diretor da Div. de Mat.

(LC-44)

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (2022).

Figura 19 - Diário de Pernambuco, 24 de abril de 1971

Um veemente apelo é feito pelos corpos docente e discente do Colégio Agrícola às autoridades competentes no setor educacional, para que salvem o Colégio Agrícola de São Lourenço da Mata, localizado no Engenho São Bento, providenciando, com urgência, a sua transferência para outro local. Que o absurdo de se fechar esta Escola não seja cometido justamente nesta Década da Educação.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (2022).

Figura 20 - Diário de Pernambuco, 08 de maio de 1971

Surge esperança para membros do Colégio Agrícola São Bento

O Colégio Agrícola de São Lourenço da Mata, situado nas terras do antigo Engenho São Bento, completou, em 9 de dezembro de 1970, seu 34 anos de existência. Surgiu em 1936, com a desapropriação, por parte do governo estadual, da Escola Superior de Agricultura. Esta funcionava no Engenho São Bento desde 1917.

Com a Barragem do Tapacurá, o Colégio está atravessando dias difíceis. Para onde ir? Ainda não se sabe. Mas, uma esperança já surgiu com a defesa do Colégio, iniciada por este jornal com a reportagem: "Barragem traz problema para duas mil pessoas".

Naquela reportagem, o articulista apresentava o drama social e o problema da transferência da Escola. Orações a Deus, as autoridades competentes já estão se movimentando para solucionar o problema humano, surgido com a construção da Barragem.

Em 28 de abril, o Reitor da UFRP, Prof. Adilson Erazmo de Azevedo, sob cuja direção administrativa se encontra o Colégio Agrícola, dirigindo-me um comunicado sobre os problemas dessa Colégio, anotados na reportagem acima referida, asseverou-me: "... Estou tomando todas as medidas ao meu alcance". No início da semana passada, o Reitor da UFRP, assessorado por uma comissão de técnicos, foi verificar o problema da Escola. Então, um professor do Colégio Agrícola me escreveu, dizendo: "Há no momento, muita alegria entre os habitantes de São Bento. Já começa haver fé e confiança na vitória da Escola".

PREFEITO FAZ SUGESTÃO

Entrevistado o Prefeito de São Lourenço da Mata, o sr. Fernando Correia de Araújo, no dia 30 de abril, sobre o problema social do Colégio Agrícola em face da Barragem, ele confessou: "A Escola desaparecendo, ou mesmo sendo transferida para outro município, vai empobrecer culturalmente São Lourenço. O Município é quem perde". Acrescentou ainda: "Na audiência que vou ter com o governador Eraldo Góes, reivindicarei junto a ele que a Escola permaneça dentro da área do Município. Farei a sugestão ao Governador que a Escola seja transferida para o Engenho Constantino, o qual se separa da cidade de São Lourenço apenas pelo rio Capibaribe. Este Engenho, atualmente, inativo e com apenas três moradores, tem cerca de 300 hectares e pertence ao sr. Araújo Pimenta".

Também o prof. Isaias Vieira da Silva, diretor do Colégio Agrícola, apresenta sugestões a respeito da transferência da Escola. "Prefiro, diz ele, que o Colégio permaneça na zona norte do Estado: Carpina, Limoeiro ou Surubim. Por dois motivos: primeiro, porque na zona norte, não existe ainda uma Escola agrícola; segundo, porque esta é a região mais apropriada para a agro-pecuária".

DENOMINAÇÕES DA ESCOLA

Quatro denominações, tomou o Colégio Agrícola, ao longo de sua curta história, pertencendo também a diversas entidades públicas. Recebeu o primeiro nome de "Aprendizado Agrícola de São Bento", em 1936, ficando sob a orientação da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio. Em 1952, passou a denominar-se: "Escola de Tratoristas do Nordeste", colocando-se, então, sob a tutela do Ministério da Agricultura. Seu terceiro nome foi: "Escola Agrotécnica de São Lourenço da Mata", em 1957, quando se incorporou à UFRP, tornando-se federalizada. Em 1964, a Escola foi elevada a categoria de Colégio, em virtude do Decreto nº. 33.358, tomando a denominação de "Colégio Agrícola de São Lourenço da Mata".

DIRETORES

Encontra-se o Colégio Agrícola sob a orientação do seu 13º diretor. O beneditino D. Pedro Bandeira de Mello foi o seu primeiro Diretor (1936). Os outros diretores: Dr. Otávio Gomes (1937). Dr. Francisco Sabino (1938). Dr. Newton Pantorra e João Guerra (1939). Dr. Arlindo Betró Uchoa (1940). Dr. Alvaro Alves da Silva (1944). Dr. Antônio Tavares Lira (1948). Dr. Rodolfo de Andrade Moraes (1953). Dr. Martins Furtado de Sousa (1958). Dr. Paulo de Araújo Barreto Campelo (1964). Dr. Adilson Viana da Silva (1965). O atual Diretor, Prof. Isaias Vieira da Silva tomou posse em 1967.

CURSOS

Desde a sua fundação, o Colégio Agrícola ministrou vários Cursos. Estes se sucederam de acordo com as denominações que a Escola ia recebendo. Houve os seguintes cursos: Capataz Agrícola, Tratoristas, Iniciação Agrícola, Mestre Agrícola, Técnico em Mecânica Agrícola. Atualmente, o Colégio mantém o Ginásio e o Colégio Agrícolas, e também, desde novembro do ano passado, o Curso de Tratoristas Canavieiros do Nordeste, num convênio GERAN, DNMO e UFRP.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (2022).

Quadro 13 - Lateral da Escola



1979

Lateral da Escola

Digitalizado

Conservada/ Digital

964x960

Página oficial do facebook da instituição

Estrutural 5

Fonte: O autor (2023).

Quadro 14 - Quadra poliesportiva do colégio


1984
Quadra poliesportiva do colégio
Digitalizado
Conservado
711x717
Página oficial da instituição no facebook
Social 6

Fonte: O autor (2023).

Figura 21 - Diário de Pernambuco, 27 de setembro de 1985

I Feira de Informações de Agropecuária termina hoje

SÃO LOURENÇO - Encerra-se, hoje, às 18h, a "I Feira de Informações de Agropecuária" no Colégio Dom Agostinho Ikas, da Universidade Federal de Pernambuco. Ontem, mais de duas mil pessoas visitaram a feira e aprenderam novas técnicas agrícolas colocadas em prática pelos alunos e supervisionados por professores especializados.

Muito organizada, a feira também foi visitada por plantadores de cana e agropecuaristas de várias cidades do Interior, nascendo daí a ideia de, em 86, realizar-se uma exposição conjunta, no Recife, reunindo professores e alunos de todas as escolas agrícolas.

DESENVOLVIMENTO
Explicou a professora Marly de Albuquerque Montenegro Pessoa de Queiroz, diretora do estabelecimento de ensino, que o objetivo da feira é desenvolver uma amostragem das atividades do colégio nas áreas de ensino, pesquisa e extensão a nível de 2º grau, na formação de mão-de-obra especializada em agropecuária, constante do Plano Geral de Ação da UFPE, no reitorado de Waldecy Fernandes Pinto (83 a 87).

Dentro dessa linha de ação, voltada para o objetivo maior - a Educação, a II FIA, apesar da exiguidade de recursos, vem contando com os ilimitados esforços dos professores, alunos e funcionários do Codai, com o apoio da comunidade, empresas e órgãos governamentais.

MUDANÇAS
"Consciente da Educação como base para o desenvolvimento global de um País, que reivindica mudanças, o Codai se encontra receptivo a todos que busquem uma melhor integração formal ou informal nos conhecimentos da agropecuária" - esclareceu a professora Marly Pessoa de Queiroz, acrescentando que "o despertar para uma consciência crítica, onde a Educação deve ser entendida e aplicada como um desinibidor da criatividade - proporcionando a liberação do espírito inovador e estimulando o bom-senso na utilização das potencialidades individuais, respeitadas as condições socio-econômicas do Estado, também levaram o colégio a promover a II Feira de Informações Agropecuária".

Distribuídos em estandes e ocupando todas as salas de aula, os produtos e implementos agrícolas, animais de corte e testes de inseminação artificial, foram apresentados por alunos bem orientados e conhecedores da matéria. Bemitas e gatinhos, as recepcionistas estão a disposição dos visitantes, das 8 às 17 horas, estando a coordenação das palestras a cargo do estudante Francisco Mendonça. As experiências de inseminação artificial são realizadas duas vezes por dia, com sucesso, pelas alunas, sob a supervisão dos professores. Também, poderão ser adquiridos na feira, licores e mel de primeira qualidade.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (2022).

Figura 22 - Arquivo da Instituição, primeiro certificado da FIA



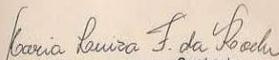
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
COLÉGIO AGRÍCOLA DOM AGOSTINHO IKAS
São Lourenço da Mata — PE

C E R T I F I C A D O

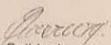
CERTIFICAMOS QUE _____

PARTICIPOU DA I FEIRA DE INFORMAÇÃO AGROPECUÁRIA, REALIZADA NO PERÍODO DE 24/10/84 A 26/10/84, PROMOVIDA PELO COLÉGIO AGRÍCOLA DOM AGOSTINHO IKAS, DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO.

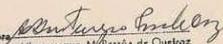
CODAI/UFPRPE, em 20 de novembro de 19 84.



Coordenadora
Marly de Albuquerque Montenegro Pessoa de Queiroz
Prof. Reg. n.º 45423 - D - MEC



Participante



Diretora
Marly de Albuquerque Montenegro Pessoa de Queiroz
Diretora - Reg. n.º 12.126 F-ME

Fonte: dados de pesquisa no acervo da instituição (2022).

Figura 23 - Diário de Pernambuco, Data não identificada 1985

Começa em S. Lourenço Feira de Informações Agropecuárias de PE

SÃO LOURENÇO DA MATA - A 2ª Feira de Informações Agropecuárias tem início, hoje, em São Lourenço da Mata, reunindo técnicos e alunos do Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas e termina sexta-feira, com uma grande festa e venda de bebidas e comidas típicas. A feira, uma das mais importantes no setor agrícola de Pernambuco, constará de exposição, palestras, testes de inseminação artificial em bovinos e caprinos, exposição de novos métodos de combate à erosão, ensino do sistema de criação de animais de corte, estandes diversos e uma série de informações relativas ao setor. Os alunos Francisco Mendonça, Marcos Gonçalves e Norberto Rodrigues, coordenados pelo professor Roberto de Lavor, são responsáveis pelos trabalhos. A escola, uma das melhores do Brasil, tem formado técnicos que são absorvidos pelo mercado de trabalho nacional e do Exterior.

Para os organizadores da feira, reunir material e distribuí-lo em estandes não foi uma tarefa fácil, pois necessitou da ajuda de comunidade escolar e de muitas horas de trabalho. Francisco Mendonça, por exemplo, trabalhou mais de 12 horas por dia na arrumação dos galpões, objetivando levar as comunidades informações úteis sobre os problemas agropecuários, principalmente em relação aos novos métodos de criação.

A reforma agrária, uma das preocupações dos alunos do Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas, é um tema que será abordado de forma especulativa, uma vez que o Governo não definiu como irá fazê-la, conforme disse o presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Recife, Eliomar Teixeira, um dos palestrantes, vez que as autoridades ainda estão reunindo os dados do Incri, em cada Estado, para efetivamente implantá-la.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (2022).

Figura 24 - Diário de Pernambuco, 09 de outubro de 1987

Feira de Informação é atração de hoje em São Lourenço da Mata

SÃO LOURENÇO DA MATA - Quatrocentos alunos do Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas, nesta cidade, iniciaram anteontem a IV Feira de Informações Agropecuárias, objetivando um interrelacionamento com a população através da transmissão pública dos conhecimentos adquiridos na instituição quanto a agricultura e a pecuária.

A Feira desperta grande interesse da comunidade, especialmente pela dedicação dos alunos e as novidades que apresentam a cada ano. Todo o comércio e a indústria locais apoiam a promoção. A solenidade de abertura da Feira foi presidida pelo vice-Reitor da Universidade Federal Rural de Pernambuco, no exercício da Reitoria, professor Rildo Sartori, à qual o colégio está vinculado.

A promoção fica aberta ao público até hoje, com apresentação de animais, culturas de hortaliças e montagem de várias atividades como minicasa de farinha, forno de defumação, biodigestores, além de várias experiências que vão desde as feitas em laboratório até aquelas de campo, como o bombardeamento de nuvens, para provocar chuva artificial.

Nos vários stands os próprios alunos do colégio, supervisionados pelos professores, ministram as explicações sobre as experiências ou práticas agropecuárias, assim como esclarecem dúvidas e distribuem panfletos, folders e outros impressos com assuntos ligados às atividades agrícolas.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (2022).

Quadro 15 - Muribara



14 de dezembro de 1981

Muribara

Matéria de jornal

Arquivo de Jornal

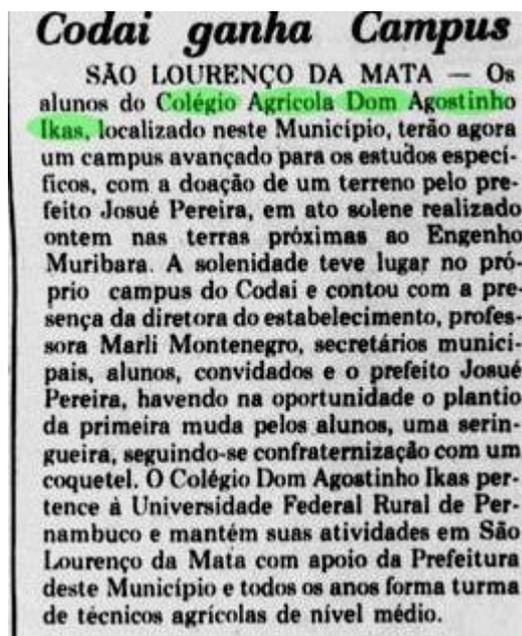
493x357

Digital

Estrutural 6

Fonte: O autor (2023).

Figura 25 - Diário de Pernambuco, 05 de dezembro de 1981



Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (2022).

Figura 26 - Área de muribara no ano de 2018/ Professor Everson



Fonte: dados de pesquisa no acervo da instituição (2022).

Figura 27 - Luta pela expansão do pau-brasil - Diário de Pernambuco, 02 de maio de 1983

Torna-se oportuno esclarecer que foi a UFRPE, em 1971, através do seu Departamento de Agricultura, quem iniciou a Campanha do Pau-Brasil com a instalação das primeiras sementeiras na antiga Escola Agrícola de São Lourenço da Mata e, posteriormente, incentivando e apoiando os parcimoniosos projetos, executados e acompanhados diuturnamente pelo Prof. Roldão de Siqueira Fontes do Colégio do 2º Grau D. Agostinho Ibas, daquela Universidade, sob a nossa supervisão.

O que existe hoje em Pernambuco no que se refere ao Pau-Brasil, deve-se a uma incansável equipe cujos nomes relacionamos: Prof. Roldão de Siqueira Fontes, atual Coordenador da Campanha Nacional; ex-reitores Adilson Erasmo de Azevedo, Murilo Salgado, Humberto Carneiro (também como executor do antigo convênio entre o DNOS e a UFRPE) e Naldo Halliday Pires Ferreira; pró-reitores Cláudio Selva (já falecido) e Expedito Couceiro; dr. Carlos Krebs Filho e Francisco Machado ambos do DNOS, o primeiro firmando um convênio objetivando o plantio de 50.000 mudas de Pau-Brasil no perímetro da Bacia Hidrográfica do Sistema de Barragens do Tapacurá, Prof. Luis de Gois Vieira e Luis Plácido, este último responsável pelas sementeiras na Estação Ecológica do Tapacurá e o Prof. e Ecólogo Vasconcelos Sobrinho, permanente entusiasta pela preservação e difusão do Pau-Brasil.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (2022).

Figura 28 - Já existiu curso noturno no CODAI - Diário de Pernambuco, 04 de fevereiro de 1983

**Colégio
encerra
curso**

SAO LOURENÇO
— Repercutiu negativamente neste e em outros municípios da Região Metropolitana, a notícia que o Colégio Dom Agostinho Ibas, da Ufrpe, estaria propenso a extinguir o curso profissionalizante de Técnicas Agrícolas ministrado no turno noturno.

Fonte: Fundação Biblioteca Nacional (2022).

Quadro 16 - Quadra poliesportiva do CODAI, Feira de Informações em agropecuária e Conhecimentos Gerais

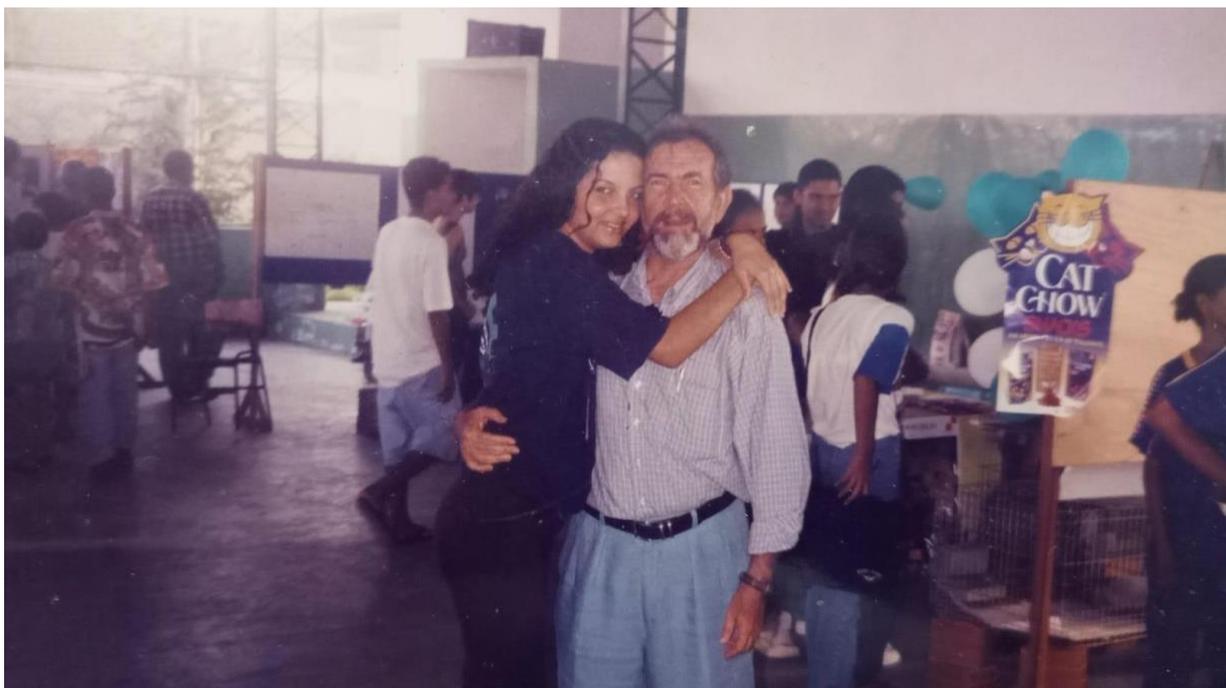

1998
Quadra poliesportiva do CODAI, Feira de Informações em agropecuária e Conhecimentos Gerais
Impresso
Conservado
10x15
Álbum de fotografia
Social 7

Fonte: O autor (2023).

Fui aluna do Codai na década de 90, essa foto ai foi no dia da feira de agropecuária do ano de 98, primeiramente passa o filme na mente, recordações de momentos maravilhosos, junto com os colegas da escola, a gente viveu momentos intensos, muito intensos, fiz amizades

que permanecem até hoje, laços que foram unidos e que permaneceram, me lembro nesse dia que era um evento esperadíssimo, cheio de expectativas, e além de um trabalho árduo, era nosso show, era um momento de brilhar, com algo que a gente aprendeu e estava levando adiante esse conhecimento, diante ao público, foi um dia muito agitado e de muita responsabilidade também, os professores eles cobravam muito de nós e ao mesmo tempo eles tinham o acolhimento, uma acolhimento como se fosse de uma família. Era bem assim, como se fosse uma grande família estudar no CODAI. Essa foto envida lembro que estava abraçando meu professor de zootecnia, Pedro Lima, professor muito competente e acima de tudo ele se doava muito, me lembro bem que tínhamos essa foto ai na escola como mascote desde pequenina, e a mesma foi um dos animais exposto na feira de agropecuária, Ton a cobra! Infelizmente ela adoeceu, logo após a feira morreu, alguns dizem que foi estresse,estresse da feira. E há quem diga que não! Pois mais estresse do que ela passava diariamente conosco, sempre de mão em mão, era assim ela era como nosso animal de estimação, ficávamos o dia todo assim com ela. (informação verbal)⁸

Figura 29 - Andréa de Melo Soares Nunes



Fonte: dados de pesquisa no acervo da instituição (2022).

⁸ Informação concedida por Andréa de Melo Soares Nunes, ex-aluna, em janeiro de 2023.

Quadro 17 - Sala de Desenho



1999

Sala de Desenho

Digitalizado

Conservada

640x480

CD

Estrutural 7

Fonte: O autor (2023).

Esse espaço, não me faz lembrar meu tempo fui de 1993, então modificou bastante, porém remendando a minha memória, só tenho a lembrar de coisas boas de uma fase muito legal da minha vida, que é minha adolescência, e que foi uma experiência muito gratificante, esse curso que eu fiz no CODAI e uma vivência assim totalmente diferente do meu colegial, quando entrei no CODAI, foi para fazer o curso técnico em agropecuária.

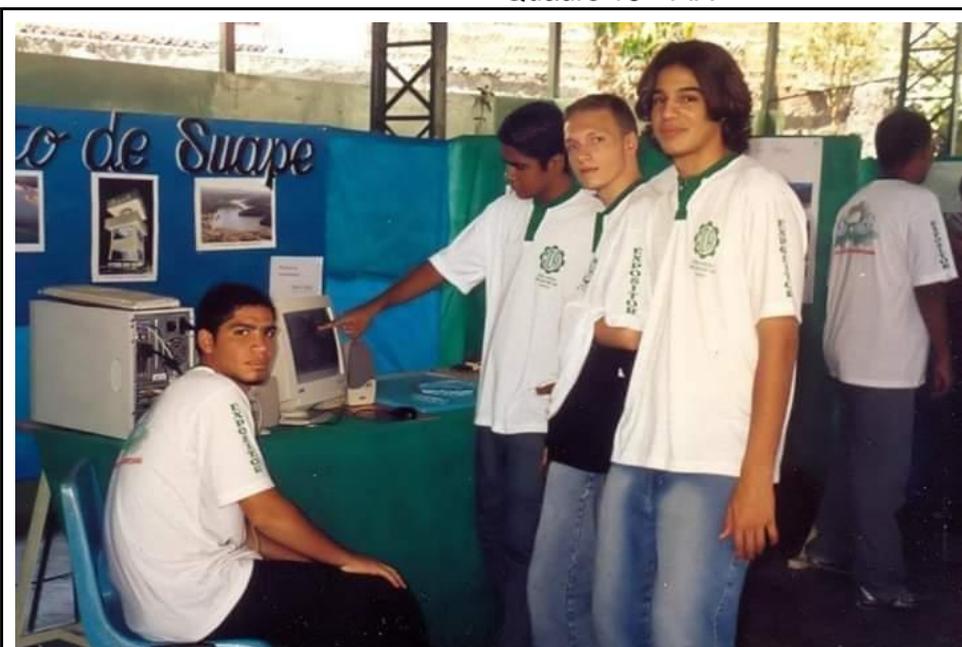
Foi um momento de muito aprendizado, na época que eu vivenciei lá no CODAI, aprendi muito. Inclusive tive um namorado que foi minha grande paixão, acredito que temos que falar do lado pessoal também, onde esse namoro continuou após os meus estudos inclusive, por 7 anos. Então também me marcou muito essa época, foi um tempo de muita experiência, a gente tinha aula lá na Rural, aula prática, então foi um curso que eu fiz que abriu muito a minha mente em termos de bagagem de conhecimento, mesmo não atuando na área na época, mas eu aprendi muito em todas as questões culturais, está em contato com outras pessoas que tinham outro tipo de cultura de crença. Na minha época não tinha salas de computadores, agora deve ter, a gente tinha uma certa precariedade, porque não tinha salão, a estrutura não era assim bem conservada, vamos dizer assim! Mas os professores eram muito ricos em conhecimento, em passar para a gente. Eu vivenciei um estudo muito gratificante. (informação verbal)⁹

Uma sala de aula do CODAI com alunos e professor assistindo aula de desenho com o professor Roberto de Lavor. Como naquele tempo as aulas aconteciam naturalmente com muita determinação e forças de vontade. Foram momentos de muito conhecimento, responsabilidade e compromisso com o que era determinado.¹⁰

⁹ Informação concedida por Maria Cândida Gomes de Araújo, ex-aluna, em janeiro de 2023.

¹⁰ Informação concedida por Vicente Ferreira Net, Coordenador de Estágios, em fevereiro de 2023.

Quadro 18 - FIA



2003

FIA

Digital

Conservada

720x479

Página oficial do Facebook do Colégio

Social 8

Fonte: O autor (2023).

Primeira coisa que recordo é: 'corta esse cabelo' foto tirada na FIA cada um tinha sua parte/fala porém de tanto ouvir as apresentações uns dos outros já falávamos as parte que não nos correspondiam, Tínhamos um vídeo game embaixo da bancada e passamos boa parte do tempo jogando, bons momentos do qual as preocupações eram mais simples, Como se vou jogar futebol ou ir para casa mais cedo. As amizades permanecem até hoje e a saudade de uma época que não volta mais. (informação verbal).¹¹

¹¹ Informação concedida por Iran José Carneiro de Souza, ex-aluno, em janeiro de 2023.

Quadro 19 - Biblioteca Professor Roldão de Siqueira Fontes



2004

Biblioteca Professor Roldão de Siqueira Fontes

Digitalizado

Conservado

640x480

CD

Estrutural 8

Fonte: O autor (2023).

Lembro do sininho que ficava na porta da biblioteca, sempre que a porta abria ou fechava o sininho balançava, avisando que tinha alguém chegando ou saindo. Ainda lembro do som.

Lembro muito de Tia Lúcia, era assim que chamávamos ela, a responsável pela biblioteca. Ela era muito cuidadosa com o espaço e com os livros. A biblioteca era muito organizada e eu amava ir fazer os trabalhos com os colegas ali. Um dia de aula. Tia Lúcia trabalhando na catalogação ou organização dos livros e os alunos estudando. (informação verbal)¹²

Essa foto eu quase que choro, quando eu vi ela me emocionou bastante, e me dá uma saudade muito grande de uma pessoa que tirou essa foto, essa pessoa que tirou essa foto, foi uma pessoa que era muito especial para mim. Então foi uma coisa que ficou marcada na minha vida, essa pessoa ai não sei por onde ela anda mais, mas me deu uma saudade muito grande, isso significa para mim muito, essa pessoa é muito minha amiga, muito muito muito, me trás grande recordação, chega estou tremendo aqui, pode acreditar! Eu gostaria muito de ter guardado ela comigo, pena não poder, que bom que hoje tenho acesso.

Eu era uma pessoa muito querida pelos alunos, pelos professores, essa fotografia foi até para os dizeres atrás do ônibus, e ela marcou muito na minha vida, ali foi um momento que eu vivi naquele colégio, naquela biblioteca, eu era uma pessoa que me sentia muito especial para todos, aquilo ali é um pedaço da minha vida, uma recordação muito forte para mim, um dos momentos mais felizes da minha vida, hoje não que estou aposentada, estou aqui em casa, não moro mais em São Lourenço, agora me encontro aqui no Recife. E para mim foi tudo de bom! (informação verbal)¹³

¹² Informação concedida por Diana Teresa de Barros Cavalcanti, Secretária, em janeiro de 2023.

¹³ Informação concedida por Maria Lúcia Monteiro de Andrade, ex-funcionária, em janeiro de 2023.

Quadro 20 - Auditório do Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas


13 de Agosto de 2010
Auditório do Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas
Digital
Conservada
2592x1944
CD
Política 9

Fonte: O autor (2023)

No ano de 2010, estava como Diretor do CODAI o professor Luís Augusto, professor do ensino médio. Havia esse professor vencido as eleições, substituindo o professor Benedito Correa professor de Agricultura que figurou 10 anos como diretor tendo 02 anos sido nomeado apenas pela reitoria após uma eleição que não obteve o reconhecimento do reitor professor Emídio Cantídio.. O processo eleitoral na forma de consulta, embora sendo um processo acanhado, representa um ganho histórico para a Universidade Brasileira que vem, ainda, tendo como guia um processo eleitoral indireto onde se escolhe uma lista tríplice pelos 03 Conselho (Universitário, Ensino Pesquisa e Extensão e e Curadores) para ser submetida a escolha do Ministro da Educação. Na UFRPE tem havido um compromisso com a Reitoria e os 03 Conselhos de acatarem o resultado da consulta feita à comunidade, 03 segmentos (Professores, Técnicos Administrativos e Estudantes). Ganhamos as eleições tendo obtido a vitória nos 2 segmentos. Iniciamos então um modelo de gestão diferente e para o qual nos propúnhamos a realizar GESTÃO DEMOCRÁTICA, PARTICIPATIVA E TRANSPARENTE para nós poderíamos retirar o CODAI da mesmice se não dessa forma. Comprometemo-nos a implantar, de modo consequente, um tipo de administração onde todas as importantes seriam tomadas decisões políticas seriam tomadas por todos ninguém ficaria fora desse processo uma vez que somos representantes dos que nos elegeram através do voto.

Quando no ano de 2010 assumimos a direção do CODAI-UFRPE de imediato nos assustamos com os mais variados problemas e o volume deles. A grande maioria dos Docentes e Técnico- Administrativos não dispunham de conhecimentos, preparo político e ideológico para entender e buscar soluções para as dificuldades da Universidade Brasileira que são as dificuldades da UFRPE. O silêncio imposto pelo regime militar conseguiu calar muita gente e a apatia era o resultado do terror, principal arma dos agentes da repressão. Isso por si só nos colocava uma preocupação com relação a nossas possibilidades de melhor influir sobre a realidade contribuindo para varrer as mazelas do mundo.

Quando neste ano lançamos no CODAI-UFRPE a campanha para a escolha da nova direção o fizemos com o propósito de romper com os entraves trazidos pelas concepções reacionárias e conservadoras, então dominantes, na perspectiva de construção de novos caminhos rompendo com a apatia reinante. Tínhamos a convicção que esses novos caminhos só poderiam ser construídos com uma prática que possuísse em sua essência princípios democráticos, participativos e transparentes". Sem esse tripé renovador a Universidade e o CODAI continuariam no mesmo sem perspectivas de mudanças, olhando para baixo e de costas para o mundo. Foi desse modo que intensificamos um estreitamento entre a Direção do CODAI, os estudantes

capitaneados pelo seu Diretório Estudantil, os servidores técnico-administrativos e os professores. A nossa proposta indicava por outro lado que a nossa aproximação não poderia, nem de longe, se dar no sentido de significar ingerência nos assuntos desses segmentos e muito menos deixarmos-nos possuir pelo desejo de transformar os Movimentos em um cordão umbilical da administração.

Não foi fácil! Começamos estimulando os estudantes a se organizarem de modo concreto por meio de reuniões por turma e a escolha dos seus representantes para desagradar ao Conselho de Classe. Abrimos o CODAI para as atividades sociais e políticas da comunidade. Os grupos teatrais, musicais, de dança, esportivos entre outros serviram para mostrar que uma gestão não pode aceitar a continuidade da nossa escola com uma prática que a colocava na situação de uma ilha alheia aos problemas da comunidade. Pela primeira vez na história conseguimos encher do modo organizado a Reitoria de estudantes para acenar com as mais sentidas reivindicações da nossa gente. Cresceu de modo positivo o Movimento Estudantil na nossa escola e a prova foi que quando ocorriam ocupações por vários recantos do país o CODAI saiu na dianteira no município de São Lourenço da Mata sendo um exemplo de ocupação organizada, responsável e consciente. Acreditamos que cumprimos o nosso papel, Estaremos de pé como sempre estivemos, mas precisamos caminhar logo, pois pode não dar tempo. A vida por aí não para, pois acreditamos num mundo novo, sem oprimidos nem opressores, nesse vai e vem da história. A LUTA CONTINUA! (informação verbal)¹⁴

A primeira lembrança que tenho, é em relação ao clima de mudança. Cheguei no momento de transição, saída da antiga direção com toda movimentação de campanha a todo vapor. Apresentação de propostas dos candidatos à nova direção.

Me lembra muito a tensão do momento. A maioria dos funcionários, senão todos, esperavam e queriam mudanças reais. Não apenas promessas de campanha que poderiam ser 'esquecidas' depois do término da votação da nova direção.

Cheguei exatamente durante esse processo eleitoral. Sem conhecer os candidatos, o funcionamento da instituição. Ainda tentando entender e participar da melhor forma possível. Além de escutar as propostas em relação ao meu ambiente de trabalho, que naquele momento não era o adequado e funcionava de maneira 'improvisada' por 5 anos no auditório do colégio. (informação verbal)¹⁵

¹⁴ Informação concedida por Juarez José Gomes, ex-diretor, em janeiro de 2022.

¹⁵ Informação concedida por Patrícia Lins Tabosa, ex-bibliotecária, em janeiro de 2023.

Figura 30 - Apresentação da Chapa



Fonte: dados de pesquisa no acervo da instituição (2022).

Quadro 21 - Campus Senador Ermírio de Moraes- Tiúma



2016

Campus Senador Ermírio de Moraes- Tiúma

Digital

Site Institucional

1280x960

Digital

Estrutural 9

A partir do momento que estou verificando essa imagem do prédio de tiúma, eu fiz em 2013 o ensino médio no campus centro, eu vim para esse prédio em 2016 para cursar o técnico em administração empresarial e marketing, eu lembro muito bem da transição, dos móveis das cadeiras, de adaptação de toda comunidade e naquela época também eu estava como bolsista da direção de ensino, e quem estava lá como diretor de ensino era o professor Carlos e tudo isso eu auxiliei ele, como diretor de ensino na organização das salas, dos horários, e eu acho que eu fui um dos primeiros alunos matriculados a entrar nesse prédio, o prédio é uma grande estrutura, bem organizado, só o acesso inicialmente que era bem difícil, o transporte a locomoção teve momentos que quando começaram as aulas tivemos que lutar com a Grande Recife, para que o ônibus pudesse fazer o retorno, além de parar no terminal dos toyoteiros, a intenção era que ele fizesse o retorno na frente do CODAI, ou seja, era algo inicial, o prédio ainda estava se montando, com quadro, cadeira, toda equipe ainda estava se montando, e só foram pra lá os cursos técnicos, os 3 cursos técnicos: Agropecuária, Alimentos e Administração. Eu percebi o seguinte a comunidade se sentia feliz com aquele prédio novo, os professores também, pela estrutura, os ar condicionados, tudo isso influenciou, e pra mim o curso técnico nesse prédio aí foi marcante, porque eu vivenciei um espaço no CODAI-Centro, que era totalmente outra estrutura, era um prédio da década de 60/70 e esse aí era um prédio novo, uma nova estrutura, e tudo isso aí influenciou para ter novos ares, novas vivências e novas experiências na comunidade. Neste prédio a gente teve diversas ações relacionadas ao grêmio estudantil, sempre no início do ano letivo a gente passava em todas as salas pra fazer o contato dos estudantes. E-mail, telefone. Eu acredito que o WhatsApp nessa época não estava tão impulsionado. Acho que a gente não tinha um grupo do WhatsApp pessoal do Grêmio estudantil ou do conselho representante. Talvez tivesse, mas acho que tinha tanta comunicação. A gente trabalhava mais com e-mail, era através dele que a gente passava a comunicação e tinha realmente um representante. A gente passava de sala e sala, tinha um processo de recepção, teve um momento que aqui não teve a aula inaugural em algum momento, algum semestre mas a gente conseguiu através do diretório estudantil escolar, um bloco de notas, caneta, um bóton da universidade que veio da reitoria, que a gente tinha uma luta, a gente queria que os estudantes em dois mil e dezesseis do momento que ele está entrando em sala de aula está recebendo esse material. Isso foi em dois mil e dezesseis. Mas atualmente em dois mil e vinte e dois ou antes disso eles já começaram foram frutos das lutas que a gente teve em dois mil e quinze, dois mil e dezesseis para que os alunos tivessem o kit matrícula, formou o processo administrativo, fez a mobilização com a mentoria para que eles recebessem esse material. E hoje, através da luta, estão recebendo, hoje, o fardamento. E foi através desse espaço que a gente conseguiu fazer mobilizações no CODAI- Centro, CODAI-Tiúma, reuniões, encontros para definir estratégias de mobilização e durante esse período realizou-se o movimento de ocupação, né? Era um movimento nacional.

Que estava reivindicando a revogação da reforma do ensino médio, reforma que atrasava o desenvolvimento, era a reforma que era bastante retrógrada porque trazia referência da ditadura militar o aluno só se formava em determinada área e as áreas de pensamento crítico eram afastadas ou minimizadas. E a carga horária era bem reduzida. E outras coisas, outros desmontes que estavam sendo feitos pelo governo Temer, né? Corte na educação, corte na universidade e nacionalmente. E eu lembro muito bem que teve um momento que a gente teve assembleia geral, isso foi no CODAI-Centro, fez a

Assembleia Geral de todos os estudantes e nessa assembleia foi deliberado a greve estudantil de todos os alunos. E lembro muito bem que em São Lourenço da Mata nós fomos a primeira escola a decretar a greve do movimento estudantil, a greve estudantil. Aí a partir desse momento, outras escolas se encorajaram e fizeram.

A maior concentração da ocupação foi no centro porque pra nossa visão naquele momento ocupar o Tiúma em local remoto, que para a gente seria remoto porque era um prédio novo, tudo novo, e a gente não sabia como era movimentação e a gente ia ficar todos isolados, se a gente precisasse comprar alguma coisa pra se alimentar durante o processo de ocupação ficaria inviável, a logística, e principalmente pra gente receber algum tipo de doação, de alguma ajuda aí a gente preferiu centralizar no CODAI-Centro, para pontuar algumas questões. E foi todo esse processo da revogação da reforma do ensino médio, dos cortes do governo Temer, a gente também solicitou outras melhorias pro prédio, né? A questão do kit escolar, da bonificação da assistência estudantil, a gente não fez apenas a mobilização nacional, a gente também teve pautas para universidade e tudo isso influenciou para que a gente saísse fortalecido. E a gente quando entregou o prédio, a gente entregou o prédio melhor do que a gente recebeu. Eu inclusive fiz a pintura de várias paredes, de portas, eu participei também da reforma de cadeiras junto com a equipe. Quando a gente decretou as a greve estudantil foram os estudantes não foi o Grêmio estudantil, não foi o diretório a gente só fez a convocação da assembleia e quem deliberou, quem votou foram os estudantes e tudo isso tá gravado, tá evidenciado nas rede sociais, numa página que tem lá no facebook: Diretório estudantil CODAI. E talvez ainda esteja no ar essa gravação. Durante esse processo de ocupação a gente fez também atividades, teve um momento de uma oficina com Antônio Miranda sobre astronomia, ele fez lá a observação do sol, fez lançamento de foguete e tudo isso se concentrou na nossa programação. Oficinas, palestras, momentos de cinema, de interação, tudo isso fez parte da programação. Não foi só uma ocupação de estar lá parado, mas teve uma programação por trás, uma programação social política e vieram várias pessoas para apoiar.(informação verbal)¹⁶

¹⁶ Informação concedida por Cleiton Santos, ex-aluno, em fevereiro de 2023.

Figura 31 - Portão de entrada do CODAI-Centro



Fonte: dados de pesquisa no acervo da instituição (2022).

Eu lembro que quando acabou a ocupação redigimos um manifesto estudantil de encerramento do movimento, a gente dizia o seguinte : 'que a partir daquele momento da ocupação, estava escrito na história do CODAI, que houve um momento na sua história, que os estudantes se mobilizaram e ocuparam a escola por melhorias da instituição e também na área da educação nacional'.

A organização da ocupação, fez com que os estudantes tivessem respeito dentro da comunidade escolar, e quando voltamos, tivemos diálogos com a coordenação de ensino escolar a respeito do calendário escolar, sobre os dias que estivemos paralisados, e tudo isso com acordo com a diretoria, com o departamento de ensino, com a reitoria da universidade. (informação verbal)¹⁷

A primeira lembrança quando observo a imagem é que foi o primeiro contato de aprendizagem referente área administrativa, onde me apaixonei pelo curso e dei continuidade na área.

Me faz sentir bem com a oportunidade que obtive, onde pude ter o privilégio de um corpo docente excelente, ao qual me trouxe um conhecimento amplo e conviver e ter uma troca com pessoas maravilhosas.

É um sentimento de gratidão ao que contribuíram de qualquer forma com o meu conhecimento. (informação verbal)¹⁸

¹⁷ Informação concedida por Cleiton Santos, ex-aluno, em fevereiro de 2023.

¹⁸ Informação concedida por Ionária Vitória da Silva Campos, ex-aluna, em fevereiro de 2023.

Figura 32 - Letreiro atual do prédio



Fonte: dados de pesquisa no acervo da instituição (2022).

Quadro 22 - Núcleo de apoio ao estudante NAE, do Colégio Agrícola Agostinho Ikas


18 de Abril de 2013
Núcleo de apoio ao estudante NAE, do Colégio Agrícola Agostinho Ikas
Digital
Conservado
2048x136
CD
Social 9

Fonte: O autor (2023).

Essa foto me faz lembrar de um momento da minha vida em que foi um start para que eu pudesse entender toda a minha trajetória até aquele momento e a partir dele eu pude tomar outras decisões em minha vida. Foi uma virada de chave pode se dizer assim, com relação às minhas decisões tanto no âmbito acadêmico quanto no pessoal. Ali eu conheci pessoas, vivi situações inéditas até aquele momento e pude me entender como uma pessoa que tinha escolhas a serem feitas mas que até então não tinha noção de como fazer. essa foto em específico lembre-me de toda dificuldade que foi para realizar o evento, as conversas decisórias, as discussões e todo aprendizado que aquele momento foi em minha vida.

Essas pessoas me fazem lembrar do crescimento pessoal que tive ao longo dos anos no CODAI e especialmente o espaço físico do codai até hoje me traz uma sensação de nostalgia por tudo que vivi naquele ambiente o evento em si me fez ser mais decisiva nas minhas escolhas e me ensinou que eu precisava sair da minha bolha e enxergar o mundo ao meu redor.

Essa foto foi tirada logo após o evento, onde depois de tantos percalços, conseguimos concluí-lo de acordo com o planejado. E foi um momento de comemorar e celebrar a nossa parceria, nossa amizade. foi um momento importante registrado em uma foto. um pedaço da nossa história.(informação verbal)¹⁹

Comissão organizadora da Feira de conhecimentos em 2012 do CODAI, ótimas lembranças de trabalho em equipe, com algumas cabeças totalmente diferentes se ajudando para fazer o evento dar certo. Experiência que eu levo para a vida. Momentos marcantes e maravilhosos, essa feira era uma comissão muito louca, um bem diferente do outro, mas todos se ajudaram no pode. Foi massa demais! (informação verbal)²⁰

¹⁹ Informação concedida por Amanda Grazielly da Silva Campos, ex-aluna, em fevereiro de 2023.

²⁰ Informação concedida por Everton Bruno, ex-aluno, em fevereiro de 2023.

Quadro 23 - Parede externa



14 de janeiro de 2020

Parede externa

Digital

Conservada

3096x4128

Digital

Estrutural 10

Fonte: O autor (2023).

Lembro de ajudar a produzir essa pintura, havia tentado pintar a parede com tinta cal branca, pois a parede estava manchada e sem vida. Em seguida, lembro de subir na escada e dar uma pincelada na obra, com o auxílio do artista, que foi um estudante do CODAI! Essa fotografia retrata um marco, pois foi com a união de alguns estudantes que a pintura foi feita, no intuito de estampar a cultura e a memória negra que aconteceu na instituição.

A fotografia me lembra um momento muito especial em minha vida, que guardo com muito carinho! Que representou a minha mudança de percepção de mundo e me transformou em ser quem sou hoje.

O descrevo como um momento de sonhos, sentimos que estávamos fazendo a diferença e trazendo o nosso toque para o CODAI, sempre estive engajada nos eventos da instituição, os quais muitos deles eram criados por nós mesmos (alunos). (informação verbal)²¹

Me vem à memória o jogo de queimado na quadra. Apresentações da FIA e último dia de aula na quadra. Apresentações de projetos e pesquisas na FIA, e apresentação do grupo de dança do CODAI ao lado da pintura na parede, momentos esses marcados pela boa energia, solidariedade e união de todos os envolvidos, sendo estes discentes, docentes, técnicos e visitantes. (informação verbal)²²

²¹ Informação concedida por Eduarda Elvira Alves de Freitas, ex-aluna, em fevereiro de 2023.

²² Informação concedida por Diane Maria Gomes da Silva, ex-aluna, em fevereiro de 2023.

Quadro 24 - Sala de Aula do CEGOE- UFRPE


2022
Sala de Aula do CEGOE- UFRPE
Digital
Instagram oficial da instituição
714x503
Digital
Política 10

Fonte: O autor (2023).

A primeira lembrança que me vem à cabeça ao vê essa imagem, eu não sei porque, mas é como se fosse o retorno às aulas presenciais após o período pandêmico, então era uma sensação de um pouco de incerteza, um pouco de apreensão, um pouco de alívio, eu penso também em Michel e Luana passando as orientações sobre isso, é uma mistura de alegria e um pouco de medo, de como a gente iria viver aquele retorno, com máscara.

Essas pessoas me fazem lembrar isso, me fazem lembrar não sei o porquê, essa imagem me faz lembrar o retorno ao presencial, o trabalho hercúleo ao presencial, e agora puxando mais a memória, voltando ao presencial, mas não para nossa casa, depois de dois anos, a gente voltando para um outro espaço que não é uma escola, é uma universidade, então isso gerava a incerteza de como é que iria funcionar, então além da gente ter passado por dois anos que todo mundo passou, um período pandêmico, tantas emoções que isso trouxe para todo mundo, pessoas adoeceram, não só da covid, mas mentalmente, a gente adoeceu, daí a gente retorna, mas não para a normalidade, retornamos para uma constante adaptação, então era isso, era esse misto da incerteza de não saber como seria esse espaço nesse retorno, mas essas pessoas me fazem lembrar que existia ali uma condução firme no sentido de está sempre atento de está sempre buscando as melhores opções, são pessoas que têm abordagens diferentes mas que são igualmente competentes.

Para mim especialmente, esse momento foi bem complexo, pois eu estava pela primeira vez assumindo uma coordenação de curso e no processo de retorno depois de dois anos de muita dificuldade do online, e indo para a universidade, levando estudantes menores de idade, que muitos vinham de escola de bairro, e esses estudantes iriam estudar numa 'universidade' no espaço acadêmico, e aí era uma grande responsabilidade nossa, não só, o retorno após covid, que por si só já era um desafio para todo mundo está agindo junto ali nos cuidados para ninguém adoecer, para que tudo desse certo, mas também, o retorno para um espaço completamente novo, e é como se fosse a casa de um parente, aí a gente achava que iria ser três meses, e isso gerou uma mistura de sentimentos, de incertezas, de felicidade, de alívio por volta às aulas, por voltar ao presencial, mas eu quando lembro desse momento, por conta dos retornos dos pais, quando informamos que iríamos para a universidade, eu recebi muitas mensagens negativas, então foi bem difícil para mim segurar essas emoções todas nesse momento, eu lembro de ser um mês muito angustiante. (informação verbal)²³

Quando eu vejo essa imagem, eu lembro que foi a visita que a chapa, tinha permissão para entrar, para anunciar sua chapa para a escolha do diretor geral e do vice diretor geral do colégio.

Esse momento se deu em meados de junho de 2022, esse espaço é a Rural, é a sala de aula do CEGOE, e uma vez que o ensino médio está lá nesse momento, o ensino médio do CODAI, está lá na Rural,

²³ Informação concedida por Maria dos Prazeres Arruda da Silva Alves, professora, em fevereiro de 2023.

mas precisamente no CEGOE, e essas pessoas me fazem lembrar justamente isso, é a questão deles se apresentando como candidatos a representantes da direção geral do CODAI, na verdade eles estavam pleiteando o segundo mandato.

Foi o momento não nessa foto, mas todo o momento o período, foi um momento que eu pensei que iria ser mais tumultuado, na verdade eu pensei que seria tumultuado como foi em 2018, mais foi tranquilo uma vez que só tinha essa chapa concorrendo, apesar de que a tranquilidade, mesmo assim não nos deixou tão confortáveis, eu fazia parte da comissão eleitoral, então embora só tivesse uma chapa, não era tão confortável, para não haver questionamentos, uma vez que só teve uma chapa concorrendo, então foi bem apreensivo nesse sentido. (informação verbal)²⁴

²⁴ Informação concedida por Michele France Paula da Cruz, professora, em fevereiro de 2023.

Quadro 25 - Sala de Aula do CEGOE- UFRPE



21 de Fevereiro de 2020

Refeitório do Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas

Digital

Publicada no instagram oficial da instituição

720x595

Digital

Social 10

Fonte: O autor (2023).

“Vejo alegria, encontros e frevo. Um tempo antes da pandemia. O meu primeiro carnaval no CODAI. Uma festa animada, participativa e de forte interação com a comunidade escolar” (informação verbal).²⁵

Dizem que recordar é viver, mas eu acredito que recordar é alimentar o sistema de felicidade que existe dentro de nós, poderia registrar minha fala em tantos momentos deste trabalho, mas resolvi fechar essa construção memorialística para dizer que uma foto às vezes não é suficiente para descrever momentos, histórias, eventos, ou até mesmo memórias, mas se faz necessário como gatilho para entrelaçar os demais acontecimentos que ali foram vivenciados, olhar para essa foto e recordar esse dia, vai além de uma simples fala ou um simples acontecimento, é ouvir o som orquestra, é vê os alunos fantasiados, é lembrar professora Carla ensinando passos do frevo, é vê o sorriso de satisfação de Michel, é sentir o entusiasmo de Romerito, é entender a energia da despedida de Hânia, é lembrar que muitos laços foram escritos na minha passagem como auxiliar de biblioteca desta instituição, é saber que houveram momentos em que a cumplicidade passava para além do profissionalismo, era entrar na vibe dos adolescentes mas tentando dizer a eles que a vida é muito curta e a adolescência é a fase mais curta que existe, que se joguem mas pensem no amanhã.

É recordar os alunos entrando em coma alcoólico na hora do almoço, tentar solucionar o problema e ter discernimento nas atitudes a serem tomadas, e saber que é da fase, é ouvir as reclamações das provas de Marcelo, mas com uma admiração enorme por ele, é sorrir ao lembrar que em casa ninguém ajudava a mãe mas na escola limpavam mato e aprendiam a usar enxadas, é entender o apego pela agrinordeste e o quão esse evento importava, é saber que em meio a era do whatsapp, muitas coisas iam além dos corredores da instituição, é saber que ‘UNES E VDPS’ sempre irão acontecer (os mais íntimos saberão o significado), é dá conselhos amorosos, ensinar a se prevenir, é ouvir briga de amigos, é vê grupos se separarem, é dentro do meu papel profissional incentivar a vida!

Para além das fronteiras dessa pesquisa termino esse desenho histórico com essa foto junto à professora Carla, numa mandala pintada pelos alunos do CODAI e exposta na sua rampa de acesso, rampa onde muitas histórias já foram escritas, finalizadas e guardadas em memórias por aí a fora. (informação verbal)²⁶

²⁵ Informação concedida por Márcio Romerito da Silva Arcoverde, professor, em fevereiro de 2023.

²⁶ Informação concedida por Paulo Vitor dos Santos Crispim, ex-funcionário, em fevereiro de 2023.

Figura 33 - Mandala



Fonte: dados de pesquisa no acervo da instituição (2022).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lendo a conclusão de uma dissertação nesse processo de elaboração e estruturação da minha dissertação, confesso que algo mexeu muito comigo, a autora da obra falava que no final de uma apresentação em um evento científico um avaliador lhe fez a seguinte pergunta: “ o que você considera como maior resultado de sua pesquisa? “ Ela relata que várias coisas passaram pela sua cabeça, vários questionamentos e fez uma conclusão cujo acreditava ser eficaz como resposta. Na tréplica o avaliador lhe questionou e falou que sua resposta estava errada, e a resolução desse avaliador foi a coisa mais linda que houve dentro de um esclarecimento total, ele corroborou dizendo que o maior resultado da sua pesquisa era ela mesma.

Aquilo foi um pulso firme na minha vida, pois fazer ciência é justamente se jogar em um processo onde não se tem domínio, onde não sabe-se onde vai pisar ou o que vai encontrar pela frente, e no final conseguir resultados, ou caminhos que colaborem com possíveis resultados futuros, isso é importante, pois por vezes nós nos posicionamos como se estivessemos enxugando gelo ou reinventando a roda. Mas fazer ciência é entrelaçar caminhos muitas vezes já galgados, demonstrando caminhos e resultados novos.

Assim como discutido nas linhas introdutórias desta dissertação, a memória interliga diversas histórias nas quais entrelaçam contextos múltiplos. Em um breve olhar regresso à seção introdutória desta dissertação há de se corroborar com Vitoriano (2011), quando fala que os documentos se relacionam e mostrando como eles representam no ato de sua criação um posicionamento muitas vezes não captados ou não explorados, e que necessita ser entendida antes de chegar a serem arquivados.

Dentro dessa diversificação que é a memória, a ciência da informação vem através de suas linhas de estudo entender ou buscar entender, elementos que conversem com a informação e o seu significado social, vale intensificar que existem vários tipos de documentos, e dentro desses documentos há inúmeras possibilidades de informações a serem tratadas, e que essas informações dentro de algum pretexto carrega sua bagagem memorialística.

Seguindo esse pressuposto, e esclarecendo as amarrações finais deste trabalho, torna-se interessante retomar o problema de pesquisa apresentado nas seções iniciais desta pesquisa, a saber: como a organização documental de fotografias do Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas da Universidade Federal Rural de Pernambuco pode contribuir para a sua memória?, dessa maneira chega a conclusão que uma organização sistemática e o auxílio de quem viveu ou vivenciou determinados momentos na instituição, contam o quão rico o CODAI é, e o quanto de altos e baixos percorreu para permanecer atuando.

Desde sua inauguração em 1936 até o presente momento o que nota-se é a dificuldade de seguir um caminho livre na educação, uma instituição que passou por muitas mudanças, e que dentro de sua essencialidade, pode até ter perdido uma parte de sua história documental, iconográfica, mas nunca sua essência e sua luta na educação.

Como pesquisador o relato que deixo é do quão angustiante foi em momentos não achar materiais fotográficos que pudessem agregar na pesquisa, além de não se ter uma estrutura de busca e de localização das que já existiam, o auxílio maior veio da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, onde se pode interligar reportagens, fotografias e relatos sobre a instituição, a maior dificuldade foi identificar quais palavras chaves procurar, visto que a escola mudou de nome 4 vezes em toda sua história.

Outro ponto que teve um grau de dificuldade foi receber o feedback da comunidade, foram 137 pessoas solicitadas, das quais 45 retornaram o contato e apenas 17 participaram de forma ativa na pesquisa, por vezes o desespero de vê o tempo passando e não obter respostas, ou até mesmo a dificuldade de encontrar devido a idade, meios de comunicações entre outros.

Como possibilidade de trabalhos futuros, a pesquisa demonstra a importância histórica, e o quão necessário é um profissional da Ciência da Informação dentro desses estabelecimentos, visando a organização documental e a salvaguarda de documentos históricos, que por vezes não se tem o olhar de importância no futuro.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. rev. ampl. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 1014p.

ALMEIDA, M. B. **Um modelo de ontologias para representação da memória organizacional**. 2006. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

ALVARENGA, L. Representação do conhecimento na perspectiva da Ciência da Informação em tempo e espaço digitais. **Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, n.15, 2003. p. 1- 23.

AQUINO, L. **Picture ahead**: a Kodak e a construção do turista-fotógrafo. São Paulo: Edição do Autor, 2016.

ARENDT, H. **A Crise na Educação**. In: Entre o Passado e o Futuro. 7.ed. São Paulo: Perspectiva. 2011.

BACELAR, J. **Apontamentos sobre a história e desenvolvimento da imprensa**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, Lisboa, 1999.

BARBOSA, A. A. **A memória institucional como possibilidade de comunicação organizacional**: o caso exército brasileiro. 2010. 188f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

BARRETO, A. A. A questão da informação. **Revista São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 4, n. 8, 1994. Disponível em: https://www.academia.edu/4272562/A_QUEST%C3%83O_DA_INFORMA%C3%87%C3%83O_-_Aldo_Barreto. Acesso em: 15 jun. 2022.

BELLOTTO, H. L. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BARTHES, R. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BENJAMIN, A. Magia e Técnica, Arte e Política. *In*: **Obras Escolhidas**, v. 1. São Paulo: Brasiliense, 7. ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet.

BRIET, S. **O que é a documentação**. Tradução de Maria de Nazareth Rocha Furtado. Brasília: Briquet de Lemos/ livros, 2016.

BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, New York, v. 45, n. 5, p. 351-360, Junho, 1991. Disponível em: <http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/thing.html>. Acesso em: 26 mar. 2022.

BUSH, V. As we may think. **The Atlantic Monthly**, New York, v. 176, 1, p. 101-108, 1945. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/1945/07/as-we-may-think/303881/>. Acesso em: 27 abr. 2022.

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., [Anais...], Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CHAPOUTHIER, G. Registros evolutivos. **Viver Mente & Cérebro: Memória**, São Paulo, n. 2, p. 8-13, jul. 2006. Edição especial.

COSTA, I.T. M. **Memória institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica**. 1997. 161p. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

CRETTON, A. A. **Folclore, Cultura Popular e Educação: Discursos e memórias em práticas comunicativas institucionais**. 2009. 298p. Dissertação (Mestrado) - Curso de Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2009.

CRIPPA, G. Memória: geografias culturais entre história e ciência da informação. In: MURGUIA MARANON, E. I. (org.). **Memória: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus**. São Carlos: Compacta, 2010. p. 79-110.

COUZINET, V. Complexidade e documento: a hibridação das mediações nas áreas em ruptura. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação Inovação e Saúde**. Rio de Janeiro, v.3, n.3, p.10-16, set, 2009.

DAHLBERG, I. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.7, n.2, p.101-107, 1978.

DIEHL, A. A. **Cultura historiográfica: memória, identidade e representação**. Bauru: Universidade do Sagrado Coração, 2002.

DODEBEI, V. L. D. **O sentido e o significado de documento para a memória social**. 1997. 187 p. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Escola de Comunicação, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

EDWARDS, E. **Introdução à teoria da informação**. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 1964. 147p.

FELIPE, C. B. M; PINHO, F. A. Fotografia como dispositivo da memória institucional. **Logeion: Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, v. 5 n. 1, p. 89-101, set. 2018/fev. 2019. Disponível em: <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4339>. Acesso em: 12 abr. 2022.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 4. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FRAISSE, P. **Psychologie du temps**. 2. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1967.

FRANCKE, H. **What's in a Name?** Contextualizing the document concept. *Literary and Linguistic Computing*, London, v. 20, n. 1, 2005.

FREIRE, G. H. A. *Ciência da Informação: temática, histórias e fundamentos. Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, n. 1, v. 11, 2006.

FROHMAN, B. A documentação rediviva: prolegômenos a uma (outra) filosofia da informação. **Morpheus**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, 2012. p. 227-249. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/4828>. Acesso em: 01 ago. 2022.

FROHMANN, B. Documentation redux: prolegomenon to (another) philosophy of information. **Library Trends**, Maryland, v. 52, n. 3, 2004.

GAGNEBIN, J. M. **Lembrar, Escrever, Esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GEORGE EASTMAN MUSEUM. **From the Camera Obscura to the Revolutionary Kodak**. New York: George Eastman Museum, 2022.

GLEICK, J. **A informação: uma história, uma teoria, uma enxurrada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 394 p.

GUERRA, C. B., PINHEIRO, L. V. R. A imagem fotográfica como documento: desideratos de Otlet. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 2009, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: Ideia Editora Universitária, 2009.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HESSEN, J. **Teoria do conhecimento**. Tradução de António Correia Armenio Amado. Coimbra: [s.n.], 1973.

HJORLAND, B. What is knowledge organization (KO)? **Knowl. Org.** v. 35, n. 3/2, p. 86- 111, 2008.

IZQUIERDO, I. **A arte de esquecer**. São Paulo: Vieira & Lent, 2004.

JEAN, G. **A escrita: memória dos homens**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

JEUDY, H. P. **Memórias do social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

KESSEL, Z. **Memória e Memória Coletiva**. Brasil, 2015. Disponível em: https://acervo.museudapessoa.org/public/editor/mem%C3%B3ria_e_mem%C3%B3ria_coletiva.pdf. Acesso em: 21 jul. 2022.

KOSSOY, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. 153 p.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1994. 549 p.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. 208 p.

LOPES YEPES, J. Notas acerca del concepto y evolución del documento contemporáneo. *In*: JORNADAS CIENTÍFICAS SOBRE DOCUMENTACIÓN CONTEMPORÁNEA. 7., Madrid, Departamento de Ciencias y técnicas historiográficas, UCM, 2008, p. 273-279.

LUND, N. W. Document theory. **Annual Review of Information Science and Technology**, Medford, v. 43, p. 399-432, 2009.

MAIMONE, G. D. A fotografia no contexto da organização do conhecimento. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 13, n. 2, 2018.

MANUEL, R.S.S. Nueva concepción de la representación del conocimiento. **Tendencias de investigación e organización del conocimiento**: Trends in knowledge organization research, Ediciones Universidad de Salamanca, 2003, p. 395-402.

MANINI, M. P. Imagem, memória e informação: um tripé para o documento fotográfico. **Domínios da Imagem**, Londrina, ano 4, n. 8, p. 77- 87, 2011.

MARCONDES, C. H.; MENDONÇA, M. A. R.; MALHEIROS, L. A estrutura dos elementos de metodologia científica nos textos de artigos de periódicos eletrônicos em Ciências da Saúde. *In*: INTERNATIONAL CONFERENCE ON HEALTH INFORMATION AND LIBRARIES, Salvador. **[Anais...]**, Salvador, 2005.

MARTINS, L. M. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar**: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. Campinas: Autores Associados, 2013.

MAYA, E. E. Nos passos da história: o surgimento da fotografia na civilização da imagem. **Discursos fotográficos**, Londrina, v.4, n.5, p.103-129. jul/dez. 2008.

MEDEIROS, M. B. B.; CAFÉ, L. M. A. **Organização da informação ou organização do conhecimento?**. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/176535>. Acesso em: 28 jul. 2022.

MEMÓRIA. *In*: MICHAELIS. São Paulo: Melhoramentos, 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-bra>. Acesso em: 28 jul. 2022.

MEYRIAT, J. Document, documentation e documentologie, **Revue de Bibliologie, Schema et Schematisation**, Paris, n.19, p. 51-63, 1981.

MILLS, C.W. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2009. pg. 21-58.

MIKSA, F. L. Library and information science: two paradigms. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (ed.). **Conceptions of library and information science: historical, empirical and theoretical perspectives**. London: Taylor Graham, 1992. p. 229-251.

MONTEIRO, S. D.; CARELLI, A. E.; PICKLER, M. E. V. A ciência da informação, memória e esquecimento. **DataGramaZero**, v. 9, n. 6, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/6382>. Acesso em: 26 jul. 2022.

MONTEIRO, R. H. **Brasil, 1833: a descoberta da fotografia revisitada**. 1997. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Política Científica e Tecnológica, Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

MORENO, N. A.; LOPES, M. A.; DI CHIARA, I. G. A contribuição da preservação de documentos e a (re)construção da memória. **Biblionline**, João Pessoa, v.7, n.2, p.3-11, 2011. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/19727>. Acesso em: 21 fev. 2022.

MOTTA, F. C. P.; BRESSER-PEREIRA, L. C. **Introdução à organização burocrática**. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

MOURÃO JÚNIOR, C. A; FARIA, N. C. **Memória, Psicologia, Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 28, n. 4, 2015.

NASCIMENTO, L. M. B.; GUIMARÃES, J. A. C. Documento jurídico digital: a ótica da diplomática. PASSOS, Ed. (org). **Informação jurídica: teoria e prática**. Brasília: Thesaurus, 2004. p.33-77

OTLET, P. **Traité de documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique**. Bruxelas: Editiones Mundaneum, 1934.

ORLANDI, E.P. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. Campinas: UNICAMP, 1993.

ORTEGA, C. D. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **Data grama zero- revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 5, out. 2004. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/5664>. Acesso em: 10, abr. 2022.

PACHECO, L. S. Informação enquanto artefato. **Informare: Cadernos no programa de Pós-graduação em Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 20-24, 1995.

PINTO MOLINA, M.; GARCÍA MARCO, F. J.; AGUSTIN LACRUZ, M.C.; **Indización y resumen de documentos digitales y multimedia: técnicas y procedimientos**. Gijón: Trea, 2002.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

QUADROS, C.; BRITO, L. S. Histórias e memórias da educação superior no acervo fotográfico do Centro Universitário Franciscano. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO SUL-RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 14., Pelotas. **Anais...** Pelotas: UFPEL, 2008. Disponível em: file:///C:/Users/UFRPE/Downloads/anais_14_encontro_2008.pdf. Acesso em: 27. abr. 2022.

RABELLO, R. **A face oculta do documento: tradição e inovação no limiar da Ciência da Informação**. 2009. 331p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=137497. Acesso em: 28 jul. 2022.

RENDÓN ROJAS, M. A. La ciencia de la información en el contexto de las ciencias sociales y humanas. Ontología, epistemología, metodología e interdisciplina. **DataGramZero**, v. 9, n. 4, ago. 2008.

RIBEIRO, R. D. P. **Cultura, História e as Novas Tecnologias da Informação.Com Ciência**. 2001. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado Ciências Sociais) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

RODRIGUES, R. C. Análise e tematização da imagem fotográfica. **Ciência da Informação** [online], Brasília, 2007, v. 36, n. 3, p. 67-76. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-19652007000300008>. Acesso em: 26 abr. 2022.

RUENDA, V. M.S.; FREITAS, A.; VALSS, V. M. **Memória Institucional: uma revisão de literatura**. São Paulo: FESPSP, 2010.

SANTOS, J. C.; VALENTIM, M. L. P. Memória institucional e memória organizacional: faces de uma mesma moeda. **Perspectivas em Ciência da Informação** [online], Belo Horizonte, 2021, v. 26, n. 03, p. 208-235. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5344/4315>. Acesso em: 26 jul. 2022.

SARACEVIC, T. Interdisciplinary nature of Information Science. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 36-41, abr. 1995.

SCIENCE MUSEUM GROUP. **No. 1 Brownie Box Camera**. Science Museum Group, [2023]. Disponível em: <https://collection.sciencemuseumgroup.org.uk/objects/co8406729/no-1-brownie-box-camera-camera> Acesso em: 28 abr. 2023.

SFEZ, L. Informação, saber e comunicação. **Informare**: Cadernos no programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 5-13, 1996.

SHANNON, C. E.; WAEVER, W. **A teoria matemática da comunicação**. Tradução de Orlando Agueda. São Paulo: DIFEL, 1975.

SHERA, J.H.; EGAN, M. E. Exame atual da Biblioteconomia e da Documentação. BRADFORD. **Documentação**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961. p.15-60.

SHIKIDA, A. M. S. **Informação, história e memória**: a constituição social da informação em relatos orais. 2005. 157 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

SIMONDON, G. **Du mode d'existence des objets techniques**. Paris: Aubier, 1969.

SMIT, J. W. A informação na ciência da informação. **Ciência da Informação e Documentação**, [s. l.], v. 3, n. 2, p. 84-101, 2012.

SONTAG, S. **Sobre a fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 224p.

SOUZA, F. G. **A belle époque carioca**: imagens da modernidade na obra de Augusto Malta. (1900-1920). Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

SOUZA, E. D. **A ciência da Informação**: fundamentos epistêmico-discursivos do campo científico e do objeto de estudo. Maceió: EDUFAL, 2015.

SOUZA, W. R. **A fotografia como artefato da memória social**: a obra de Augusto Malta na belle époque carioca. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

THIESEN, I. **Memória Institucional**. João Pessoa: EDUFPB, 2013. 312p.

VEGA-ALMEIDA, R.L.; FERNÁNDEZ-MOLINA, J. C.; LINARES, R. Coordenadas paradigmáticas, históricas y epistemológicas de la ciencia de la información: una sistematización. **Information Research**, Boras, 2009, v. 14, n. 2, p.399.

VITORIANO, M. C. C. P. **Obrigação, controle e memória. Aspectos legais, técnicos e culturais da produção documental de organizações privadas**. 2012. 356 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

VREEKEN, A. **Notions of information**: a review of literature. Amsterdam: Primavera Working Paper Series, v.13, 2002.

ZEMAN, J. Significado filosófico da noção de informação. *In*: ROYAUMONT, C. de (Org.). **O conceito de informação na ciência contemporânea**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

ZUTIM, S. **Notícia virtual**: um olhar sobre a linguagem imagética. 2009. 105 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2009.

WILDEN, A. **Informação**. 23. ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 2001.

WHITROW, G. J. **O tempo na história**: concepções do tempo da pré-história aos nossos dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. p.17

ANEXO A - CARTA DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DIRETORIA DO COLÉGIO DOM AGOSTINHO IKAS DA UFRPE-CODAI



AUTORIZAÇÃO Nº 135/2022 - CODAI-UFRPE (11.01.66)

Nº do Protocolo: 23082.011115/2022-86

Recife-PE, 20 de abril de 2022.

Autorizo para os devidos fins de desenvolvimento de Projeto de Pesquisa intitulado "Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas da UFRPE: um estudo de reconstrução da memória institucional através das fotografias", realizado pelo sr. Paulo Victor dos Santos Crispim, discente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, para pesquisar o conjunto iconográfico do Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas da UFRPE (CODAI) no período de acesso ao acervo entre de abril de 2022 a fevereiro de 2023.

(Assinado digitalmente em 20/04/2022 11:47)

MICHEL SATURNINO BARBOZA

DIRETOR GERAL - TITULAR

CODAI-UFRPE (11.01.66)

Matrícula: 1581098

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sigs.ufrpe.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: 135, ano: 2022, tipo: AUTORIZAÇÃO, data de emissão: 20/04/2022 e o código de verificação: deb50607e0

ANEXO B - LEI MUNICIPAL DE VENDA DO PRÉDIO DO CODAI CENTRO

Na pauta da reunião de 12/09/98

Santana Alves de Sousa
Presidente

PREFEITURA MUNICIPAL
SÃO LOURENÇO DA MATA
CÂMARA MUNICIPAL DO MUNICÍPIO
MANTENDO O QUE É BOM NA LEI

São Lourenço da Mata, 15 de setembro de 1998. *

LEI Nº 1.931/98

EMENTA: Concede permissão à UFRPE para vender o prédio onde hoje funciona o CODAI, e dá outras

O PREFEITO DO MUNICÍPIO DE SÃO LOURENÇO DA MATA, no uso das atribuições que lhe são conferidas, faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - Fica o Chefe do Poder Executivo autorizado a permitir que a Universidade Federal Rural de Pernambuco - (UFRPE) venda o prédio do antigo Ginásio Municipal, onde hoje funciona o Colégio Agrícola Dom Agostinho (IAS) (CODAI), doado àquela instituição de ensino superior através da Lei Municipal Nº 1.285/73; localizado nesta cidade, reservando-se ao Município o direito de acesso a todas as informações pertinentes a tal venda.

§ 1º - A venda só se concretizará se o Município, representado pelo Prefeito, concordar, por escrito, com as condições do negócio.

§ 2º - Se, para a realização da venda, for necessária a formalização prévia de autorização de venda, protocolo ou contrato de antecipação de recursos, o Município, também representado pelo Prefeito, poderá, se preciso, comparecer nesses instrumentos como interveniente.

Art. 2º - O produto da venda do referido imóvel será destinado à construção e instalação de outro colégio voltado para a educação profissional, a prática e a pesquisa, na área de Ciências Agrárias, no Município de São Lourenço da Mata.

Art. 3º - O novo imóvel, incluindo o terreno, as edificações e benfeitorias, não poderá ser alienado, a qualquer título nem ser destinado a finalidade diversa da prevista no artigo anterior, bem como não poderá ficar em absoluta ociosidade por mais de um ano, sem autorização do Município concedida através de Lei Municipal específica.

RAÇA AMALU SOBRINHO, S/N - CENTRO - CEP 54736-970 - SÃO LOURENÇO DA MATA - PE - FONE 3810233391 - FAX 3810233448 - CSC 11.251.838-0001-20

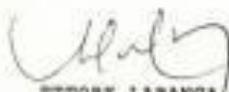
MUNICÍPIO DE SÃO LOURENÇO DA MATA**SÃO LOURENÇO DA MATA****MUNICÍPIO DE SÃO LOURENÇO DA MATA**

PARÁGRAFO ÚNICO - Na hipótese de desativação, alienação ou mudança na destinação do novo imóvel, sem a competente concordância do Município, obrigará-se a UFRPE a reembolsar à Prefeitura o valor obtido na venda do prédio caracterizado no Art. 1º, devidamente corrigido pelo índice oficial mais aplicável ao caso.

Art. 4º - O Município poderá utilizar-se das instalações do novo Colégio, dentro da sua área de atuação, mediante convênio de cooperação mútua celebrado com a UFRPE.

Art. 5º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário, particularmente as consubstanciadas na Lei Nº 1.285 de 22-02-73.

Gabinete do Prefeito do Município de São Lourenço da Mata, em 15 de setembro de 1998.



ETTORE LABANGA
Prefeito

EL/jde

R. LA ABALDI SOBREIRO, 14 - CENTRO - CEP 54700-000 - SÃO LOURENÇO DA MATA/PE - FONE (081) 525-8291 - FAX (081) 525-0481 - CEC 11.351.813/0000-01

ANEXO C - ORGANOGRAMA DO CODAI



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
COLÉGIO AGRÍCOLA DOM AGOSTINHO IKAS

ORGANOGRAMA DO CODAI

